



**PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS EDUCACIONAIS
(PROGEPE)**

**A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA NA SALA DE
AULA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL
DE SÃO PAULO**

MARY ANNE DE OLIVEIRA SENA

SÃO PAULO

2020

MARY ANNE DE OLIVEIRA SENA

**A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira

São Paulo

2020

Sena, Mary Anne de Oliveira.

A disciplina e a indisciplina na sala de aula em uma escola pública estadual de São Paulo. / Mary Anne de Oliveira Sena. 2020.

127 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2020.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Rosiley Aparecida Teixeira.

Disciplina. 2. Indisciplina. 3. Sala de aula. 4. Escola pública.

Teixeira, Rosiley Aparecida. II. Título.

CDU 372

MARY ANNE DE OLIVEIRA SENA

**A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora formada por:

São Paulo, 27 de março de 2020.

Presidente: Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira – Orientadora
Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Membro: Prof. Dr. Marcus Vinicius Francisco
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE

Membro: Profa. Dra. Adriana Aparecida de Lima Terçariol
Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Suplente: Profa. Dra. Nima Imaculada Spigolon
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Suplente: Profa. Dra. Patrícia Aparecida Biotto-Cavalcanti
Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Dedico este trabalho aos seres humanos que acreditam na educação com base na **Escuta**, diálogo e conexão pelo olhar.
Olhar: olhos nos olhos...

AGRADECIMENTOS

A Deus porque tenho fé.

À Universidade Nove de Julho (UNINOVE), pela concessão da bolsa de estudos para o mestrado.

À minha querida e estimada orientadora Profa. Dra. Rosiley A. Teixeira, pelo acolhimento, respeito, ensinamentos e apoio nos momentos difíceis que fazem parte da trajetória da pesquisa e da escrita. Por suas aulas dialógicas e por compartilhar um pouco da sua trajetória de vida profissional e os momentos de superação. Exemplo! Minha sincera gratidão.

Aos membros da banca, Profa. Dra. Adriana Aparecida de Lima Terçariol, da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e Prof. Dr. Marcos Vinicius Francisco, da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), pelas valorosas contribuições ao texto e pela gentileza nas suas sugestões.

Ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), pelo respeito e trocas de experiências proporcionados nos encontros e nas aulas dialógicas. Em especial, ao Prof. Dr. Jason Ferreira Mafra, pelas indicações de leitura, pelos exemplos compartilhados na sua trajetória docente e pela humildade em suas explicações e contribuições acadêmicas.

Ao grupo de pesquisa Infância, Escola e Formação de Professores: Estudos Contemporâneos, pelos momentos de estudos reflexivos e o compartilhar das ações e inquietações da carreira docente, com base nas experiências vividas: cultural, social, curricular e pedagógica, desenvolvidas em instituições educativas.

À Aline Alves e Jennifer Lopes, colaboradoras na secretaria do PROGEPE, pela ajuda e delicadeza nas demandas burocráticas do curso.

Às companheiras de mestrado, Camila Ericka, Isis Grace e Regina Célia, pela solidariedade nos momentos de escrita, eventos e compromissos acadêmicos. Obrigada, meninas!

À Unidade Escolar, por autorizar a realização da pesquisa.

Aos estudantes do 5º ano e familiares que aceitaram fazer parte desta pesquisa, por confiar no meu trabalho em sala de aula e por me surpreender com palavras, cartinhas escritas e desenhadas, além das visitas e mimos, mesmo após o término das aulas.

Agradecimentos e gratidão à minha família:

Marcos F. Sena, esposo, companheiro, amigo e admirador declarado! Por acreditar e incentivar e não me deixar desistir de realizar os meus sonhos e objetivos.

À minha primogênita Anny Marie, e ao meu caçula Murilo, por me oferecer ajuda, me abraçar e dizer: Eu te amo! Nos momentos em que a emoção extrapolava em lágrimas, ao serem contidas com um afago no rosto e a fala: “Calma, mãe. Você vai conseguir!”.

Aos meus exemplos de vida: minha amada vó Clarice, pela criação, cuidados, carinho e por dizer que tem orgulho de a neta ser professora. Minha amada mãe Dalva, mulher nordestina, guerreira, honesta, humilde e com uma sabedoria ímpar. Minha inspiração pessoal e profissional, que apesar de ter “pouco estudo” (como ela diz), conseguiu vencer as suas dificuldades financeiras e criou seus filhos com amor, escuta e muito diálogo.

Ao meu irmão Marcos C. de Oliveira, por me proteger, ajudar e dizer “eu te amo”, nos momentos que eu mais precisei ouvir, e por dizer aos meus filhos que eu sou um exemplo de filha e de estudante.

Agradeço antecipadamente a atenção do leitor e da leitora e espero que esta pesquisa possa ser útil para a prática docente.

Toda a operação no mundo envolve uma certa compreensão dele, um certo saber do processo de operar, uma verificação dos achados que a intervenção produziu e, antes de tudo, os fins que ela se propõe. A criação de novas técnicas de intervenção no mundo se intensifica na medida em que se acelera o ritmo das mudanças conquistadas pelas técnicas cada vez mais adequadas aos desafios. A rigorosidade dos métodos científicos de aproximação aos objetos de conhecimento provoca uma maior exatidão nos achados. (FREIRE, 2013, p. 33).

RESUMO

SENA, Mary Anne de Oliveira. **A disciplina e a indisciplina na sala de aula em uma escola pública estadual de São Paulo**. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2020.

Este estudo vincula-se ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE – UNINOVE), especificamente à Linha de Pesquisa e de Intervenção – Metodologia de Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE). Propôs-se como objeto de pesquisa a disciplina e a indisciplina na sala de aula. Partindo desse objeto, emergiram algumas inquietações que motivaram e direcionaram o desenvolvimento desse assunto: O que pode ser considerado disciplina e indisciplina no ambiente escolar? É possível estabelecer diálogos (estudantes e professora) sobre a disciplina e a indisciplina na sala de aula? Com os questionamentos apresentados, delimitou-se como objetivo geral mediar o diálogo e a escuta como locus de reflexão coletiva sobre os fundamentos da relação professora e estudantes na sala de aula. Como objetivos de pesquisa, elencamos: (1) identificar a relação existente nos processos disciplinares estabelecidos em sala de aula sob a ótica dos estudantes; (2) verificar as possibilidades de interação e diálogo entre estudantes e professora; (3) analisar a relação entre a disciplina e a indisciplina existentes na sala de aula como possibilidade de reflexão; e (4) propor, a partir da análise dos dados, juntamente com as participantes da pesquisa, possíveis mediações dos conflitos “gerados pela indisciplina”. Derivando dos objetivos apresentados, a pesquisa foi desenvolvida segundo uma abordagem qualitativa, por meio da metodologia de pesquisa-ação-intervenção, pautada no princípio da escuta dos envolvidos no processo. A pesquisa foi realizada a partir da observação e intervenção da própria prática da professora, ou seja, a relação professora-pesquisadora e seus estudantes, na qual puderam dialogar e refletir sobre as dificuldades em escutar, conversar e modificar a indisciplina em uma possibilidade de reflexão. Os instrumentos adotados para a coleta de dados foram: conversas gravadas e transcritas, questionário com perguntas abertas e registros das observações. Definiu-se como universo da pesquisa uma escola pública estadual na zona leste de São Paulo (SP) de codinome Transformação. Os sujeitos foram: trinta e dois estudantes do 5º ano referente aos Anos Iniciais e a professora-pesquisadora. Para tanto, a pesquisa esteve pautada, principalmente, nos estudos de Aquino, Estrela, Vasconcellos e Freire e os principais resultados mostraram que o diálogo permitiu um processo de percepção sobre a disciplina necessária ao desenvolvimento da aprendizagem, principalmente dos estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizado e de conduta, o que resultavam em atos considerados indisciplinados. A escuta e o diálogo aprimoraram a relação entre professora e estudantes. Foi possível perceber avanços nas relações e no convívio entre os sujeitos na sala de aula, principalmente daqueles que eram considerados indisciplinados.

Palavras-chave: Disciplina. Indisciplina. Sala de aula. Escola pública.

ABSTRACT

SENA, Mary Anne de Oliveira. Good and bad behavior in the classroom at a Public School from Sao Paulo. 2020. 127 f. Master's Degree Dissertation – Educational Management and Practice Program, Universidade Nove de Julho, Sao Paulo, 2020.

This study is affiliated to Educational Management and Practice Program, Universidade Nove de Julho (PROGEPE – UNINOVE), specifically to research and intervention line – Learning Methodology and Teaching Practices (LIMAPE). It was proposed as object of research the good and bad behavior in the classroom. Starting from this point some questions risen and they motivated and guided this specific subject development: what may be considered as good and bad behavior into school environment? Is it possible to build dialogue between teachers and students about good and bad behavior into the classroom? Starting from these questions, it was delimited as a general objective to mediate the dialogue and the student's listening regarded to the basis from teachers and students' relationship into the classroom. As the objectives of this research we raised: (1) identify the relationship among disciplinary processes established in the classroom and under students' vision; (2) to check the interactions and dialogue possibilities among students and teachers; (3) to analyze the relationship between good and bad behavior into the classroom as a reflexing possibility; and (4) propose from the data collected and analyzed, together with the study participants, possible conflicts mediation risen by bad behavior. From the objectives introduced, this research was developed following a qualitative approach, applied from a research-action-intervention, based in the principle of hearing all participants in the process. This research was developed from the observation and intervention of its own teacher's *práxis*, in other words, the relationship teacher-researcher and its students, when they could talk and think about their difficult in listening, talking and modifying the interdisciplinary environment in a way that it is possible to think about it. The instruments used in data collection were: recorded and late transcribed talking, questionnaires with open questions and observation records. It was defined as the research universe a public state school from east zone of Sao Paulo, school which will be called under the codename Transformation. As researches subjects were taken thirty-two students from the 5th grade and early years and the researcher teacher. To fulfill proposals, this research is based on Aquino, Estela, Vasconcellos and Freire's studies. The research main results have shown that the dialogue had allowed the perception process about the correct behavior to the learning development, mainly from those students who had shown behavior difficulties and which students who were considered as having bad behavior. It was possible to realize advances regarded to the living conditions among the subjects in the classroom, mainly the ones previously considered as having bad behavior.

Key words: Good behavior, Bad behavior, Classroom, Public school.

RESUMEN

SENA, Mary Anne de Oliveira. Disciplina e indisciplina en el aula de una escuela pública estatal en São Paulo. 2020. 127 f. Disertación (Maestría) - Programa de Maestría en Gestión y Prácticas Educativas, Universidad Nove de Julho, São Paulo, 2020.

Este estudio está vinculado al Programa de Maestría en Gestión y Prácticas Educativas de la Universidad Nove de Julho (PROGEPE - UNINOVE), específicamente en la Línea de Investigación e Intervención - Metodología de Aprendizaje y Prácticas de Enseñanza (LIMAPE). Esta investigación tiene como objeto de estudio la disciplina e indisciplina en el aula. A partir de este punto, surgieron algunas preocupaciones que motivaron y dirigieron el desarrollo de este tema: ¿Qué se puede considerar disciplina e indisciplina en el entorno escolar? ¿Es posible establecer diálogos (alumnos y docentes) sobre disciplina e indisciplina en el aula? Con las preguntas presentadas, el objetivo general era mediar el diálogo y la escucha como un lugar de reflexión colectiva sobre los fundamentos de la relación entre el docente y los estudiantes en el aula. Como objetivos de investigación, enumeramos: (1) identificar la relación existente en los procedimientos disciplinarios establecidos en el aula desde la perspectiva de los estudiantes; (2) verificar las posibilidades de interacción y diálogo entre estudiantes y docente; (3) analizar la relación entre disciplina e indisciplina en el aula como una posibilidad de reflexión; y (4) proponer, a partir del análisis de los datos, junto con los participantes de la investigación, posibles mediaciones de conflictos "generados por la indisciplina". Derivando de los objetivos presentados, la investigación se desarrolló de acuerdo con un enfoque cualitativo, a través de la metodología de investigación-acción-intervención, basada en el principio de escuchar a los involucrados en el proceso. La investigación se realizó a partir de la observación e intervención de la propia práctica de la profesora, es decir, la relación profesora-investigadora y sus alumnos, en la que podían dialogar y reflexionar sobre las dificultades para escuchar, hablar y modificar la indisciplina en una posibilidad de reflexión. Los instrumentos adoptados para la recolección de datos fueron: conversaciones grabadas y transcritas, cuestionario con preguntas abiertas y registros de observaciones. La investigación fue realizada en una escuela pública estatal en la región este de la ciudad de São Paulo (SP) con nombre en clave de Transformación. Los sujetos fueron: treinta y dos estudiantes del 5º año referente a los Años Iniciales y la profesora-investigadora. Con este fin, la investigación se basó principalmente en los estudios de Aquino, Estrela, Vasconcellos y Freire y los principales resultados mostraron que el diálogo permitió un proceso de percepción sobre la disciplina necesaria para el desarrollo del aprendizaje, especialmente de los estudiantes que tenían dificultades de aprendizaje y conducta, que resultó en actos considerados indisciplinados. La escucha y el diálogo mejoraron la relación entre profesora y estudiantes. Fue posible notar avances en las relaciones y en la interacción entre los sujetos en el aula, especialmente aquellos que fueron considerados indisciplinados.

Palabras clave: Disciplina. Indisciplina. Aula. Escuela pública.

LISTA DE SIGLAS

AAP	Avaliação da Aprendizagem em Processo
ADC	Avaliação Diagnóstica Complementar
AMA	Assistência Médica Ambulatorial
AOE	Agente de Organização Escolar
APM	Associação de Pais e Mestres
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COHAB	Companhia Metropolitana de Habitação
DP	Departamento de Polícia
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMAI	Ensino Matemática dos Anos Iniciais
GOE	Gerente de Organização Escolar
MMR	Método de Melhoria de Resultados
MSU	Movimento dos Sem Universidade
PCP	Professor Coordenador Pedagógico
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SARESP	Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SED	Secretaria Escolar Digital
UE	Unidade Escolar
UNINOVE	Universidade Nove de Julho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	19
1.1 AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA	20
1.2 O QUE O LEITOR VAI ENCONTRAR NA PRESENTE PESQUISA?	23
2 PERCURSO METODOLÓGICO	25
2.1 NATUREZA DA PESQUISA	25
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA	25
2.3 CONTEXTO DA ESCOLA PESQUISADA: CARACTERIZAÇÃO	30
2.4 SUJEITOS DA PESQUISA: OS ESTUDANTES E A PROFESSORA- PESQUISADORA COMO OBSERVADORA-PARTICIPANTE	34
2.5 RECURSO PARA OBSERVAÇÃO E REGISTROS	42
2.5.1 O livro de ocorrências: bater e socar	43
2.5.2 A família, suas solicitações e inquietudes	48
3 A ESCOLA E O ESCOLAR, ENTRE O APRENDER E O CONHECER: DA INDISCIPLINA À DISCIPLINA	55
3.1 A ESCOLA	55
3.2 A ESCOLA E O ESCOLAR	59
3.2.1 O aprender e o conhecer	61
3.3 CONVERSAS SOBRE A ESCOLA	64
3.4 DA INDISCIPLINA PARA A DISCIPLINA	69
3.5 O AMBIENTE ESCOLAR COMO ARTICULAÇÃO PARA DIALOGAR E MEDIAR A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA	81
3.6 DIÁLOGOS SOBRE A (IN)DISCIPLINA	85
3.7 ORGANIZAR A SALA DE AULA E A DISCIPLINA PARA APRENDIZAGEM	90
3.8 DIÁLOGOS SOBRE A DISCIPLINA	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICE A – Autorização para realização de pesquisa	108
APÊNDICE B – Autorização para participação do estudante em pesquisa	109
APÊNDICE C – Nome, segundo nome e iniciais adotadas para identificar os estudantes	110

APÊNDICE D – Questionário de pesquisa: estudantes	112
APÊNDICE E – Transcrição dos áudios das conversas com os estudantes sobre a disciplina e a indisciplina	114
APÊNDICE F – Conversa com os estudantes sobre a opinião deles referente à escola e à indisciplina	118
APÊNDICE G – Combinados elaborados com a turma de 5º ano.....	127

APRESENTAÇÃO

Filha de pais separados, fui criada por minha avó materna enquanto minha mãe trabalhava para garantir nosso sustento. Com muitas dificuldades, aprendi que a educação escolar, com o aprendizado dos conhecimentos sistematizados cientificamente, poderia ser um meio para superar as dificuldades pessoais e financeiras e, assim, tornar-me autônoma. A partir da fala de algumas professoras na minha trajetória acadêmica que, de modo sucinto, diziam que o conhecimento aprendido e apreendido jamais é tirado de nós, comecei a refletir não só sobre as ações imediatas, mas sobre o que ocorreu antes para que estas situações fossem classificadas como “boas” ou “ruins”.

Mas, afinal, o que classifica uma situação como boa ou ruim? Isso depende de um ponto de vista, um conjunto de valores e vivências de seres históricos que, ao ingressar no ambiente escolar, carregam experiências e conhecimentos que podem ser aprimorados ou modificados. Entretanto, para chegar a esse pensamento, levei muitos e muitos anos, e somente após várias discussões dialógicas com professoras que me preparavam para lecionar para estudantes de idades entre seis e dez anos em média, percebi o quanto a nossa constituição enquanto sujeitos transformadores da sociedade era influenciada pelas relações que se estabeleciam na escola.

Foi escutando e compartilhando as minhas dúvidas e questionamentos que algumas professoras me fizeram refletir sobre a importância da educação, mas principalmente sobre a importância do diálogo. Como me relacionar com meus futuros estudantes? Percebi, ainda em meu primeiro período de formação para a docência, que o diálogo com eles, para além das questões de ensino e aprendizagem, seria fundamental para as nossas relações interpessoais e, conseqüentemente, para a manutenção de um clima escolar agradável, reconhecendo que isso influenciaria diretamente na aprendizagem. Comecei, também, a me questionar sobre como foi que aprendi a gostar tanto de estar na escola e fazer parte do ambiente escolar e quais eram as características das situações vividas que faziam me sentir protegida naquele ambiente.

Ao lembrar o que me causava bem-estar de viver as situações da escola, pude notar que não foram só os ensinamentos teorizados, mas os dialogados, por meio de uma relação de comunicação ativa que me levaria a uma análise de muitas situações vividas na infância que fizeram parte de meu desenvolvimento emocional e intelectual. As professoras que mantinham um diálogo comigo não mantinham só seus ensinamentos na fala, mas sim nas ações, no acolhimento, na aproximação do relacionamento, no olhar nos olhos que demonstravam que elas se importavam comigo.

Na EMEI “Clara Nunes”, estudei de 1985 a 1987. Nos momentos em que estava na escola, conseguia esquecer os problemas vividos em casa e fazia o que mais gostava: brincar e aprender coisas novas e desafiadoras. Minhas professoras conversavam e apresentavam os conteúdos com muita alegria e com muitas cantigas, mas confesso que o momento que eu mais esperava era aquele em que fazia uso do caderno de listras verdes, quadriculado (também chamado de pedagógico) – eu já o havia visto em outras salas de aula, outros colegas utilizando-os e ficava olhando admirada a concentração da maioria em fazer as tarefas com lápis, caderno e uma das mãos. Eu ainda estava na fase do monta-monta, da massinha, pintura com dedo, recorte, colagem e artesanato com bolinha de crepom e palito de sorvete, e, mesmo assim, achava tudo na escola espetacular. Quando chegava o momento de fazer as tarefas no caderno, ficava tão feliz que quando terminava a tarefa apagava e fazia tudo novamente, sempre tentando fazer o traço igualzinho ao da professora.

A minha ansiedade em querer fazer coisas que os colegas de outra turma faziam era provocada pela curiosidade ao perceber como as outras crianças utilizavam caderno, lápis ou canetas hidrográficas para escrever letras e palavras que ainda não tinha compreensão, mas eu queria entender. Ao passar pelas outras salas de aula, andava devagar e ia contemplando as tarefas e explicações de turmas que estavam em um nível de ensino mais avançado que o meu. Quando retornava à sala de aula, contava para a professora que tinha visto as crianças realizando atividades no caderno e queria fazer igual. Para conter a minha ansiedade e satisfazer um pouco a minha curiosidade, minhas perguntas eram contidas gentilmente pela professora, que explicou sobre as aprendizagens escolares, dos requisitos necessários para ler e escrever (decodificar para depois interpretar), e em breve estaria utilizando o caderno e fazendo atividades variadas. O que ela queria me dizer era que, para determinado aprendizado, precisávamos ter conhecimentos aprendidos que são base e fundamentam outros.

Em 1988, com sete anos, ingressei na 1ª série D, na E.E. “Victório Américo Fontana”. Com a cartilha “Mundo Mágico”, minha alfabetização, que havia sido iniciada na EMEI, foi evoluindo a cada dia. Apesar dos desafios diários, estar na escola e aprender os conhecimentos sistematizados cientificamente me suspendia por um tempo das dificuldades e, às vezes, da fome.

Na escola, ouvia sobre o “gostar de estudar”, de cumprir os combinados, de respeitar as professoras e colegas, e sobre como deveríamos fazer para manter a organização das nossas ações, com relação ao ambiente da sala (falar, movimentar-se, pegar livros e objetos didáticos). Todas as regras eram impostas pela professora. Nós não participávamos da elaboração e não

tínhamos o direito de opinar sobre elas; mas mesmo que não concordasse, eu obedecia. Quando aconteciam na sala de aula ações que fugiam às regras, cada professora tinha uma estratégia para lidar com elas, quase sempre optando por punir o estudante que não estava se comportando adequadamente (casos que, enquanto aluna, eu já classificava como bagunça ou falta de respeito).

Durante minha vida escolar, não pensava e nem ouvia por parte dos/as professores/as os termos “disciplina” e/ou “indisciplina”; o que ouvia de minhas professoras era que devíamos respeitar e cumprir as regras, caso contrário seríamos classificados como “bagunceiros”. Comecei a perceber que o diálogo ficava cada vez mais escasso. As atitudes que eram categorizadas com ato indisciplinado eram julgadas a partir de um único ponto de vista e não se perguntava o que havia ocasionado determinada ação. Os meninos e meninas “bagunceiros” nunca participavam do processo de julgamento das próprias ações.

Reforçando o que vivenciava na escola, no convívio familiar, aprendi que para ser uma menina educada tinha que controlar meus movimentos, saber sentar (de pernas fechadas e cruzadas com as mãos no joelho), saber andar (caminhar com o corpo ereto e olhando para frente, sem ficar saltitando, correndo ou balançando muito os braços), saber a hora certa de falar (não interromper, falar e cantar em tom baixo), e sempre respeitar os mais velhos, principalmente os/as professores/as. Na escola tentava fazer tudo o que me haviam ensinado em casa, mas a vontade de transgredir essas regras era enorme. Eu queria poder brincar, “bagunçar”, conversar e rir alto, por isso muitas vezes os/as professores/as se queixavam que eu falava muito e atrapalhava a aula. Algumas vezes essas reclamações chegavam à minha vó materna que reforçava que eu não podia falar na escola sem permissão e me fazia relembrar nossa situação de vida difícil. Para minha avó, era urgente que eu mudasse minhas atitudes, me comportasse segundo aquilo que esperavam de mim, caso contrário não ia ser “nada na vida”, estaria para sempre “arruinada” e destinada a reproduzir a vida que ela e minha mãe viviam.

Com as queixas dos/as professores/as sobre minhas atitudes e a minha vó me relembrando todas as nossas dificuldades e que crianças que não obedeciam não tinham futuro “na vida”, eu, que queria um futuro diferente, fui silenciando e me tornando uma pessoa introvertida em sala de aula, ajudava no que precisasse, sempre me colocando à disposição dos/as professores/as e de colegas que tinham dificuldades nas tarefas, mas sempre me vigiando para que minhas atitudes não resultassem em uma condenação. Assim, as queixas começaram a cessar e descobri que ajudar e ensinar alguém era gratificante e fazia com que, ao invés de reclamações, eu pudesse receber agradecimentos (inconscientemente, sentia que enquanto

“ajudava” um colega podia interagir com ele, conversar e até rir, coisas que eu mais desejava poder fazer). A cada agradecimento e solicitação de ajuda nas tarefas, eu me sentia importante e feliz, pois afinal era útil em alguma coisa. Logo comecei a perceber que assumia muitos compromissos, pois para ajudar a professora da sala tinha que terminar toda a tarefa e ter acertado tudo para depois registrar a lição na lousa (cópia de textos) e em seguida ajudar quem precisasse, de acordo com a orientação. Para dar conta de tudo isso, ficava estudando e tentando escrever o mais rápido possível. Organizar tarefas, compartilhar aprendizados e ensinamentos e a gratidão dos colegas e de algumas professoras, levou-me ao magistério, como possibilidade de continuar ensinando e ajudando quem precisasse de um aprendizado mais individual – que era o que eu fazia enquanto aluna –, mas percebi, durante os estágios obrigatórios e supervisionados, que as atribuições de uma professora iam além do que eu imaginava: eu não ensinaria um de cada vez, seriam turmas com uma média de 30 a 40 estudantes, com ritmos de aprendizagem diferentes. A docência começou a se revelar como muito mais do que “copiar do livro para lousa, explicar, fazer tarefas, corrigir e vamos para o próximo assunto”. As atribuições e desafios começavam a se revelar assustadores e eu me dividia entre o prazer de poder ensinar, algo que me foi despertado ainda na infância, e a possibilidade de ter este sonho frustrado.

Ao terminar o magistério, não pude ingressar no curso superior, e como estava com medo de assumir uma sala de aula lotada de estudantes que poderiam ser “indisciplinados” e não saber como lidar com questões referentes à indisciplina, fui trabalhar em outra área, a princípio como ajudante em uma fábrica de bolsas e acessórios. Com o passar do tempo e as especializações, além de prestar serviços fazendo projetos e desenvolvimento de peças exclusivas ou customizadas para grifes de São Paulo e do Rio de Janeiro, lecionava aulas teóricas e práticas para quem estivesse interessado em gerir seu próprio negócio, quanto ao desenvolvimento do desenho técnico e ao desenvolvimento da peça (bolsas ou acessórios femininos, especificamente) para ser entregue ao consumidor. Conseguia me manter financeiramente, mas não tinha ainda condições de pagar as mensalidades de um curso superior. Comecei a fazer parte do “Movimento dos Sem Universidade” (MSU), que surgiu em 2000, cujo principal projeto era o Cursinho Popular na Periferia. Comecei a participar desse cursinho gratuito em 2006, com foco e dedicação buscando um bom resultado no Enem para conseguir uma bolsa de estudos. Assim, tive condições acadêmicas para ser aprovada; além disso, pude entender a importância dos movimentos populares. Com um bom resultado no Enem, consegui a bolsa integral de estudos pelo ProUni e comecei a estudar na Universidade Nove de Julho

(Uninove), na graduação do curso de Pedagogia, na turma do primeiro semestre de 2008. Como estava grávida e faltavam dias para minha filha nascer, saí de licença maternidade e retornei no segundo semestre de 2008.

No curso de Pedagogia, com a leitura da obra de Aquino (1996), deu-se início ao meu interesse pelas questões que envolviam a indisciplina na escola, que até então eu entendia como cumprir ou não cumprir algo que foi determinado, obedecer ou não obedecer. No ano de 2011, ao terminar a graduação no curso de Pedagogia, e com determinação para assumir o magistério, descobri que estava grávida do meu segundo filho. Resolvi, durante a gestação, fazer uma pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, também na Uninove. Quando terminei a pós-graduação e após o nascimento de meu segundo filho, decidi me dedicar à maternidade por dois anos, para então retomar o meu sonho de ser professora. Em 2014, após prestar prova para Categoria O (professora contratada por tempo determinado no Estado de São Paulo), participei do processo de atribuição de aula na Diretoria de Ensino Leste 3 e, finalmente, consegui ingressar no magistério no Projeto de Recuperação Paralela, no qual pude ministrar aulas para estudantes que tinham defasagem na aprendizagem.

Na escola onde comecei, a diretora Denise, a vice-diretora Adriana e a coordenadora pedagógica Priscila me acolheram com palavras de incentivo, pois perceberam a minha insegurança e o medo de não saber lidar com as ações dos meninos e meninas considerados indisciplinados. Resumidamente, o que me explicaram é que o meu medo não poderia me engessar, que eu tinha que enfrentar a situação e que se fosse necessário me auxiliariam.

Aceitei e percebi que o medo que me atormentava estava pautado na fala de outros professores, quando descreviam a indisciplina como “causa perdida”, “que os estudantes de antigamente eram melhores, obedeciam mais”, entre outras tantas falas que são recorrentes na sala dos professores ainda hoje. Sempre vi a questão da indisciplina como um desafio pessoal, por isso me dedicava a entender sua causa, buscando meios para poder interpretá-la. Conforme fui me aperfeiçoando nos estudos sobre esta temática e amadurecendo com as experiências vividas em sala de aula, percebi que pensava apenas na indisciplina, não me atentando a outras questões tão importantes como a própria disciplina.

Para refletir sobre a indisciplina, precisava compreender o que era disciplina e foi com autores como Aquino (1996), Estrela (2002) e Vasconcellos (2009) que pude perceber que as questões eram bem mais amplas do que as ações entre obedecer e não obedecer. Havia a necessidade de repensar a relação entre professora e estudante, os diálogos, momentos de escuta, a utilização dos saberes teóricos na prática, além de observar e organizar um ambiente

para que o clima escolar fosse favorável para um bom desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Percebi que precisava estudar mais para compreender essas questões.

O meu desafio seria compreender o comportamento dos estudantes considerados indisciplinados, qual a sua interação com o aprendizado e com quais estratégias poderia melhorar o relacionamento na sala de aula para fazer-lhes compreender que a organização e o rigor nos estudos e nos combinados nem sempre são punitivos, mas um meio necessário à organização do convívio entre os estudantes e a professora da sala de aula.

Mas, ainda assim, questionava-me sobre o que considerava como disciplina e indisciplina na sala de aula. Embora tenha lido e estudado a obra de Aquino (1996), a cada nova releitura havia um conflito do meu entendimento relacionando a disciplina ao comportamento esperado. Desafiar a minha indagação me levou a refletir sobre algumas questões: Como se constituía a disciplina? Quais seriam as estratégias para lidar com situações adversas? Como dialogar com os estudantes sobre o assunto? Esses eram os questionamentos que eu fazia para tentar entender o que seria disciplina e indisciplina, porém percebi que ainda prevalecia em mim a concepção de que o estudante, para ter disciplina, deveria ter uma ação segundo aquilo que lhe era esperado e que não se diferenciava daquelas ações de conduta que esperavam de mim quando iniciei meus estudos. Dialogar, compreender questões como a disciplina e indisciplina na sala de aula a partir da minha prática, como fazer as observações, como ser imparcial, eram problematizações com as quais me deparava todos os dias quando entrava na sala de aula.

Tais questões foram me incomodando, e com esses questionamentos resolvi ingressar no mestrado. A pesquisa sobre o tema, as minhas experiências enquanto professora e a literatura consultada, juntamente com a mediação da minha orientadora, possibilitariam chegar a considerações que proporcionassem aos estudantes e a mim momentos de reflexão e partilha de narrativas que pudessem responder as nossas inquietações (minha de poder entendê-los e as deles de poderem falar e serem ouvidos sobre determinadas ações, consideradas indisciplinadas). Nesta busca, o diálogo e as ações dialógicas sempre me apareceram como uma forma para poder transformar as incertezas em caminhos para resolver inquietudes e desentendimentos: precisávamos dialogar, nos comunicar, principalmente por meio de uma comunicação iniciada com perguntas e não com acusações desprovidas de conhecimento de causas e circunstâncias.

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina é geralmente compreendida como o descumprimento das ordens que são regidas pelos/as professores/as, seja ela por não cumprir o que foi estabelecido ou acordado entre os sujeitos da turma ou qualquer outro ato que possa interferir na dinâmica da sala de aula, ou seja, no trabalho do docente. Quando isso ocorre, é comum buscar mediações para que o impasse da “não obediência” sobre o que foi combinado possa ser compreendido e garanta o ensino e aprendizagem, de modo que ocorram mudanças significativas que façam o estudante perceber que tais atos comprometem o andamento da aula e prejudicam os demais, com paradas para chamar a atenção que deve estar voltada a um bem comum que é aprender algo por meio da escuta, interação, diálogo e tarefas que verificam as aprendizagens.

Deste modo, esta pesquisa visou interrogar para compreender questões de disciplina e indisciplina na sala de aula a partir dos sentidos dados a essas pelos estudantes. Por objetivos específicos, a pesquisa se propôs a verificar como estudantes narram as questões sobre disciplina e indisciplina, se têm conhecimento sobre como ambas as questões podem interferir na organização do ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, no cotidiano da escola. Para tanto, pretendeu-se responder às seguintes questões: O que pode ser considerado disciplina e indisciplina no ambiente escolar? É possível estabelecer diálogos (estudantes e professora) sobre a disciplina, indisciplina na sala de aula?

Para responder ao que se pretendia, optou-se por realizar uma pesquisa-ação-intervenção que partiu da observação para então estabelecer momentos de diálogos entre professora-pesquisadora e estudantes, os quais, juntos, desempenharam um papel ativo de intervenção nas situações cotidianas da sala de aula. Nos momentos dedicados a discutir os conflitos recorrentes na sala de aula, puderam dialogar e refletir sobre as dificuldades em escutar, conversar e transformar a indisciplina em uma possibilidade de reflexão para se conscientizar sobre a disciplina necessária ao processo de aprendizagem, a fim de melhorar a relação professora e estudantes a partir da sala de aula, para que esse trabalho fosse compartilhado no ambiente escolar.

Durante o levantamento bibliográfico que precedeu esta pesquisa, observou-se que Aquino (1996), Estrela (2002) e Vasconcellos (2009) eram os autores mais referenciados para discutir a indisciplina escolar. Por isso, optou-se por utilizá-los como principais referenciais teóricos, sendo Aquino (1996) a base para discutir o conceito de disciplina e indisciplina, do ponto de vista sócio-histórico do estudante e da estruturação escolar, e Estrela (2002) e

Vasconcellos (2009) para pensar a disciplina a partir da prática e da formação do/a professor/a, no sentido da necessidade da formação continuada, pautada na observação e registro das ações cotidianas consideradas como atos indisciplinados, para serem usadas como momentos de reflexão e diálogo.

A pesquisa aconteceu em uma escola de Anos Iniciais do ensino fundamental da rede pública estadual de São Paulo localizada na zona leste da capital. Os sujeitos desta pesquisa foram 32 estudantes com idade entre dez e treze anos, moradores da própria região, de uma turma de 5º ano do período matutino. Proporcionou momentos de escuta, observação e diálogo entre professora-pesquisadora e estudantes sobre as principais queixas que assolam o cotidiano escolar de acordo com suas reclamações com relação aos pares, os relatos gerais da comunidade escolar e as observações realizadas.

A dissertação apresenta o levantamento bibliográfico realizado nos bancos de dissertações e teses: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

1.1 AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA

Para compreender e contextualizar as questões apresentadas na pesquisa, no levantamento bibliográfico, buscou-se verificar as produções que abordavam as questões de disciplina e indisciplina no contexto da sala de aula.

Para verificar quantas pesquisas já foram realizadas e como abordaram os temas citados, o levantamento bibliográfico ocorreu na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nos repositórios de universidades e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), nas quais utilizou-se como filtro o ano de defesa (entre 2008 e 2018), e por documentos da área da educação.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a busca ocorreu com a utilização dos termos: “disciplina escolar”, que resultou em 36 documentos, sendo 25 dissertações e 11 teses; “disciplina”, que obteve 57 resultados, sendo 10 teses e 47 dissertações. Com o termo “indisciplina”, foram obtidos 29 resultados, sendo 4 teses e 25 dissertações; já com os termos “indisciplina escolar”, foram recuperados 8 resultados, sendo 1 tese e 7 dissertações. Entretanto, com a busca dos termos “(In)disciplina escolar na sala de aula” não foi possível recuperar nenhum dado. Para finalizar, o último termo digitado foi “(In) disciplina”,

que resultou no mesmo número de recuperação de dados da “disciplina”. Dessa maneira foi possível perceber que o “in” entre parênteses, quando se quer interpor o sentido de indisciplina na disciplina, não foi reconhecido.

Ainda na base de dados da BDTD, com o termo “clima escolar” entre aspas, para além das opções já indicadas no filtro para o refinamento da recuperação de dados (ano de defesa entre 2008 e 2018 e área da educação), optou-se por selecionar a opção de ensino fundamental, o que resultou em apenas 4 documentos, dentre eles 2 teses e 2 dissertações.

Ao realizar a busca pelos documentos e selecionar alguns deles para realizar a leitura, com foco no resumo, metodologia e considerações, foi possível verificar que, apesar de ter vários trabalhos publicados com os termos pesquisados, muitos deles não iam ao encontro do objeto de pesquisa, que eram as questões referentes à disciplina e indisciplina na perspectiva do estudante e como os conflitos poderiam estruturar uma ação dialógica para um clima escolar favorável à aprendizagem e à relação estudantes e professora, de maneira que essa relação fosse satisfatória para um ensino direcionado ao desenvolvimento de diferentes habilidades e proporcionando uma aprendizagem produtiva, significativa e autônoma que desse possibilidade ao estudante perceber que a disciplina era necessária e a indisciplina podia ser um indício de que as estratégias ou metodologia precisavam ser repensadas pelo/a professor/a.

O levantamento de dados continuou na Capes, no portal de periódicos. A pesquisa foi realizada a partir do refinamento de busca, marcando determinadas opções (periódicos revisados entre pares; educação; data da publicação entre 2008 a 2018; idioma português; tipos de recursos artigos; coleção SciELO Brasil). Após selecionados os ícones, buscou-se pelas seguintes palavras-chave: indisciplina na sala de aula, que resultou em 17 artigos (quando o termo foi colocado entre aspas, não se obteve resultados); disciplina na sala de aula, que resultou em apenas 1 artigo; clima escolar (não foram recuperados dados para esse termo). Com relação à palavra-chave clima escolar, apenas dois artigos foram encontrados na busca avançada.

Partindo da leitura dos resumos, as pesquisas selecionadas resultaram em 3 teses e 8 dissertações que fundamentavam as questões sobre a disciplina e indisciplina na sala de aula e discutiam a questão da formação do/a professor/a e da relação entre estudantes e professor/a.

Na base de dados da SciELO, ao usar o recurso de colocar o termo entre aspas (“ ”), não foi possível encontrar resultados; dessa maneira, a pesquisa dos termos seguiu sem o uso de aspas (“ ”). Ao realizar a busca, nessa base de dados, sobre o clima escolar, para a seleção nos filtros, a fim de refinar a pesquisa, o caminho seguido foi: na barra de busca, foram selecionados todos os índices, digitado o termo clima escolar (sem aspas) e, na opção filtro, selecionados os

itens: Coleções – Brasil; Periódicos – Educação e Sociedade; Idioma – Português; Áreas temáticas – Educação e pesquisa educacional; Tipo de literatura – Artigo; Ano de publicação – Todos. Seguindo essa trajetória, resultou na apresentação de dois artigos: um do ano de 2008 e outro do ano de 2018.

Dentre os trabalhos lidos, quatro se destacaram devido às reflexões e problematizações que apresentavam referentes à conceitualização de disciplina e indisciplina com foco na sala de aula e como elas poderiam influenciar as relações entre os sujeitos. Ao se referir ao clima escolar, na presente pesquisa, entende-se que a constituição de um ambiente que promova a organização democrática e significativa na sala de aula, com ação dos estudantes mediante a reflexão e ação do/a professor/a, poderá contribuir para melhorar as relações não somente na sala de aula, mas também nos espaços de comum convívio na escola.

Em ordem decrescente do ano de publicação, o primeiro foi a tese de Lima (2018), na qual pudemos verificar os estudos e análises de um processo investigativo para a compreensão da indisciplina a partir da teoria da subjetividade, em uma abordagem cultural e histórica que nos propõe refletirmos e compreendermos a indisciplina com foco nas possibilidades do estudante em abandonar o olhar de julgamento e procurarmos entender a subjetividade do comportamento considerado inadequado. Para a autora,

No caso da indisciplina, é importante que o professor perceba que para a criança não é simples cumprir regras ou exigências que lhe são estranhas, que não compreendem ou que não veem sentido. Muitas vezes há exigências que, de fato, elas não conseguem atender, devido à sua falta de conceitos básicos, como é o caso de cobranças relacionadas a conteúdos escolares que deveriam dominar. Não há como apresentar os resultados esperados em relação a tais conteúdos, sem que antes, ela tenha dominado seus requisitos. E, por esta razão, ocorre de os estudantes deixarem de fazer tarefas, de tirarem notas boas, pois se encontram com defasagens e, não simplesmente, por não desejarem colaborar. (LIMA, 2018, p. 143).

De acordo com Lima (2018), sem conhecer os estudantes com relação às suas aprendizagens e condições física e social é incoerente definir o não cumprimento de regras ou tarefas como indisciplina. O/A professor/a precisa conhecer os sujeitos da sala de aula, explicar-lhes como serão feitos os combinados e como será a relação de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, expondo a importância da relação professor/a e estudante e que a pergunta na dúvida não pode ser temida, mas sim estimulada como facilitadora da comunicação e do diálogo.

E, por fim, na tese de Vilassanti (2011), há contribuição para pesquisas em torno das interações sociais na escola, especialmente a partir do conceito de clima escolar. Assim, por meio das referências que fundamentam a sua tese, conseguiu esclarecer que metodologicamente

é correto, para tratamento das interações sociais na escola, o uso do conceito clima escolar, pois revela a articulação de dimensões fundamentais destas interações: a indisciplina ou as incivildades, a violência escolar e o sentimento de insegurança, permitindo ultrapassar certa imediação, com a clara noção de que muito há ainda para ser pesquisado e considerado acerca das interações sociais.

1.2 O QUE O LEITOR VAI ENCONTRAR NA PRESENTE PESQUISA?

A introdução apresenta o objetivo desta pesquisa para compreender questões de disciplina e indisciplina na sala de aula a partir dos sentidos dados a essas pelos estudantes. Para nos dar compreensão e contextualizar as questões apresentadas na pesquisa, no levantamento bibliográfico, buscou-se verificar o que as produções científicas abordavam nas questões de disciplina e indisciplina, no contexto da sala de aula.

No percurso metodológico, visamos apresentar a metodologia e a natureza da pesquisa. Trata do contexto da escola pesquisada que pertence ao Governo do Estado de São Paulo. Denominada de estadual, será nomeada de Transformação¹. Contempla estudantes do primeiro ao quinto ano dos Anos Iniciais da educação básica, e se organiza em dez salas de aula, em dois períodos: matutino e vespertino. Os sujeitos da pesquisa foram trinta e dois estudantes matriculados regularmente no ano letivo de 2019, com idades entre dez e treze anos, sendo dezenove meninos e treze meninas, e a professora como observadora pesquisadora participante.

Foram elencados os recursos utilizados na pesquisa e constam alguns levantamentos sobre os registros no livro de ocorrência da escola Transformação. A seguinte seção apresenta como ocorreu a primeira reunião da professora do ano letivo de 2019 com os responsáveis pelos estudantes da turma pesquisada.

Visamos apresentar algumas reflexões sobre como os estudantes chegam a um ambiente diferente (em partes) de outras instituições em que regras distintas, principalmente relacionadas ao tempo de se apresentar resultados, são uma constante. Seguindo na e a partir da leitura dos textos de Masschelein e Simons (2013), Noguera-Ramirez (2009) e Canário (2005), foi possível refletir sobre como as contextualizações nos davam um alerta: saber diferenciar a escola e o escolar. Ainda continuaremos com a discussão sobre a escola e suas atribuições e as suas contribuições para a vida dos estudantes.

¹ Transformação é um nome fictício da escola pesquisada.

A metodologia utilizada foi de uma pesquisa-ação, com relação entre o aprender e o aprendizado dos sujeitos envolvidos e como todos contribuem para uma aprendizagem compartilhada, relatando seus saberes a partir do cotidiano, a partir de suas histórias; dessa forma, tratou a respeito da primeira conversa sobre a escola e foram explicados os procedimentos da pesquisa para os estudantes. Foram feitas algumas reflexões sobre indisciplina e disciplina a partir dos questionamentos: Obedecer ou não obedecer? Cumprir algo combinado ou não cumprir?

O ambiente escolar foi utilizado como articulação para dialogar e mediar a disciplina e a indisciplina com foco na sala de aula, diante da ação e reflexão a partir de um ato considerado indisciplinado, com a intenção de fazer com que o estudante perceba se isso interfere na sua aprendizagem e no convívio com os demais.

O diálogo começou a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o que entendem por disciplina e indisciplina. Após as considerações faladas por eles, utilizamos a pesquisa no dicionário, para verificarmos se o que haviam dito sobre os termos estavam de acordo com as suas falas. Dessa maneira, foi possível intervir como professora e observar como pesquisadora a interação deles no momento de pesquisa e conversa e se mudariam de opinião após a leitura do significado de cada verbete e se fariam relações com suas ações ou a de seus colegas na sala de aula.

No ambiente da sala de aula procurou-se demonstrar que a configuração acolhedora e pensada para estimular a participação e manutenção do ambiente da sala de aula deve levar em consideração inclusive a disposição dos materiais (pedagógicos e mobiliários) que precisam ser organizados com a proposta de combinados, ou seja, quais materiais e informações escritas poderiam ser posicionadas na sala de aula para facilitar o acesso às informações que contribuíssem para a suas aprendizagens, quais os tipos de leituras que despertariam o interesse dos estudantes e como poderíamos organizar a disposição dos objetos na sala de aula (mesas, cadeiras, armários e estante); dessa maneira, interessa-nos dar a conhecer os diálogos, realizados com os estudantes, sobre disciplina e indisciplina na escola.

Nos resultados da pesquisa com fundamentações teóricas e, por fim, nas considerações finais, visamos relatar se os objetivos pretendidos foram alcançados e como foi o desafio da professora observadora participante na relação com os estudantes entre as questões da disciplina e da indisciplina, nas conversas, nas tentativas de diálogos, nos momentos de escutas e nas descobertas sobre a solicitação de respeito, sobre o modo que os estudantes queriam a atenção do/a professor/a.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

A abordagem qualitativa se desenvolveu segundo a metodologia de pesquisa-ação-intervenção com a “observação participante”, na qual o(a) pesquisador(a) estabelece relações comunicativas com as pessoas do grupo da situação investigada, com o intuito de ser melhor aceito e, assim, poder compartilhar os acontecimentos e as observações, por meio de ações dialéticas, a fim de realizar reflexões sobre os conceitos de disciplina e indisciplina na sala de aula.

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. [...]. Não se trata de um simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. [...]. Nesta perspectiva é necessário definir com precisão, de um lado, qual é a ação, quais são os agentes, seus objetivos e obstáculos e por outro lado, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação. (THIOLLENT, 2011, p. 22).

A pesquisa-ação é aquela que além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas. (SEVERINO, 2016, p. 127).

De acordo com Thiollent (2011) e Severino (2016), o presente relatório de pesquisa pretendeu apresentar os resultados das coletas e das análises decorrentes da participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa, que foi iniciada com intencionalidades que precisaram ser repensadas quando não se atingia a perspectiva do diálogo e da escuta e, em consequência, atos indisciplinados eram condutas que precisavam ser revistas com apoio de reflexões de quem, às vezes, não queria nem estar na escola e muito menos se envolver na sala de aula (CHIZZOTTI, 2006).

2.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A escola Transformação tinha dez salas de aula. Apenas oito uma delas tinham o alfabeto pintado na parede acima da lousa, as outras duas tinham um alfabeto impresso. De

acordo com a fala de duas docentes (com mais de dez anos de efetivo exercício na Unidade Escolar), as duas salas ficaram sem a pintura, pois não foram retirados os materiais impressos.

A organização e decoração de cada sala de aula ficava por conta do docente, em selecionar materiais e produzir cartazes que possam facilitar a aprendizagem dos estudantes, ou seja, a organização da sala de aula, a interação dos estudantes nesse ambiente e quais componentes curriculares a professora responsável pela turma deveria garantir fica a critério pessoal. O ambiente das salas de aula, em geral, da escola Transformação, não contemplava um espaço alfabetizador e que pudesse estimular a pesquisa e a movimentação interna. Diante dessa situação, foi necessário pensar nesse ambiente, porém não só pensar em arrumá-lo e/ou decorá-lo, era preciso planejar muito mais do que organizar coisas materiais.

Dessa maneira, ao conhecer um pouco a turma, foi percebido e comprovado por avaliações diagnósticas que, além de garantir as aprendizagens e habilidades a serem desenvolvidas de acordo com a proposta curricular, era necessário realizar recuperações das defasagens de aprendizagem, promover a escuta e o diálogo, bem como intervir em questões de baixa autoestima e, em casos excepcionais, de desentendimento verbal, que resultava em agressões físicas entre os estudantes.

A frequência dos estudantes nas aulas ocorria no período matutino, com cinco aulas por dia com duração de cinquenta minutos cada e com o intervalo de vinte minutos para se alimentar, brincar, conversar e atender às suas necessidades fisiológicas.

A grade curricular, composta pelas disciplinas a serem cursadas, era organizada em quantidades como: dez aulas de Língua Portuguesa, oito aulas de Matemática, uma aula de História, uma aula de Geografia e uma aula de Ciências, com regularidade semanal. Além da professora polivalente², mais dois professores especialistas garantiam as aprendizagens, sendo uma professora de Arte e um professor de Educação Física, com duas aulas por semana de cada um deles.

A conversa com os estudantes sobre a disciplina e a indisciplina e a organização do espaço escolar, ora ocorria na sala de aula, alterando a configuração disposta das mesas e cadeiras (círculo, semicírculo, enfileirados individualmente e/ou em agrupamentos), ora ocorria na quadra ou em outros espaços da escola, como pátio e a sala de vídeo. As observações realizadas eram registradas em um “caderno” preparado com folhas de sulfite com registro de expressões e abreviaturas para fundamentar posteriormente as análises dos dados.

² O verbete polivalente, de acordo com Houaiss (2015, p. 743), significa: “[...] que executa diferentes tarefas; que envolve vários campos de atividades”.

Como a pesquisa foi realizada com o grupo, nem sempre todos queriam contribuir ativamente com argumentações; a maioria respondia as questões iniciais com respostas afirmativas ou negativas, com timidez, ora escondiam o rosto com os braços, ora indicavam o colega mais próximo para continuar a conversa.

Os registros analisados foram fundamentados com a metodologia da pesquisa de campo, explicada por Severino (2016, p. 131-132):

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

De acordo com Severino (2016), a utilização da metodologia da pesquisa de campo pode complementar fundamentações, além de poder beneficiar não só as coletas dos dados, mas as análises. Os dados foram coletados por meio de gravação de áudio e transcrição literal das falas dos participantes da pesquisa, por apontamentos registrados em folha de papel sulfite com esboço esquemático para facilitar as observações a serem registradas com algumas indicações de itens a serem constatados e que estão dispostos para visualização no apêndice G.

No início do ano letivo de 2019, o primeiro contato da professora-pesquisadora foi com os responsáveis pelos estudantes. O comparecimento registrado foi da minoria dos responsáveis. De trinta e dois estudantes matriculados regularmente, compareceram os responsáveis de apenas quinze, dos quais cinco estavam com pressa para retornar aos seus afazeres e outros teriam que ir ao trabalho. Perante essa situação, foi solicitada a atenção de todos para conversar sobre uma questão muito importante para todos os presentes na sala de aula: a vida escolar dos estudantes, a proposta de trabalho pedagógico que seria desenvolvida ao longo do ano e a participação deles em uma pesquisa de mestrado com o tema sobre a disciplina e a indisciplina na sala de aula, porém, precisaria da autorização mediante a leitura e assinatura em um documento que autorizava a divulgação dos dados coletados e das imagens registradas.

Diante da explicação, alguns familiares que estavam em pé e/ou de saída, ficaram parados por alguns segundos e resolveram retornar para os assentos e começaram a prestar atenção na apresentação e leitura da pesquisa e na exposição e explicação sobre os materiais

didáticos e o Programa Ler e Escrever³ e Ensino Matemática dos Anos Iniciais (EMAI)⁴. Para finalizar, foi apresentada, de modo breve, a trajetória acadêmica e profissional da professora que seria a responsável pelo desenvolvimento das aprendizagens dos filhos e filhas deles durante o ano letivo de 2019. O objetivo dos esclarecimentos foi para demonstrar a preparação, formação e a importância que os estudantes têm para a escola e, como responsável por garantir a qualidade no ensino sistematizado oferecido, os pais e/ou responsáveis precisavam saber sobre como esse trabalho seria desenvolvido e o que se esperava dos estudantes.

Nessa perspectiva, o estudo de Vasconcellos (2009, p. 115) explicou como o/a professor/a poderá planejar suas ações na sala de aula:

O professor, como coordenador do trabalho, vai procurar gerir, pessoal e/ou coletivamente, as diferentes necessidades, desejos, saberes, expectativas, objetivos, planos de ação; a tarefa é articular (procurar pontos comuns), negociar (cede um pouco, exige um pouco, espera um pouco), desvelar (o sujeito pode ter determinadas necessidades que ainda não estão conscientes) e/ou provocar o surgimento.

O que desejamos? Um aluno que se envolva nas situações de aprendizagem, que preste atenção naquilo que potencialmente é significativo, naquilo que está fazendo (uma pesquisa ou ouvindo o professor ou o colega), mas também seja capaz de sinalizar se a atividade não está sendo boa ou adequada para ele. Chegando bem ao concreto da sala de aula um aluno que fique quieto enquanto o outro está falando, mas não deixe de falar o que se sente. Um aluno que se disponha a ter acesso ao conhecimento, às informações, que pesquise, mas igualmente se disponha a discernir, a ver o que é bom ou válido, a fazer sua crítica. Um aluno que respeite a tradição, mas se sinta desafiado a colocá-la em xeque, a superar seus vazios ou contradições.

De acordo com Vasconcellos (2009), o/a professor/a que tinha seus objetivos e a prática docente articulados com as necessidades dos estudantes tinha possibilidades de alcançar suas metas com mais eficácia. Entretanto, essa intencionalidade precisaria não só de prática e ações, mas, também, precisaria da participação ativa e consciente dos estudantes presentes na sala de aula e da participação dos pais e/ou responsáveis. Trabalhar em conjunto com as famílias, formar parcerias e demonstrar a relevância de se ter e manter a disciplina na sala de aula seria necessário para o aprender significativo, e se por alguma razão esse aprendizado não fosse

³ De acordo com a proposta do Programa Ler e Escrever, o material tem por objetivo “[...] um conjunto de ações voltadas aos estudantes do 1º ao 5º ano dos Anos Iniciais que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuições de materiais pedagógicos com o objetivo de promover a melhoria do ensino no Estado de São Paulo”. Disponível em: educacao.sp.gov.br/ler-escrever. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁴ O ensino de matemática na rede estadual de educação é realizado com o apoio do livro *Ensino de Matemática nos Anos Iniciais (EMAI)*, que “[...] compreende um conjunto de ações que tem como objetivo articular o processo de desenvolvimento curricular em matemática, a formação de professores, a avaliação de desempenho dos estudantes e elementos chave de promoção da qualidade da educação”. Disponível em: educacao.sp.gov.br/noticia/conheca-o-ema-material-didatico-que-introduz-matematica/. Acesso em: 10 jan. 2020.

adequado, que os sujeitos que estivessem percebendo as inadequações falassem de modo a dialogar e não com condutas que pudessem interferir no bom relacionamento entre a professora, o professor e os estudantes.

Clarificar essas questões durante a primeira reunião de pais foi muito importante, pois a situação vivida tornou-se uma “surpresa”, como alguns pais, mães e responsáveis relataram ao sair da sala de aula. Segundo eles, nunca haviam participado de uma reunião de pais e mestres com explicações e apresentações dos materiais didáticos, exposta como foi. Geralmente, nas reuniões da escola, eram passados os informes gerais sem explicações, assinava-se algum documento e pronto. Neste caso, a reunião que começou às 9 horas terminou às 11h30, com sinal dado na escola, finalizando o período da manhã.

Dar ciência aos pais, mães, responsáveis e estudantes permitiu a relevância do diálogo e da escuta e de possíveis intervenções ou até mesmo mudanças necessárias para se ajustar o que podia estar causando conflitos de condutas, de entendimento e de relacionamento. A intenção da reunião ministrada da maneira como descrita foi para despertar a curiosidade dos presentes em saber como fariam para lidar com as situações cotidianas da escola com diálogo e escutas; como seria possível conversar e pesquisar os estudantes a respeito da disciplina e da indisciplina na sala de aula; como eles e elas poderiam contribuir com os meus estudos.

Alguns pais ficaram ao final da reunião para relatar as condutas indisciplinadas de seus filhos e filhas, as dificuldades de aprendizagem que a maioria tinha. E que eram casos perdidos. De acordo com Bulgacov e Vizeu (2006), foi necessário refinar as falas negativas com relação a condutas de alguns estudantes e naquela momento a resposta apresentada foi: “Não posso dizer nada agora, é imprescindível conhecer e conversar com os estudantes a respeito de suas inquietações”⁵. De acordo com Vasconcellos (2009, p. 115-116), a professora e o professor precisariam ter postura pedagógica:

Em termos de postura pedagógica, o desafio do educador é este: conservar a tensão interna (caráter contraditório da realidade); quer dizer, quando estamos sendo “porto seguro” – orientando, dirigindo, expondo –, temos de nos questionar: “Até que ponto não deveríamos ser ‘mar aberto’, incentivando, provocando a participação, a iniciativa, a criatividade do grupo?” Quando estamos sendo ‘mar aberto’, precisamos tensionar: “Até que ponto não teríamos de ser ‘porto seguro’, amarrar, sistematizar, intervir?” Alimentar esse tensionamento interno é a arte do professor para enfrentar, gerir a questão da disciplina. Talvez, no fundo, desejássemos que houvesse uma receitazinha assim: um pouco disto, outro tanto daquilo e teríamos uma solução

⁵ Fala da professora-pesquisadora autora da presente pesquisa, em resposta, diante da explicação negativa de alguns responsáveis para justificar possíveis condutas indisciplinadas que o estudante já cometia em anos anteriores.

“definitiva”. Ocorre que não podemos ter esse tipo de solução para a vida, que é essencialmente movimento. Num primeiro momento a perspectiva que estamos apresentando causa certa insegurança por não trazer padrões de comportamentos prontos, porém na prática é muito mais eficaz, pois trabalha com o real como ele é, e não como “deveria ser”. Compreendendo a contradição do real, o docente é capaz de inovar, não desanimando com os fracassos nem abafando as experiências novas por causa dos resultados contrários aos que se esperavam. Portanto é capaz de viver a dialética do novo e do antigo, do já e do ainda não.

Considerando o primeiro contato com os responsáveis pelos estudantes, foi possível perceber que a questão do diálogo e da escuta seria algo a ser desenvolvido em parceria com a família e não somente com os estudantes em sala de aula. Precisaria de intervenções que pudessem ultrapassar as questões de relacionamento e condutas somente na sala de aula, para tanto, foi necessário realizar uma intervenção dialógica com os pais, mães e responsáveis pelos estudantes. Assim, sobre a relevância da pesquisa-ação, Tripp (2005, p. 446) apresenta:

Planeja-se, implementa-se e avalia-se uma mudança para a melhoria de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.
[...]. A solução de problemas por exemplo, começa com a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu aprimoramento, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia.

Com a descrição de Tripp (2005), pudemos considerar que o processo apresentado partiu de uma sequência de ações, no caso da presente pesquisa, que visavam melhorar a prática da professora, e como sugestão para professores que quisessem aprimorar a sua prática em sala de aula. Conceituando a metodologia com os autores citados, foi possível verificar que partimos de nossas intervenções com pensamentos utópicos, mas, diante da realidade e dos sujeitos envolvidos, e quando fazemos as verificações dos dados coletados, deparamo-nos com reconsiderações no planejamento e nas ações a serem desenvolvidas para alcançarmos nossas metas e objetivos.

2.3 CONTEXTO DA ESCOLA PESQUISADA: CARACTERIZAÇÃO

A escola objeto desta pesquisa pertencia ao Governo do Estado de São Paulo. Denominada de estadual, será nomeada de Transformação⁶. Contemplava estudantes do

⁶ Transformação é um nome fictício dado à escola pesquisada. O verbete escolhido está literalmente relacionado a condição da Unidade Escolar que, durante a pesquisa, passava por transformação de conceitos e ideias e de percepção com relação à transição da nova gestão escolar e do atual governador de São Paulo do ano de 2019.

primeiro ao quinto ano dos Anos Iniciais da educação básica, e se organizava em dez salas de aula, em dois períodos: matutino e vespertino. No ano letivo de 2019⁷, apresentava um total de 612 (seiscentos e doze) estudantes, sendo 305 (trezentos e cinco) no período matutino e 307 (trezentos e sete) no período vespertino.

Os intervalos no período matutino eram organizados em dois momentos com duração de vinte minutos para os estudantes fazerem suas refeições, brincarem, ir ao banheiro ou se socializarem com os demais colegas. No período vespertino, o intervalo estava dividido em três momentos, para facilitar a acomodação dos estudantes que estavam cursando o primeiro ciclo de alfabetização e precisando de mais espaço físico para se movimentarem.

O corpo docente da Unidade Escolar (UE)⁸ era composto por dez professoras polivalentes na educação básica I, duas professoras especialistas na disciplina de Arte, três professores especialistas na disciplina de Educação Física, duas professoras eventuais e um professor eventual. A equipe gestora era formada pela diretora que era efetiva e ingressante do concurso de 2017, tendo assumido em 2018, dois vice-diretores, sendo um da escola e outro do Programa Escola da Família, uma professora coordenadora pedagógica (PCP), uma gerente de organização escolar (GOE), uma professora reabilitada e duas agentes de organização escolar (AOE). As duas funcionárias da cozinha e duas da limpeza eram de empresas terceirizadas e distintas, que tinham a supervisão de servidores do Governo do Estado de São Paulo. A escola não tinha caseiro nem cantina.

Com relação à sua estrutura física, o prédio era próprio (pertencente ao governo do estado de São Paulo) de ocupação regular e de alvenaria, dividido entre pavimento inferior e superior com as seguintes metragens: área total do terreno, 14.300,0 m²; área construída, 1.252,0 m².

A escola tinha uma quadra poliesportiva externa coberta e fechada com muro no entorno com um metro de altura e tela de gradil galvanizado com altura aproximada de cinco metros. Possuía uma arquibancada feita de alvenaria de apenas um lado da quadra com três níveis para a acomodação da comunidade escolar e dos visitantes.

A escola estava localizada no bairro de Guaianases, no extremo da Zona Leste de São Paulo, Capital, a cerca de 40 km do centro, considerando o bairro da Sé, Zona Central da capital de São Paulo. O bairro onde a escola estava situada era atendido por uma linha de ônibus e três outras linhas que eram administradas por cooperativas de transporte coletivo. O transporte era

⁷ Dados coletados na Secretaria Escolar Digital (SED), pertencente à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

⁸ Os dados apresentados foram coletados do PPP do ano de 2018.

insuficiente para a população que ainda era carente e aumentava a cada ano por meio de moradias irregulares ocasionadas por invasões de terrenos que não eram murados e não tinham indicação de propriedade pública ou particular.

A formação da população era considerada heterogênea⁹, composta da classe trabalhadora com renda entre um e quatro salários mínimos, embora atualmente muitos se encontrassem desempregados (não existia a informação precisa do número de desempregados). Havia imigrantes do interior de São Paulo e de outros Estados do Brasil. De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) do ano de 2014 da escola, aproximadamente 70% dos pais e/ou responsáveis possuíam o ensino fundamental completo, 15% possuíam o ensino médio completo e 5% cursaram o ensino superior.

Com relação ao lazer, a comunidade não contava com lugares específicos. A maioria morava em apartamentos, casas da Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB) e invasões. Grande parte da população se ocupava da economia informal, e esse era um dos motivos que fazia a rotatividade da comunidade em busca de uma situação financeira mais adequada. Utilizavam-se de um espaço na frente da residência ou nas garagens dos prédios e constituíam informalmente comércios ou prestações de serviços para gerar renda.

A escola atendia muitos estudantes que residiam longe da escola e viviam em situação precária e sem conforto, pois suas casas foram construídas em terrenos invadidos onde não havia luz elétrica e água encanada regulamentada. O trajeto feito para a escola era a pé, por caminhos por onde não passava carro e muito menos transporte público, sendo de difícil acesso por não ter asfalto ou outro tipo de material que permitisse o tráfego de veículos motorizados e a circulação de pedestres com segurança. Quando chovia, estudantes e seus responsáveis precisavam atravessar pela lama, para chegar à escola. Alguns estudantes, por decisão de seus responsáveis, em dia de chuva, optavam por não irem às aulas, pois a ida e a volta não eram seguras devido à instabilidade do percurso.

Quando ameaçava formar temporais, os responsáveis pelos estudantes que moravam nos locais de difícil acesso, pediam à Direção da escola para retirarem seus filhos antes do horário, com medo de não conseguirem retornar para suas casas por conta do caminho. De acordo com o PPP da Unidade Escolar, o conjunto habitacional era considerado um local perigoso, onde havia grande índice de tráfico e consumo de drogas ilícitas, além de roubos e furtos. Para verificar essas informações, foi realizada a consulta de dados no site da Segurança Pública de São Paulo – Capital com os descritivos: Anos: “2018” e “2019”; Regiões: Capital; Municípios:

⁹ Verbete que significa desigual ou variada (HOUAISS, 2015, p. 508).

São Paulo; Delegacias: 44 DP – Guaianases. A partir dos dados, pudemos constatar, por meio de números, onde havia os maiores índices de ocorrências.

No ano de 2018, os maiores índices de ocorrências foram na natureza de furto e roubo (outros). No levantamento do Departamento de Polícia Civil, Militar e Superintendência da Polícia Técnico-Científica, não constava índices que mensurassem a natureza de tráfico e consumo de drogas ilícitas.

Entretanto, no ano de 2019, nos primeiros três meses do primeiro semestre, os índices de furto e roubo (outros) aumentaram significativamente e por essa razão a sensação de que a cada ano que passava a situação relacionada à segurança era de que não se percebia melhora no bairro.

Para comprovar endereço, com a finalidade de efetuar a matrícula na Unidade Escolar, os responsáveis recorriam a parentes ou conhecidos que possuíam o comprovante de residência. As áreas de lazer que existiam no entorno da escola e no bairro não estavam em condições de uso (por causa de depredação). Muitos jovens e crianças participavam de atividades oferecidas pelo Programa Escola da Família, desenvolvido por educadores bolsistas universitários e alguns voluntários.

De acordo com o Decreto nº 48.781, de 7 de julho de 2004, Artigo 1º - Fica instituído o Programa Escola da Família - desenvolvimento de uma cultura de paz no Estado de São Paulo, com o objetivo de desenvolver e implementar ações de natureza preventiva destinadas a reduzir a vulnerabilidade infantil e juvenil, por meio da integração de crianças e adolescentes, a fim de colaborar para a construção de atitudes e comportamentos compatíveis com uma trajetória saudável de vida.

Artigo 2º - O Programa Escola da Família tem como proposta a abertura das escolas públicas estaduais aos finais de semana, com o propósito de atrair os jovens e suas famílias para um espaço voltado à prática da cidadania, onde são desenvolvidas ações socioeducativas, com o intuito de fortalecer a autoestima e a identidade cultural das diferentes comunidades que formam a sociedade paulista.

Parágrafo único - O Programa será desenvolvido mediante diretrizes estabelecidas pela Secretaria da Educação.

Artigo 3º - Os espaços das escolas públicas estaduais, de que trata o artigo anterior, devem estar disponíveis a fim de estimular a participação da comunidade intra e extraescolar em atividades artísticas, esportivas, recreativas, formativas e informativas, voltadas ao exercício da cidadania, em perfeita sintonia com o projeto pedagógico da unidade escolar, a fim de favorecer o desenvolvimento de uma cultura participativa e o fortalecimento dos vínculos da escola com a comunidade.

Artigo 4º - Para a consecução dos objetivos propostos e para a construção de uma cultura de paz e o desenvolvimento social no conjunto das comunidades, o Programa Escola da Família poderá contar, observadas as normas legais e regulamentares pertinentes, com o apoio e o estabelecimento de parcerias e convênios com os diversos segmentos sociais, como organizações não-

governamentais, associações, empresas, sindicatos, cooperativas, instituições de ensino superior e outras instituições educacionais, e a participação de demais Secretarias de Estado. (SÃO PAULO, 2004, n.p.).

Ainda de acordo com o PPP¹⁰ da escola, além do Programa Escola da Família, alguns pais e/ou responsáveis pelos estudantes, também participavam de reuniões periódicas do Conselho de Escola, da Associação de Pais e Mestres (APM), e essa participação vinha crescendo ao longo do ano. No bairro não havia grandes comércios. Existiam dois supermercados, duas padarias, dois postos de saúde, Assistência Médica Ambulatorial (AMA), onde o atendimento médico ainda era precário, creches municipais e conveniadas, algumas casas de materiais de construção, lojinhas de calçados, roupas, armarinhos e bazares de utilidades em geral. Não havia instituição bancária e lojas que comercializavam móveis e eletroeletrônicos novos.

A parte interna da escola – salas de aula, banheiros dos estudantes, corredor da parte superior, área interna destinada às refeições, circulação e interação dos estudantes – foi pintada em outubro de 2018. O objetivo da gestão escolar era conseguir parceria e doações por meio de ofício para conseguir pintar as áreas externas da escola. A intenção era deixar o local organizado e bonito, além de fazer com que a comunidade escolar se sentisse parte integrante e pudesse contribuir para o bom funcionamento da escola.

2.4 SUJEITOS DA PESQUISA: OS ESTUDANTES E A PROFESSORA-PESQUISADORA COMO OBSERVADORA-PARTICIPANTE

Os sujeitos da pesquisa foram trinta e dois estudantes matriculados regularmente no ano letivo de 2019, com idades entre dez e treze anos, sendo dezenove meninos e treze meninas e a professora como observadora participante com o desafio de refletir sobre a sua prática pedagógica, na questão da disciplina que organizava a rotina em sala de aula, e orientar os estudos, considerando os equívocos de aprendizagem como indícios de prenúncios para pesquisa das dificuldades ou defasagens, além de promover o diálogo e a escuta sobre a indisciplina que podia gerar conflitos de condutas, mas também podia ser indício para se repensar a prática pedagógica e de relações entre estudantes-estudantes e estudantes-professora.

O intuito foi conduzir os estudantes a analisar os fundamentos de suas dúvidas e, partindo delas, demonstrar que elas podiam ser benéficas quando compartilhadas com a

¹⁰ As informações sobre a escola foram coletadas a partir do Projeto Político-Pedagógico (PPP) referente ao ano de 2014 e 2018.

professora e os colegas de sala, respeitando os diversos tipos de questionamentos; dessa forma, proporcionar momentos para falar sobre a disciplina e a indisciplina na sala de aula e sobre os transtornos que pudessem causar ou respaldar mudanças pedagógicas ou de relacionamento entre os sujeitos da pesquisa. Para explicar de modo sucinto para os estudantes (como já foi apresentado anteriormente na pesquisa, na seção: “Contexto e contextualização sobre a disciplina e a indisciplina”), recorreremos a mais uma explicação sobre a questão da indisciplina dada por Pedro-Silva (2014, p. 21):

O termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitem alguma norma desta instituição serão vistos como indisciplinados, sejam tais regras impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares (diretores e professores), ou elaboradas democraticamente.

Ao conhecer e conversar com os estudantes de modo breve, para saber sobre suas trajetórias escolares, três deles informaram que eram repetentes do 3º ano por não atenderem as expectativas de aprendizagem do ano cursado. Um deles era estudante da Unidade Escolar desde o 1º ano dos Anos Iniciais, outro veio transferido de uma escola particular que ficava localizada no bairro vizinho, e com a justificativa apresentada pela mãe e pelos avós paternos de que o estudante repetiu pois não fazia as tarefas propostas e além disso tinha problemas de condutas na escola, envolvendo-se em constantes brigas e provocações. O outro estudante veio transferido de Itabuna no estado da Bahia e, de acordo com o seu relato, o motivo de sua reprovação seria por não saber ler e escrever direito. Ao procurar registro que justificasse os motivos da reprovação, não houve resposta detalhada; o que se soube foi a partir da fala do próprio estudante.

Verificou-se os registros na secretaria e na coordenação, o que ocasionou a sugestão de se organizar essas informações para o ano seguinte como meio de orientar o planejamento do professor ou da professora com relação aos estudantes que apresentavam defasagem na aprendizagem. Quando houve o contato com os familiares dos que tinham sido reprovados no ano escolar cursado, a resposta para eles foi a mesma: não foram aprovados porque sabiam pouco e não era suficiente para cursar o próximo ano, tinham preguiça e não gostavam de estudar. O desafio foi compreender por que esses estudantes não gostavam de estudar. As palavras ditas por seus familiares e confirmadas por eles com um baixar de olhos e um silêncio provocador é explicado por Freire (2017a, p. 26-27):

Às vezes, nos meus silêncios em que aparentemente me perco, desligado, flutuando quase, penso na importância singular que vem sendo para mulheres e homens sermos ou nos termos tornados, como constata François Jacob, “seres programados, mas para aprender”. É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.

No silêncio, de acordo com Freire (2017a), refletimos sobre a questão do aprender e do não aprender; tanto um como o outro partem não só de decisões, mas de algo importante que às vezes não se leva em consideração que é a questão da curiosidade. Despertar, desenvolver e estimular a curiosidade para o aprendizado e para a superação ou descobertas das possíveis dificuldades em se aprender algo é um caminho que pode orientar o planejamento de trabalho do professor e da professora para o ensino efetivo, possibilitando uma aprendizagem significativa e assim colaborando com a disciplina, não só nas ações de conduta, mas também de aprendizagem.

Outros meninos e meninas não interagiram falando sobre suas trajetórias escolares. O calar e os olhinhos vagos, seguido por um baixar da cabeça, demonstravam a insegurança de estar na presença de alguém desconhecido – no caso, a nova professora da turma, querendo conversar, conhecê-los, e saber sobre suas, digamos, “habilidades”, “competências”, “dificuldades” e “defasagem”¹¹ de aprendizagem e provavelmente de ensino.

Enquanto alguns eram tímidos demais, outros extrapolavam suas falas e movimentos na cadeira ao se levantar constantemente, cutucar ou arremessar objetos em colegas, ou tentar provocar tumultos nos momentos de conversa com perguntas que não condiziam com o que estava sendo dito. O que a maioria tinha em comum era a insegurança de suas aprendizagens e de elaborar questões para solucioná-las. Outros três estudantes consideravam que já sabiam demais e menosprezavam seus colegas. Apenas uma estudante tinha consciência de suas aprendizagens, que eram consideradas de adequado para avançado com relação ao ano cursado; mas não considerava isso um motivo para inferiorizar os seus colegas.

¹¹ As palavras entre aspas (" ") eram referidas a princípio para os estudantes como o que vocês já aprenderam, o que ainda não. Quais são suas dificuldades e dúvidas? Como o conteúdo ou a tarefa eram apresentados e explicados? Assim, seria capaz de elaborar um plano de aula de pudesse desenvolver as habilidades necessárias para uma aprendizagem significativa e efetiva.

De certa maneira, a maioria deles considerava que o ambiente escolar tinha os considerados fracassados, que eram sempre fracassados, e os inteligentes, que eram sempre inteligentes. É como se a determinação dos pensamentos da maioria garantisse a permanência em tal situação, levando ao comodismo e ao aceitar tal realidade dita pelos meninos e meninas. Estranharam a insistência no querer saber sobre as questões de aprendizagem e de conduta na sala de aula e como agiam e reagiam às situações didáticas e de relacionamento na sala de aula. Queriam logo escrever, copiar alguma lição da lousa, queriam pegar os materiais didáticos e, ao ver o volume dos livros, ficavam dizendo uns para os outros: “[...] vish, para que você quer isso tudo? Nem sabe ler direito!”. Os pensamentos revelados e a ideia que a maioria tinha sobre o estudar, o aprender, o se relacionar e os significados dessas ações, podem ser relacionados ao excerto da obra de Teixeira e Vercelli (2014), que faz uma breve analogia sobre as condutas impostas pela sociedade e as relações de controle que vêm sendo atribuídas a outras instâncias, como por exemplo a escola. Segundo a autora,

Na medida que as sociedades vão se tornando cada vez mais complexas e urbanizadas, as funções de proteção e controle do indivíduo por pequenos grupos, como a família, vão sendo transferidas para instituições mais complexas que a família, dentre elas, a escola. Para tanto a escola vai paulatinamente se constituindo como o lócus da conduta da criança mediante a segregação e reintegração de sentidos que contribuem para a construção da infância. Conduta, por meio de regras supra pessoais impostas através de regulamentos, que visam fixar métodos de ensino, a distribuição do tempo e do espaço; o material e livro didático a serem utilizados por professores e alunos, a avaliação por meio de exames; proibição, elogios e regras que determinam toda forma escolar. Manifesto em regimentos internos determinando a carga horária anual, tempo de trabalho necessário para a formação dos alunos, os conteúdos a serem trabalhados em cada série e, em muitos casos, até a metodologia de trabalho a ser adotada pelo professor. Dessa maneira só consegue sucesso, nesse tipo de educação, a criança que aprende bem antes do seu ingresso na escola as “habilidades” necessárias para manter-se nela. (TEIXEIRA; VERCELLI, 2014, p. 31).

Para conhecer os estudantes, além das conversas iniciadas, a tentativa de dialogar com todos em um mesmo espaço, só aguçou os mais comunicativos e silenciou os mais tímidos. Nas intervenções iniciais realizadas, muitas não tiveram sucesso. Ao tentar efetuar a gravação das conversas, alguns sinalizavam que não queriam participar, pois não tinham ou não queriam conversar.

A cada tentativa era feita uma breve retomada da apresentação da pesquisa que estava sendo realizada com eles e que ela só seria verdadeira com a participação deles, dizendo o que sentiam e como se sentiam na sala de aula com relação à disciplina que

orientava e organizava seus estudos e ações e com a indisciplina que era o contrário disso. Escutá-los era muito importante para conhecê-los e assim orientar o meu trabalho na sala de aula a partir das suas habilidades, defasagens, alegrias, medos, desafios e sonhos a serem conquistados e realizados.

Parecia que não acreditavam nas tentativas de querer conhecer sobre seus sentimentos com relação aos estudos, sala de aula, amizades, família, disciplina e indisciplina. Diante da situação apresentada, foi elaborado um questionário com perguntas abertas a partir das falas dos estudantes, com questões que perguntavam de um modo geral sobre o que era importante saber sobre eles com relação à disciplina, à indisciplina, à escola, às condutas na sala de aula, ao trabalho da professora e à motivação ou não para frequentar às aulas. Para fundamentar o recurso do questionário como meio de interagir e conhecer os estudantes a partir das questões apresentadas, Severino (2016, p. 134-135) nos explicou que o questionário era um

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião destes sobre assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas.

Podem ser questões fechadas ou questões abertas. No primeiro caso, as respostas serão escolhidas dentre as opções predefinidas pelo pesquisador; no segundo, o sujeito pode elaborar as respostas com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal.

De modo geral, o questionário deve ser previamente testado (pré-teste), mediante sua aplicação a um grupo pequeno, antes de sua aplicação ao conjunto de dos sujeitos a que se destina, o que permite ao pesquisador avaliar e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo.

De acordo com a explicação de Severino (2016), as etapas para a elaboração do questionário aberto foram seguidas e comprovadas a partir do pré-teste, questões que não haviam sido colocadas e que os estudantes acrescentaram como: “O que é importante saber sobre você?”; “Como seria o comportamento da professora ou do professor ideal para garantir a disciplina na sala de aula?”; “Que tipo de comportamento da professora ou do professor que você não gosta?”; “Você se considera motivado para estudar e frequentar às aulas? Explique”.

As perguntas apresentadas tiveram intervenção na sua construção e, após realizadas as reformulações, foi possível perceber que os estudantes também queriam expressar as suas opiniões e/ou impressões com relação ao trabalho da professora ou do professor na sala de aula.

Essa contribuição foi muito oportuna e, com apresentação do esboço, ficou esclarecido que as contribuições dos estudantes eram valiosas para o desenvolvimento da pesquisa.

Com o questionário pronto e impresso no mês de agosto de 2019, foi feita uma retomada sucinta sobre seus objetivos. O intuito era que os estudantes respondessem na sala de aula, para tirar dúvidas e fazer questionamentos. Quando começaram a responder, sentiram insegurança com relação à escrita e alguns quiseram desistir de responder as questões. Foi perguntado se queriam mais tempo ou se preferiam levar para casa e com a ajuda dos responsáveis dar continuidade; quem quisesse, a professora ajudaria nas escritas de algumas palavras, mas não poderia interferir nas suas respostas, que para serem verdadeiras tinham que ser pessoais e reais, expressando o seu verdadeiro sentimento e que não tinha resposta certa ou errada, pois esse não era o objetivo do questionário.

Assim que terminaram as explicações, alguns pediram auxílio na escrita, outros decidiram levar para casa e responder com o auxílio da família. Dos trinta e dois estudantes que pegaram e/ou levaram o questionário, vinte e sete o devolveram preenchido e cinco não quiseram responder; destes, dois alegaram que não tiveram auxílio da família e os outros três entregaram a folha e só justificaram que não queriam responder.

Após recolher as folhas respondidas e as não respondidas (algumas não foram devolvidas), todos foram parabenizados por participarem e por não participar, pois revelaram suas intenções e no momento que optaram em não participar estavam fazendo escolhas. Mas ficou um convite para participarem de uma outra forma, seja por conversa ou até bilhetes, mas que pudessem se expressar. As opiniões eram importantes, conhecê-los era importante.

As respostas dos estudantes escritas no questionário (o modelo consta no apêndice D, como uma possibilidade de integrar na pesquisa aqueles que não queriam falar, mas que, pela escrita, puderam se expressar) foram lidas e transcritas em forma de narrativa, considerando seu pensamento e a sua escrita, mas intervindo com algumas palavras conectivas para a construção do texto. As narrativas foram iniciadas com as iniciais dos nomes dos estudantes, organizadas em um quadro para caracterizá-los, entender como se percebiam com relação ao que julgavam importante saber sobre suas preferências e suas inquietudes com relação à sala de aula e à escola. Em uma outra parte, consta a percepção da professora com relação às suas narrativas.

Quadro 1 – Os estudantes

Estudantes	Como se percebem	O que pensam sobre a escola, sala de aula e professores/as
A.F., menino de 11 anos de idade, nascido em São Paulo. Mora com a mãe, tio (padrasto).	Gostava de estar em sala de aula pois se sentia seguro e as vezes se enfurecia com as brigas que existiam em sala, o refúgio, gostava de ir escola para fugir da realidade de casa.	Disciplina é fazer as coisas na hora certa, e indisciplina é desrespeito
A.M., menina de 10 anos nascida em São Paulo. Mora com o pai, mãe, irmã e irmão.	Não gosta quando acontece brigas entre colegas em sala de aula. Revela que poderia melhorar com algumas atitudes. Queria que os professores separassem os estudantes que tem mais dificuldades para assim receberem mais atenção. É importante saber que ela não é boa em Língua Portuguesa e que não se sente motivada para estudar	Em sala de aula é distraída por estar sempre conversando com as amigas que a chamam e assim perdendo o foco da aula, não entende aquilo que está sendo passado, ficando confusa.
A.A., menino de 11 anos, nascido em São Paulo. Mora com pai, mãe e duas (02) irmãs.	Relata que tudo que acontece de errado acaba caindo em suas costas, mesmo assim, se vê motivado para estudar e se tornar uma pessoa melhor no futuro.	Em sala de aula conversa muito e tudo quer debater, quer sempre ter razão em tudo. Fica chateado quando tem alguma dúvida e os professores não lhe dão atenção.
B.M., menina de 11 anos, nascida em São Paulo, mora com o pai e a mãe.	Na sala de aula se sente envergonhada. sente bem ao estar na escola, pois é um lugar onde aprende coisas novas; em casa não teria a oportunidade,	Em relação à escola, sabe que é um lugar bom em todos os sentidos, mas que tem pessoas em sala que não entende o momento de ficar quieto para que as demais possam se concentrar.
C.N., menino de 13 anos, nascido em São Paulo, mora com a mãe, irmãos e padrasto.	O importante para ele é que as pessoas conheçam o seu estilo de ser e de se vestir e que lembrem de seu aniversário. Gosta de estar em sala de aula para aprender coisas novas e ficar com os amigos para compartilhar.	Diz que a professora é uma pessoa esforçada e tenta passar o máximo de conteúdo para toda a classe. Se sente motivado para estudar pois percebe que com todas dificuldades ela acredita que podemos melhorar.
E.S., menina de 11 anos, nascida em São Paulo, mora com pai, mãe e o gato.	Diz que é encrenqueira e gosta muito de animais e tem segredos que só ela e uma amiga de sala sabe. Não esconde, quer estar em sala de aula para aprender e conversar e diz que a professora legal é aquela que permite conversas, mas com ordem.	Não gosta de receber ordens. Não gosta que a professora a mude de lugar. Uma sala de aula ideal só teria conversas. Sabe que ter disciplina é obedecer e a indisciplina e não obedecer. Se sente motivada a estudar, gosta de estudar, mas gosta de conversar e bagunçar.
E.R., menina de 11 anos, mora com avô, avó e quatro primos.	Se diz tímida, mas ao pegar confiança fala sem parar e se torna muito divertida.	Os colegas fazerem muita bagunça em todos os momentos, dificultando a aula, queria um pouco mais de respeito entre todos.
F.L., menina de 11 anos, nascida em São Paulo, mora com a mãe e irmãos.	Relata que é uma menina chata, irritada e tagarela, mas quando alguém precisa de sua ajuda ela está pronta para ajudar. Gosta de ir para escola como passatempo, por fazer várias amizades, aprende coisas novas, mas diz que a sala às vezes não colabora, fazendo muita bagunça.	Gosta de estar na escola para conversar e fazer amigos. Se diz motivada para continuar indo para a escola.
H.V., menina de 11 anos, nascida em São Paulo, mora com pai, mãe, duas irmãs e seu cachorro.	Confessa que fala o tempo todo, mas que também gosta de ouvir para aprender. Diz que importante estar na escola para se tornar uma pessoa melhor.	Fica triste quando seus colegas começam a bagunçar sem parar. Mas se preocupa com o respeito entre todos para ter uma vida melhor; acreditando nisso se sente motivada para continuar frequentando a escola.
H.D., menino de 11 anos, mora com mãe e dois irmãos.	Gosta de jogar bola, empinar pipa e brincar de esconde-esconde. Gosta de estar na sala de aula pois aprende coisas novas. Gosta das explicações da professora Mary e do jeito dela. Quando a sala está fazendo bagunça fica irritado, pois não consegue entender nada do que está sendo explicado.	Diz que a escola é um lugar bom e nos dá oportunidade de ser uma pessoa melhor para o mundo. Não se sente motivado, não está conseguindo entender como resolver as frações da matemática.

Continua

Conclusão		
N.N., menina de 10 anos, mora com a mãe e dois irmãos.	Não consegue ficar quieta e, além de conversar demais, sai do lugar para procurar outras pessoas e conversar mais. Gosta de estar na escola porque em casa se sente sozinha.	Uma sala de aula ideal é aquela em que as pessoas possam se ajudar. Se considera motivada para estudar porque estudar pode mudar a vida de muitas pessoas.
P.Y., menino de 10 anos, mora com a mãe e o irmão.	É importante saber que ele mora numa casa que tem três andares e que brinca na rua. Gosta de conversar com os colegas e de estar na sala de aula.	Barulho o incomoda. Não gosta quando a porta da sala bate. Gosta da escola porque tem brinquedos. Ter disciplina é ser organizado e ser indisciplinado é desrespeitar a professora e os colegas. Um bom professor é aquele que é legal e um pouco chato. Se sente motivado para estudar.
J.A., menino de 12 anos, mora com a mãe, o pai, um irmão e uma irmã. Nasceu em Itabuna na Bahia.	Na sala de aula é importante saber que ele gosta de fazer perguntas para entender a tarefa. Gosta e não gosta de estar na sala de aula. Gosta de aprender, mas não gosta de estudar porque perde o dia todo, prefere se divertir aproveitando o dia.	Para o estudante, ter disciplina é ser um aluno estudioso e ter responsabilidade com as suas coisas. Indisciplina é não ter disciplina nenhuma e não ter responsabilidade na sala de aula. A sala ideal seria aquela em que os colegas conversassem só quando tivessem terminado as tarefas e respeitassem a professora.
P.O., menina de 10 anos, mora com o pai a mãe e a irmã.	Gosta de dançar e ouvir música. gosta de estar na sala de aula e na escola, adora estudar.	Disciplina é prestar atenção e cumprir os combinados. Indisciplina é não ter atenção na aula, não cumprir os combinados, e conversar em horas erradas.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No quadro 1 estão reunidas as narrativas de alguns estudantes que se assemelham no que diz respeito às suas percepções quanto à sala de aula, disciplina, indisciplina e à forma como a professora ou o professor poderia conduzir as aprendizagens e os relacionamentos entre os sujeitos.

De acordo com a maioria das falas dos estudantes, podemos evidenciar que a questão da disciplina está atrelada ao respeito e aos combinados e a questão da indisciplina na quebra do que foi estabelecido. O respeito foi o mais em comum nas narrativas; além de se considerar importante para se ter com a professora, respeitar os colegas também foi considerado. Outro ponto em comum foi a afirmação de se sentirem sozinhos e não terem nada para fazer em casa e que a escola era um lugar que possibilitava o não estar só, onde havia coisas para fazer e se descobrir, ou aprofundar conhecimentos que já haviam sido iniciados.

Todos (estudantes) falaram sobre suas famílias e essa diversidade foi trabalhada em sala de aula, apesar de ser silenciado por alguns que não gostavam de falar sobre questões familiares. Pudemos identificar, nas escritas de alguns, as suas frustrações e sofrimentos que até então não haviam sido externados. As tentativas de diálogos só foram possíveis com a revelação dos sentimentos e pensamentos dos estudantes, que encontraram na escrita um início para se permitir dialogar a partir do que estava escrito.

Assim, aos poucos, escutando, conversando e dialogando sobre as diversidades de pensamentos, comparando pontos divergentes e em comum, a partir das questões apresentadas sobre a disciplina, a indisciplina, a sala de aula, a escola, a professora, o professor e os estudantes, verificamos que precisamos nos comunicar, com a perspectiva de conhecer a realidade de aprendizagem e de vida dos estudantes, para podermos elaborar meios que possam resultar em uma convivência harmoniosa e que possibilite o alcançar dos objetivos dos sujeitos envolvidos.

Segundo Vasconcellos (2000, p. 17),

Precisamos, portanto, de uma teoria que ajude a analisar a realidade. Uma vez explicada, “Óbvio” dirá alguém, até porque muitos dos dados usados na explicação são conhecidos. Pode ser óbvio depois, mas até se chegar lá só quem faz o esforço sabe da dificuldade, pois uma coisa é saber dos dados, estar informado, e outra bem diferente é conseguir relacionar significativamente – nexos pertinentes e necessários – estes dados (conhecer é estabelecer relações).

Para estabelecer relações, de acordo com Vasconcellos (2000), foi necessário entender, por meio da observação, que os estudantes não tinham a compreensão sobre a importância de não só dialogar sobre o convívio entre pares e no espaço escolar, mas também refletir sobre o que havia sido dialogado. Quando era iniciada uma conversa para promover diálogo, as respostas dos que aceitavam participar, de um modo geral, era de que estar presente na escola significava ficar na sala de aula, copiar lições, fazer trabalhos e avaliações, ir para a aula de Educação Física e para o intervalo. Quando mencionava a palavra disciplina, a resposta dada pelos estudantes se baseava em obedecer, respeitar, ficar quieto, não correr, não perguntar demais, fazer e terminar as tarefas, além de não questionar, ou seja, não se poderia duvidar do que havia sido explicado. Ao escutar os áudios gravados e ler o que eles pensavam e como se sentiam na sala de aula e na escola, foi possível entender que a disciplina exigida na escola era entendida como falta de liberdade, algo que limitava suas condutas, pois, ao falarem, suas expressões faciais revelavam o tédio em ter que se manter disciplinado de acordo com o que achavam ser uma conduta disciplinada. Ao perguntar sobre como eram feitos os combinados na sala de aula, responderam que não eram realizados por meio de conversas, mas sim apresentados em imagens e escritas e colocados no mural, mas não se dialogava sobre a importância e necessidade de se fazer de um jeito e não de outro.

2.5 RECURSO PARA OBSERVAÇÃO E REGISTROS

Os elementos utilizados para a observação e registros da pesquisa foram: o celular para gravar o áudio das conversas, consulta às pautas de reuniões de pais e mestres, o PPP e os livros

de ocorrências do ano de 2015 a 2019, além dos registros manuscritos a partir da observação em sala de aula, e em outras extensões da escola como: pátio interno e externo, quadra poliesportiva e nos acessos à escola. Com esses elementos, os recursos puderam ser explicados como técnicas, que, segundo Severino (2016, p. 132-133),

[...] são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Como tais, podem ser utilizadas em pesquisas conduzidas mediante diferentes metodologias e fundadas em diferentes epistemologias. [...]. Pode ser tomada em três sentidos fundamentais: como técnica de coleta, de organização e conservação de documentos; como ciência que elabora critérios para a coleta, organização, sistematização, conservação, difusão de documentos; no contexto da realização de uma pesquisa, é a técnica de identificação, levantamento, exploração de documentos fontes do objeto pesquisado e registro das informações retiradas nessas fontes e que serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho.

Segundo Severino (2016), de posse dessas fontes, seria preciso não só o levantamento das informações, mas seria importante a exploração dos elementos que pudessem organizar e sistematizar possíveis considerações a respeito do objeto de pesquisa. Dados referentes à escola foram obtidos na consulta ao PPP de 2018, mas dados referentes aos estudantes e suas ocorrências foi uma tarefa difícil, pois a maioria dos registros estavam incompletos. Faltava, por exemplo, o nome completo do estudante e uma descrição plausível sobre o fato ocorrido que justificasse atos indisciplinados. Não havia uma organização para consultar os documentos e não se percebia um padrão para os registros, com informações relevantes que possibilitassem o acompanhamento do caso. Uma das evidências encontrada foi a desorganização com relação aos registros relacionados à indisciplina na sala de aula. A maioria contava as causas e consequências, mas houve referências sobre as intervenções que seriam realizadas para mediar os conflitos.

2.5.1 O livro de ocorrências: bater e socar

O livro de ocorrências da Unidade Escolar foi consultado com o objetivo de verificar quais foram os principais registros que seriam nomeados como indisciplina no âmbito escolar, e localizar apontamentos sobre os estudantes participantes da presente pesquisa. Foram verificados os anos de 2015 a 2019, compreendendo o ingresso dos estudantes no 1º ano e o seu egresso no 5º ano dos Anos Iniciais da escola pesquisada, caso não houvesse registro de retenção escolar.

A verificação dos registros no ano de 2015 contabilizou cento e vinte ocorrências em quarenta e cinco folhas, em um livro contínuo. As páginas foram numeradas apenas do lado direito, embora os registros não tenham sido feitos de acordo com a numeração. As ocorrências foram registradas uma abaixo da outra e a maioria não contava o nome completo do estudante, o que dificultaria futuras verificações, considerando que em algumas turmas existiam dois nomes iguais ou mais.

No ano de 2015, os principais registros elencados foram, de forma sucinta:

- a) puxar a camisa do colega;
- b) insistir com deboches e piadas durante a aula;
- c) deixar de fazer as tarefas do dia;
- d) agredir a professora com socos;
- e) furtar dinheiro dos colegas;
- f) enforcar, “dar uma gravata” no colega;
- g) correr na sala de aula revirando mesas e cadeiras;
- h) comer salgadinhos durante a aula;
- i) fazer gestos obscenos com o dedo e com as mãos;
- j) “brincadeiras” de contato físico;
- k) cortar o colega com a lâmina do apontador;
- l) cabular às aulas;
- m) jogar e arremessar objetos nos colegas durante às aulas;
- n) engatinhar, morder, se esconder debaixo da mesa e beliscar os outros;
- o) levar para a escola arma de fogo (réplica) e ameaçar colegas;
- p) tomar posse de material que não lhe pertence (estudante);
- q) dar choque nos estudantes com um objeto que parecia uma caneta;
- r) responsável por um estudante registrou queixa contra um professor que tem faltas excessivas e não leciona direito.

A maioria dos registros não tinha descrições detalhadas e não constavam devolutivas, a não ser os casos considerados mais graves, em que os responsáveis eram chamados e geralmente eram notificados e os casos acompanhados pela gestão escolar. Sobre a ocorrência registrada contra o professor, em conversa com a Direção Escolar, foi informado que o responsável compareceu na Unidade Escolar e dado ciência a ele que o professor estava enfrentando problemas de saúde na família. O caso foi esclarecido, sem mais detalhes sobre o assunto.

No ano referido, havia três registros sobre os estudantes que estavam no 1º ano: D.C., que foi empurrado na sala de aula, caiu e machucou o braço; R.H., que rasgou o caderno do colega que insistia para ele fazer as tarefas; e P.D., que não queria fazer a lição e empurrou o colega, que caiu da cadeira. Nesses casos, não foi informado se os responsáveis foram chamados; apenas constava os registros, sem devolutiva e sem ação da professora, como e que tipo de providência foi tomada.

No ano de 2016 foram encontradas quarenta e oito ocorrências, registradas de forma desorganizada, com pular de folhas e nome incompleto do estudante e com algumas rasuras sem ressalvas. As principais ocorrências foram:

- a) bater e socar o colega que não avisou sobre o dia do campeonato na escola;
- b) brigar na sala com agressão física;
- c) professora não quis explicar a lição;
- d) agredir colega sem motivo;
- e) sumir dinheiro;
- f) racismo entre estudantes;
- g) retirar celular do aluno que fica fotografando colegas no banheiro sem permissão, o que acabou gerando desentendimentos;
- h) professora pediu para a estudante tirar o batom de sua boca, pois era muito escuro para uma criança. A mãe não gostou e registrou a queixa.

As ocorrências registradas no ano de 2016, comparando com as de 2015, diminuíram em número de casos, mas houve agravantes, com a questão de racismo entre estudantes, ao se referir ao outro com descaso ofendendo sua origem e a cor da sua pele; o uso do celular, tirando a privacidade do outro sobre o direito a sua imagem.

A questão do batom forte que a estudante estava usando repercutiu, por parte da mãe, em julgar a prática docente da professora e na presença da gestão escolar. O caso foi esclarecido como uma forma de agir perante fortes emoções, ou seja, emocional e não racional. De acordo com a escrita da mãe, sua filha não tinha respaldo pedagógico e por essa razão ficava sem compreender as tarefas e não as finalizava ou não fazia; além disso, relatou que nunca havia sido informada que sua filha se maquiava na sala de aula. A professora relatou que, por mais que tentasse explicar a tarefa, a estudante não prestava atenção nas explicações. Entretanto, quando sabia o que era para fazer de tarefa, dizia que não conseguia, só para fazer outras ações que não correspondiam com a tarefa proposta. A gestão escolar conversou com ambas as partes e pediu para a professora explicar sua metodologia de trabalho com fundamentos nos materiais

do programa da Secretaria Estadual de Educação e nos materiais didáticos, além de explicar de modo sucinto sobre o plano de aula anual referente ao 2º ano.

Após as explicações e esclarecimentos, a mãe e a estudante se sentiram injustiçadas e a solução sugerida foi remanejar a estudante para outra turma de 2º ano no mesmo período de aula. A mãe, ainda, registrou que a professora estava na escola para explicar o conteúdo quantas vezes for preciso e precisava garantir e auxiliar os estudantes que têm dificuldades de aprendizagens ou são mais lentos.

A estudante que estava usando o batom forte fez parte da turma de 5º ano da presente pesquisa. Ela estava no 2º ano, e ainda no 5º continuava a se maquiar na sala de aula sob a argumentação de que era muito vaidosa. Durante as explicações e diante de suas queixas com relação ao entendimento da tarefa a ser executada, todas as vezes que pedia outros exemplos, era-lhe demonstrado como fazer, em procedimentos e metodologias diferenciadas.

Quando a estudante começava a se distrair na sala, na turma do 5º ano, era chamada sua atenção e a tarefa realizada. Como não sobrava tempo para conversar por conta das retomadas de conteúdo, ela reclamou para a sua mãe que a professora era legal, mas passava muita lição e explicava demais e isso não lhe deixava com muito tempo para conversar. A mãe foi conversar com a diretora da escola sobre a queixa da filha.

A diretora pediu esclarecimentos para a professora-pesquisadora, que explicou o fato ocorrido e sugeriu que fossem verificados os registros anteriores com relação à conduta da estudante e da mãe. Apresentados os fatos, a mãe se desculpou com a diretora e disse que foi um mal-entendido e que sua filha estava dando muito trabalho por ser geniosa e ter uma personalidade forte.

Esse ocorrido não foi registrado no livro de ocorrência; quando a diretora informou o fato, disse que resolveu verbalmente e solicitou que as aulas continuassem a ser bem explicadas e detalhadas.

Com relação aos anos de 2017, 2018 e 2019 verificou-se poucos registros no livro de ocorrência, e as poucas que estavam descritas eram confusas faltando coerência e coesão nas narrativas e não apresentavam a versão dos estudantes, nem resposta sobre qual conduta havia sido aplicada para que o estudante não tivesse atitudes que pudessem provocar desentendimentos e/ou causar danos físicos ou morais.

Diante da situação foi possível contabilizar, no ano de 2017, o registro de 15 ocorrências, entre as quais se destacaram:

- a) sair da sala sem permissão da professora;

- b) atear fogo em folha de papel sulfite dentro da sala de aula;
- c) cortar pedaços de borracha para arremessar nos colegas;
- d) não fazer a lição e ficar "brincando" durante as aulas;
- e) empurrar e machucar colegas sem motivos;
- f) surtos de agressão, bater em todos que estiverem por perto;
- g) a professora pediu material de Arte e não utilizou (reclamação de um estudante e de sua mãe).

No ano de 2017, apesar de terem sido registrados poucos casos, o ato de atear fogo e a ocorrência de surtos de agressões evidenciam que os estudantes queriam chamar atenção a qualquer custo e, às vezes, nem tinham consciência de que quisessem chamar o olhar e a escuta de alguém para um problema ou angústia que não sabiam externar. Seria preciso, além de trabalhar conteúdos e organizar o tempo, ter empatia e a sensibilidade de trabalhar a afetividade. Assim Vasconcellos (2000, p. 88, grifo do autor) nos apresentou:

O trabalho em sala de aula não transcorre baseado apenas na cognição; e assim fosse, grandes problemas estariam resolvidos. Ocorre que, na realidade, há uma grande carga afetiva envolvida, podendo passar por agressão, busca de afeto ou aceitação.

Os sujeitos querem ser reconhecidos, uns pelos outros, amados, notados, eles desejam ter valor para os outros. Cada um deseja ser engendrado, reconhecido e revelado pelo outro como merecedor de sua estima.

De acordo com Vasconcellos (2000), pudemos verificar que a agressividade pode ser uma forma de expressar que às vezes não se tem consciência, como emoções que fogem do controle do sujeito e que talvez não saiba o que é. Nem todos resolvem situações adversas com diálogos e boa parte desses sujeitos, na maioria das vezes, nem têm o direito da escuta da sua versão dos fatos. São crianças que precisam de orientações e de afeto.

No ano de 2018 foram registradas apenas oito ocorrências no livro, dentre as quais se destacaram:

- a) estudante com o nível de diabetes sempre alto, passa mal constantemente;
- b) estudante com os pés machucados e sangrando sem ter cuidados médicos e de higiene;
- c) pegar doce do colega;
- d) bater e empurrar colegas durante o intervalo.

A diferença nesses registros foi a falta de cuidados com a saúde dos estudantes. O caso foi registrado depois de várias tentativas de diálogo com os familiares que deveriam amparar e zelar pela integridade e bem-estar das crianças. A resposta registrada pelos familiares foi a

dificuldade em se conseguir uma vaga no posto de saúde para fazer exames e tratamento. A escola entrou em contato com o posto de saúde e apresentou os casos solicitando atendimento aos estudantes, mas a demanda entre pacientes e médicos é a causa da demora no atendimento. Essa foi a resposta. Entretanto as crianças conseguiram iniciar o tratamento para as suas enfermidades.

No ano de 2019, no livro de ocorrência, havia apenas dois registros:

- a) queda na aula de Educação Física que não foi registrada e nem informada aos responsáveis. A mãe registrou a queixa, pois não foi informada sobre o fato ocorrido e sua filha chegou em casa machucada com uma raladura no joelho;
- b) dificuldade cognitiva de estudante e descaso dos responsáveis em procurar orientações de especialistas (queixa: criança cursando o 5º quinto ano e não conseguia ler e escrever, apenas conhecia alguns numerais).

O número de registros no livro de ocorrência foi diminuindo muito a cada ano, não por não ocorrerem atos considerados indisciplinados ou casos de brigas e agressões. Quando foi perguntado para a gestão escolar, porque os números de registros eram poucos no ano de 2019, a resposta dada foi porque os docentes estavam registrando as ocorrências dos estudantes de suas turmas no Diário de Classe e que estavam organizando também outros meios de registros, pois a maioria não tinha devolutivas; ou seja, estavam passando por mudanças funcionais.

2.5.2 A família, suas solicitações e inquietudes

Durante a primeira reunião com a professora do ano letivo de 2019, foi possível constatar, por meio das falas de alguns responsáveis presentes, a desvalorização da reunião com a professora, pelo fato de só quererem assinar a lista de presença e saírem sem ter participado dos assuntos que estavam em pauta, como: a entrega do kit escolar e dos materiais didáticos, fornecido pelo governo do Estado de São Paulo; horários de entrada e saída; atrasos e justificativas de faltas; conselho tutelar; organização dos materiais didáticos e do Programa Ler e Escrever e EMAI; dia e horário para conversar com a professora.

Dando continuidade à reunião e após a fala inicial pelo agradecimento da presença de todos e todas, alguns ouvintes se pronunciaram querendo assinar e sair. Entretanto, foram apresentados os registros na lousa, que condiziam com a pauta da primeira Reunião de Pais e Mestres. Era o primeiro contato com essas informações e foi orientado que se poderia

desenvolver ensino e aprendizagens significativas e possivelmente eficientes para os estudantes.

Aproveitando a oportunidade, foi apresentada uma breve trajetória profissional e acadêmica da professora responsável pela turma; a metodologia de trabalho pedagógico; a participação no Conselho Escolar¹² e na Associação de Pais e Mestres¹³ (APM), além da explicação sobre a pesquisa do mestrado, com a apresentação do tema, objetivos gerais e autorização para a participação dos estudantes, compromissos com os estudos, disciplina e indisciplina na sala de aula e no ambiente escolar. Estas descrições foram registradas na lousa e, com a chegada dos pais, mães e responsáveis pelos estudantes, após conferir na lista de chamada os nomes dos matriculados regularmente no 5º ano, alguns começaram a se acomodar nas mesas e cadeiras disponíveis; alguns leram os registros e outros nem perceberam o que estava registrado na lousa.

Diante da explicação, os presentes começaram a escutar as explicações e alguns até registraram os apontamentos como forma de lembrete (dito ao final da reunião). Após os esclarecimentos, a maioria revelou a surpresa de terem participado de uma reunião organizada dessa maneira e que estavam satisfeitos com as explicações dadas; outros não se manifestaram e deixaram a reunião sem se pronunciar.

Alguns responsáveis de outros anos da Unidade Escolar e participantes do Conselho Escolar sugeriram reuniões separadas e direcionadas para as famílias cujos estudantes tivessem um bom rendimento escolar e uma outra para os estudantes que tivessem defasagem em suas aprendizagens e problemas relacionados às suas condutas na sala de aula e no ambiente escolar.

A Direção da Unidade Escolar pesquisada, em uma reunião do Método de Melhoria de Resultados (MMR), diante dos pedidos dos responsáveis, organizou uma reunião específica para atender e orientar as famílias dos estudantes que apresentavam defasagem nos estudos, faltas excessivas e condutas inadequadas na sala de aula e no ambiente escolar. As outras famílias receberam um bilhete parabenizando o bom desempenho e rendimento na aprendizagem dos estudantes e convidando ao comparecimento na escola se houvesse algum esclarecimento a ser tratado no dia em que a professora tinha informado, reservado ao atendimento individual do responsável pelo estudante.

¹² Conselho Escolar é um colegiado formado por representantes da escola, famílias e da comunidade escolar, que participam e tomam decisões realizadas no interior da Unidade Escolar. Sua constituição é definida no início do ano letivo e tem duração até o final do mesmo ano.

¹³ Associação de Pais e Mestres consiste em uma instituição da Unidade Escolar que tem por finalidade integrar: escola, família e comunidade escolar no processo educacional.

O motivo alegado pelos responsáveis participantes da reunião do MMR seria por precisarem de mais esclarecimentos e orientações e com a duração prevista da reunião e a quantidade de pessoas presentes; essas ações não eram possíveis devido ao transcorrer do tempo, além de os responsáveis pelos estudantes que não tinham queixas sobre seus filhos e filhas terem que ficar escutando reclamações de outros estudantes, tomando o seu tempo. O que existia em comum nas opiniões das famílias era não querer saber o que se passa com o outro; queriam e almejavam resolver ou não os seus problemas, ou seja, assuntos pertinentes a sua família. Não consideravam o viver em conjunto, em sociedade e, a partir disso, aprender a se relacionar de modo a respeitar e aprender com as diferenças de aprendizagens e de condutas. Precisavam refletir e considerar a importância do diálogo, a educação dialógica, como Freire (2017b, p. 110-111) nos explicou:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa da libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.

De acordo com Freire (2017b), podemos relacionar a inexistência do diálogo e do amor para com o outro, quando nego a sua existência com relação a suas aflições, em não querer saber de suas dificuldades, e ainda solicito a separação desses assuntos. Não consideravam o fato de poder aprender em conjunto e de compartilhar boas práticas de uma família para com a outra na tentativa de exemplificações e sugestões de como poderiam ajudar os que estavam precisando de orientações, de diálogo e de amor.

Mediante a situação apresentada, a reunião específica se deu de acordo com a solicitação de alguns responsáveis participantes da reunião do MMR ocorrida em maio de 2019. O atendimento às famílias cujos estudantes apresentassem dificuldades e/ou defasagens nas aprendizagens, faltas excessivas e reclamações com relação à conduta de alguns estudantes na sala de aula e no ambiente escolar ocorreu a partir do levantamento feito por meio de avaliações diagnósticas de aprendizagens e de observações e registros quanto à conduta dos estudantes na sala de aula. A elaboração de uma pauta direcionada a tratar sobre os assuntos solicitados foi acordado com a Direção da Unidade Escolar; após as decisões e orientações, ocorreu a reunião.

Dessa maneira, a Direção da Unidade Escolar tomou uma decisão: além de atender as solicitações das famílias, oportunizou a escuta e o diálogo, para que juntos (gestão escolar, pedagógico, família e comunidade escolar), ao se comunicarem, pudessem tomar as decisões mais sensatas, considerando as condições e necessidades dos estudantes. Atitude como essa foi explicada por Luck (2018), como resultado do processo educacional que constrói a identidade da escola. Ou seja,

É possível afirmar que a identidade própria da escola resulta da natureza do processo educacional, que, ao mesmo tempo, assenta-se sobre e demanda um processo de relacionamento interpessoal, humano e cultural, que, por natureza, é único e irrepetível, uma vez que não pode ser programado como as pessoas irão agir e reagir a cada atividade e ação, mesmo porque elas são interpretadas não pelo que são, mas pelas ideias e concepções subjacentes a elas em confronto com as necessidades e interesses pessoais dos envolvidos. Esse processo depende, em boa parte, de perspicácia, discernimento, presença de espírito, sensibilidade, espontaneidade, habilidade de observação reflexiva para determinar os melhores cursos de ação para as situações e reações criadas a cada passo e a cada momento. (LUCK, 2018, p. 38-39).

Segundo Luck (2018), construir a identidade da escola a partir do processo educacional demanda não só tempo, mas iniciativa em querer resolver situações que não são fáceis de lidar e envolvem, além do querer fazer algo, uma formação profissional, pedagógica e empática, ressaltando que se alguém ou um grupo solicita orientações ou ajuda, precisa-se conhecer quais são as necessidades e prioridades para que, na devolutiva das ações, percebam que as possíveis respostas não são previsíveis, mas desenvolvidas e para tanto não conta só com a ação de um, mas do grupo em conjunto.

Foi feita a verificação dos resultados das avaliações diagnósticas da aprendizagem e dos registros no Diário de Classe sobre condutas inadequadas na sala de aula, como: não realizar as tarefas propostas em sala de aula e para casa (fato resultante do baixo rendimento escolar, a maioria); faltas e atrasos em excesso; brigar e/ou provocar o colega na sala de aula e nos ambientes da escola – condutas essas que já haviam sido combinadas e acordadas com os estudantes em sala de aula e estavam registradas e expostas em um local de fácil acesso e visualização.

Foram convocados dezoito responsáveis de um total de trinta e dois estudantes matriculados regularmente na turma do 5º ano – mais da metade do total da turma. Além das defasagens na aprendizagem, o excesso de faltas foi um ponto muito importante. Em sessenta dias letivos, referentes ao 1º bimestre de 2019, quatro estudantes estavam com excesso de faltas, sendo os seguintes números: um estudante com 32 (trinta e duas) faltas; dois estudantes com

30 (trinta) faltas e um estudante com 27 (vinte e sete) faltas. Desses quatro, somente um tem rendimento escolar considerado adequado para o quinto ano cursado. Nenhum desses responsáveis, convocados mediante comunicado antecipado e assinado, compareceu à reunião.

Dos dezoito responsáveis convocados, apenas dez compareceram à reunião e cinco entre eles informaram que estavam com pressa e que só queriam assinar a presença. Foi solicitado que todos e todas se acomodassem nas mesas e cadeiras, e que já iria apresentar a pauta da reunião e retomar o comunicado que estava no bilhete que proporcionou a referida reunião. Foram verbalizadas, de um modo bem sucinto, as questões sobre defasagens na aprendizagem, faltas excessivas e condutas inadequadas.

A pauta registrada na lousa serviu de roteiro para o primeiro momento da reunião que tinha por objetivo esclarecer, de um modo geral, informes e dúvidas sobre as demandas e tarefas na sala de aula; no segundo momento, haveria o atendimento individual aos responsáveis que quisessem conversar sobre o estudante.

Seguindo o roteiro, a reunião foi desenvolvida com significado e relevância. As dúvidas foram esclarecidas e todos saíram dizendo que iam tentar ajudar os estudantes dentro de suas possibilidades e que estavam cientes de que precisavam dar mais atenção a eles (no âmbito pessoal, afetivo e escolar).

De um modo geral, ao finalizar os atendimentos individuais aos responsáveis, o fechamento da conversa resultou em que a maioria reconhecia as falhas com relação aos cuidados e acompanhamento da vida escolar dos estudantes, mas não sabiam como fazer para lidar com essas situações, sendo que dos dez presentes uma trabalhava com a educação infantil (professora) e outra trabalhava com educação especial (cuidadora) e, mesmo com conhecimentos sobre a rotina escolar, não estavam conseguindo ajudar seus filhos a superarem suas dificuldades com relação às aprendizagens e ao relacionamento entre os sujeitos.

Os demais – no caso, os oito – alegaram falta de tempo e de conhecimento (estudos sistematizados cientificamente), pois saíram “cedo” da escola, porque não gostavam de estudar e/ou não tiveram oportunidade, embora reconhecessem que o estudo era importante, mas não “levam jeito” para estudar. Além de não saberem como colocar, apresentar e explicar sobre regras para seus filhos e filhas, disseram que não tinham ideia de como fariam para que ele e seus filhos e filhas pudessem mudar de conduta com relação aos estudos e às questões de indisciplina, que ocorrem desde o início do ano escolar.

Agradeceram as explicações, as apresentações dos materiais e as sugestões dadas e confessaram que nunca haviam participado de uma reunião como a que tinha acontecido.

Sáíram confiantes, mas com uma tristeza no olhar ao confessarem que nunca haviam pensado de que como a participação da família na vida escolar do estudante poderia ser fundamentada da forma como foi. As escolas, muitas vezes, convocam os responsáveis pelos estudantes para reclamar, penalizar e/ou apresentar queixas com relação aos estudantes, porém cabe à escola orientar e valorizar as boas práticas de famílias que acompanham ou querem acompanhar a vida escolar de seus/as filhos/as, mas têm vergonha por não ter "estudos". A escola precisa acolher não só os estudantes, mas as famílias deles.

Para fundamentar a narrativa sobre a reunião de pais e/ou responsáveis, Vasconcellos (2000, p. 101-102, grifo do autor) sintetizou algumas sugestões para as famílias, como:

Readquirir a prática do **diálogo**. É no olho no olho, estar junto, inteiro; querer saber como o filho está indo, suas conquistas, temores, expectativas de vida, visão de mundo, preocupações etc. [...].

Ajudar os filhos a terem uma **postura crítica** diante dos meios de comunicação (consumismo, contravalores, exploração da sexualidade, mentiras do sistema etc.).

Ajudar seus filhos a pensarem sobre o **sentido da vida** [...].

Não **acobertar os erros** dos filhos.

Acreditar nas possibilidades do filho. Quando ele comete um erro, lembrar de Santo Agostinho: “Odeie o erro, mas ame o pecador”.

Desenvolver em casa uma **“pedagogia da participação”** (nas decisões, nas despesas, nos trabalhos domésticos).

Não se sentir inferiorizado (a) por ter conflitos na família [...].

Não se sentir culpado (a) por ficar pouco tempo com o filho [...].

De acordo com Vasconcellos (2000), a partir da necessidade de se tratar sobre esses assuntos com as famílias, o/a professor/a, diante da situação verificada em sua sala de aula, pode e deve solicitar à gestão escolar uma reunião extraordinária, se for o caso, para tratar sobre esses questionamentos, inseguranças e aflições. Ajudando, dialogando e escutando essas famílias e os estudantes, podemos formar um elo em prol não só da aprendizagem efetiva e significativa, mas de uma aprendizagem humana que considera no outro suas potencialidades e fraquezas, mas que podem ser amenizadas quando são compartilhadas e dotadas de colaboração, respeito e afetividade. Fazemos isso pelo “começar”, conhecendo esses estudantes e sua realidade, como Freire (1993, p. 79) fundamentou em sua obra:

Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem.

Minha convicção é que não há temas ou valores de que não se possa falar nesta ou naquela área. De tudo podemos falar, sobretudo podemos testemunhar. A linguagem que usamos para falar disto ou daquilo e a forma como testemunhamos se acham, porém, atravessadas pelas condições sociais, culturais e históricas do

contexto onde falamos e testemunhamos. Vale dizer, estão condicionados pela cultura de classe, pela concretude daqueles com quem falamos e testemunhamos. Enfatizamos a importância do testemunho de seriedade, de disciplina no fazer as coisas, de disciplina no estudo. Testemunho no cuidado com o corpo, com a saúde. Testemunho na honradez que o educador realiza a sua tarefa. Na esperança com que lute por seus direitos, na persistência com que briga contra o arbítrio. As educadoras e educadores deste país têm muito o que ensinar, ao lado dos conteúdos, aos meninos e meninas, não importa a que classe pertençam. Têm muito o que ensinar pelo exemplo de combate em favor das mudanças fundamentais de que precisamos, de combate contra o autoritarismo e em favor da democracia.

Segundo Freire (1993), precisamos proporcionar ensinamentos não só dos conteúdos escolares, mas, integrados ao que é previsto e proposto no currículo escolar, outros saberes que são desenvolvidos em comunhão entre os sujeitos, nas diversidades de suas diferenças e nas aproximações de suas angústias ou destrezas. Precisamos ensinar os estudantes a agir a partir de sua própria realidade cotidiana; para fazermos isso, é necessário observação, escuta, diálogo, intervenção e ação.

Consideram-se importantes tanto a ação por parte dos pais que solicitaram uma reunião diferenciada e voltada para as especificidades de cada estudante quanto a ação da professora em considerar as queixas e sugestões e buscar preparar algo de forma que aproximasse aqueles que se sentem excluídos, por se considerar que têm menos estudos, menos tempo e menos saberes. Eis um pedido implícito de ajuda, de socorro mútuo: alguns estudantes e famílias precisavam de orientação, precisavam acreditar que o saber e o não saber, o fazer e o não fazer eram condições que poderiam ser transformadas a partir das ações e da não desistência. Mas como não desistir se não se sabia porque precisava lutar.

De acordo com Luck (2018), Freire (2017b, 1993) e Vasconcellos (2000), o trabalho da professora e do professor não se restringe somente ao ato de seguir e cumprir o conteúdo previsto no currículo escolar; vai muito mais além, com ensinamentos que podem ser relacionados, integrados e devem fazer sentido aos estudantes e ter significado para a sua realidade. É preciso demonstrar a humildade em querer escutar as famílias e os estudantes e agir com sugestões e intervenções que os façam refletir que somos humanos e falhos e que precisamos agir e reagir, tentar e recomeçar sempre que for necessário, considerando a condição social, histórica e escolar como fatores condicionantes, que podem orientar o trabalho do professor e da professora em prol de uma aprendizagem significativa, colaborativa, transformadora, desafiadora, mas que a cada conquista possa resultar na percepção da disciplina organizativa necessária para as aprendizagens e para o bom relacionamento entre estudantes e professor/a.

3 A ESCOLA E O ESCOLAR, ENTRE O APRENDER E O CONHECER: DA INDISCIPLINA À DISCIPLINA

Nesta seção, visamos apresentar algumas reflexões sobre como os estudantes chegam a um ambiente diferente (em partes) de outras instituições em que regras distintas, principalmente relacionadas ao tempo de se apresentar resultados, são uma constante. O que são: a relação entre a escola e o escolar, entre o aprender e o conhecer e a passagem da indisciplina para disciplina nessas relações, reconhecendo que esses temas provocam várias e importantes discussões, mas que precisam ser compreendidos como questionamentos indissociáveis. Contextualizar essas definições foi e é um desafio; por essa razão, o que será discutido deve/precisa ser analisado como uma construção interpretativa, com objetivo de ponderar a historicidade dessas relações.

Nesse sentido, importa-nos apresentar as discussões teóricas e conceituais sobre a escola, sob pontos de vistas distintos, juntando-se a esses a visão dos estudantes.

3.1 A ESCOLA

A partir da leitura dos textos de Masschelein e Simons (2013), Noguera-Ramirez (2009) e Canário (2005), foi possível refletir sobre como as contextualizações nos davam um alerta: saber diferenciar a escola e o escolar e compreendê-las é primordial para constatar que os teóricos fazem abordagens sobre a escola e os demais temas a partir de uma visão analítica, de uma invenção histórica com suas respectivas transformações ao longo do tempo. Mas foram os estudantes que no dia a dia e no cotidiano da escola, por meio de suas experiências, puderam nos traduzir o que pensavam e como entendem a escola.

A escola, tal qual a conhecemos na atualidade foi uma invenção, “uma invenção histórica” (CANÁRIO, 2005, p. 61). Para assegurar as necessidades e transformações culturais, sociais e políticas, os sujeitos começaram a fazer exigências (direito a estudar) que precisavam ser atendidas. O Estado, detentor do poder, tinha que atender essas exigências, mas com o objetivo de controlar as condutas desses sujeitos, para se manter a ordem e a soberania de quem está no “controle” desses sujeitos.

Não há dúvida de que estamos na presença de uma invenção histórica, contemporânea da dupla revolução industrial e liberal que baliza o início da modernidade e que introduziu, como novidades, o aparecimento de uma instância educativa especializada que separa o aprender do fazer; a criação de uma relação social inédita, a relação pedagógica no quadro da classe,

superando a relação dual entre o mestre e o aluno; uma nova forma de socialização (escolar) que progressivamente viria a se tornar hegemónica. (CANÁRIO, 2005, p. 61).

De acordo com Canário (2005), para atender às necessidades contemporâneas da sociedade, a escola foi criada como uma instituição que precisava não somente organizar espaços, mas também precisava organizar tempo, modalidades de ensino, agrupamentos de estudantes e assegurar a relação não somente entre professor-estudante mas também entre professor-turma.

A população aumentava consideravelmente entre os séculos XVI e XVII, com rapidez que precisava de controle. Controle que o Estado, por si só, já não conseguia atender. O deslocamento no modo de governar, de acordo com Noguera-Ramirez (2009), estabeleceu-se em uma nova ordem para atuar, pensar em atender os desejos dos sujeitos que juntos formavam a população; para assim poder governar, tinha um alvo específico: a família. Essa população tinha família, e para manter a soberania de um governante, controlando a família, controlava-se a população.

Noguera-Ramirez (2009, p. 144) explicou que

[...] a arte de governar no século XVI e XVII esteve sujeita ao modelo da família e, nesse sentido, sua preocupação foi como fazer para que o governante pudesse governar o Estado da forma tão precisa e meticulosa como um pai governa a sua família; em outras palavras, como aplicar a economia da família para o governo do Estado. E aqui é preciso lembrar que nessa época, a economia não fazia referência a outra coisa além da gestão da família e da casa, daí que a arte de governar fica aprisionada entre o marco do Estado e do soberano, por uma parte, e à casa e ao pai de família, pela outra: bloqueio da arte de governar que só até o século XVIII encontrará condições favoráveis para o seu desdobramento e expansão com o surgimento do problema da população.

A família precisava aceitar que a sua constituição necessitava de governo, mais precisamente de governabilidade, o que Canário (2005, p. 63) chamou de “objeto sociológico”, resultante do processo de “[...] transição das sociedades de Antigo Regime para as modernas sociedades industriais [...] uma revolução dos modos de socialização [...]”. Com as revoluções, a escola precisou se adequar às mudanças necessárias para continuar a ser uma instituição que pudesse organizar o ensino que contemplasse a demanda de mão de obra qualificada.

Na tese de Noguera-Ramirez (2009, p. 49), foram analisados dois modos de educar, chamados de “via sofisticada e a via filosófica”. Para os sofistas, de modo breve, o ensino era baseado em “[...] uma formação ampla que envolvia variados e diversos saberes e não só o

ensino de um mero saber prático ou especializado” (NOGUERA-RAMIREZ, 2009, p. 52) e isso era feito por meio da conversa entre homens, ou seja, o ensino era transmitido por conversas iniciais acumuladas ao longo da vida, que eram aprofundadas por meio de conhecimentos trocados com amplitude com um mestre.

Na “via filosófica”, Noguera-Ramirez (2009, p. 53) explicou que o ensino era pautado na “[...] relação dialética e na atividade através da qual o indivíduo consegue ocupar-se de si, cuidar da sua alma, alcançar a virtude [...]”. Nessa explicação, podemos verificar que os conhecimentos precisavam ser relacionados com o próprio indivíduo, ou seja, precisavam lhe fazer sentido.

Essas duas formas de educar, de acordo com Noguera-Ramirez (2009, p. 53), teriam ocorrido entre os séculos V e IV, mas

Essas duas formas ou vias de conceber e proceder na educação não desaparecem com a Grécia Clássica; ao contrário, foram desenvolvidas, transformadas, apropriadas, modificadas, enfim, retomadas de diversas formas nos séculos seguintes. Mas, nesse transcurso histórico, adquirem destaque pelo menos três modalidades ou formas: o modo cristão da doutrina e disciplina, o modo da Época Clássica ou da Didática, e o modo “científico” ou da Ciência da Educação Alemã [...].

O que podemos evidenciar nessa citação é que, com o passar dos séculos, realizamos ações no ensino que visam desenvolver, transformar, apropriar, modificar e ainda retomar, se for necessário, para que os sujeitos tenham condições de aprender a ser atuantes em suas aprendizagens. É inevitável ao trabalho da professora e do professor a análise de sua prática, ou seja, refletir sobre a questão do ensino e da aprendizagem, e quais são os meios necessários para se aprender e como ser ativo em sua aprendizagem.

Ainda na tese de Noguera-Ramirez (2009), podemos encontrar uma justificativa histórica na questão entre ensino e aprendizagem. O que ele registrou como “sociedade educativa” nos faz refletir sobre uma outra forma de organização social na qual se refere ao ensino e como que as ações são pautadas na diversidade das práticas pedagógicas. De acordo com o autor,

Por essa explosão de práticas pedagógicas, por sua difusão e intensificação cada vez maior é que podemos afirmar que estamos diante de um outro tipo de organização social; essa que chamo de “sociedade educativa” na medida em que, como nenhuma outra na história, pretendeu educar (ensinar, instruir, formar) de maneira sistemática todos os seres humanos como condição para a

sua humanização e para o crescimento, enriquecimento e fortalecimento das nações. (NOGUERA-RAMIREZ, 2009, p. 98).

De acordo com Noguera-Ramirez (2009), podemos considerar que essa “explosão de práticas pedagógicas” teve como objetivo subsidiar recursos financeiros a quem governa, proporcionando condições de ser tornarem “humanizados” e proporcionando a sua nação possibilidades de ascensão econômica. Na prática, Noguera-Ramirez (2009) descreveu a sociedade educativa com três modos de pensar e praticar a educação, o que foi sintetizado com a seguinte e breve descrição:

- a) Sociedade do ensino: entre os séculos XVII e XVIII. Partia da centralidade. O aprender parte de Deus; em seguida, saía da responsabilidade de Deus e passava a ser do sujeito que devia procurar a instrução, de modo individual.
- b) Sociedade educadora: no final do século XVIII, com a expansão nas camadas sociais, em conjunto com responsabilidade coletiva. Agora o desafio era ensinar tudo a todos. Partia da instrução para a questão do aprender.
- c) Sociedade da aprendizagem: no final do século XIX. O sujeito, agora, aprendia a aprender e, nesse momento, o que ensinava passava a mediar o ato de aprender, pois visava a um projeto social educativo que envolvia adultos, jovens e crianças, tornando os sujeitos envolvidos úteis, para que com seu aprendizado pudessem atender às necessidades do Estado.

Aprender ao longo da vida, aprender a aprender é a divisa do governmento contemporâneo. Estamos sendo compelidos a nos comportar como aprendizes, que moramos em sociedades de aprendizagem ou cidades educativas. (NOGUERA-RAMIREZ, 2009, p. 231).

Como podemos perceber, o aprender e a aprendizagem sofreram alterações históricas, recebendo novas concepções e outras definições de como o indivíduo devia agir para conseguir alcançar a aprendizagem, o aprender a aprender, conforme indicado por Dewey (1995 [1916], p. 48 *apud* NOGUERA-RAMIREZ, 2009, p. 231):

A perspectiva de formação do século XIX, por exemplo, implicava em assumir uma determinada forma, talvez a forma “homem” (o humano integral, pleno); a aprendizagem não busca forma, pelo contrário, se trata de *plasticidade*, como dizia Dewey, isto é, já não mais da capacidade de mudar de forma pela pressão externa, mas da elasticidade pela qual algumas pessoas adotam o aspecto que lhes rodeiam ainda conservando sua própria inclinação.

Dessa maneira, era possível dizer que aprender era a busca do conhecer, no movimento de ida e vinda, ou seja, da ação à reflexão, do ponto de partida, do avanço e do retrocesso, da procura em estabelecer características que confirmassem ou refutassem o que se podia discriminar a informação ser uma e não a outra, da necessidade de sua invenção com garantia de formar cidadãos para a sociedade e o mercado de trabalho, que seria “o processo de domesticação” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 27).

A invenção da escola, de acordo com as pesquisas dos autores apresentados em ordem cronológica (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013; NOGUERA-RAMIREZ, 2009; CANÁRIO, 2005), reforçava a ideia do “processo de domesticação” e podia nos mostrar que a instituição criada teve como propósito a função de organização dos novos modos de socialização em “fabricar cidadãos” como mão de obra qualificada para atender o mercado de trabalho que, em desenvolvimento, precisava de conhecimento sistematizado que garantisse eficiência e qualidade. Assim, não era tão somente conhecer o assunto, precisava aprender para poder, com o acúmulo de conhecimentos aprendidos, imergir socialmente.

3.2 A ESCOLA E O ESCOLAR

Como podemos diferenciar os termos escola e escolar, paramos para refletir quais eram suas atribuições e as suas contribuições para a vida dos estudantes. Para nos ajudar a refletir sobre os termos, Noguera-Ramirez (2009) e Masschelein e Simons (2013) nos trouxeram uma breve contextualização.

Em Noguera-Ramirez (2009, p. 134), podemos perceber que a escola, tal como a conhecemos, foi uma invenção de nosso tempo, ou naquilo que constituímos na modernidade como um processo de construção de uma sociedade na qual “[...] ensinar e aprender foram atividades-chave para o governo da população [...] se constituiu dentre um processo civilizatório, para tanto, seria esse o lugar para formação das condutas”.

Para Noguera-Ramirez (2009), a escola foi constituída como um espaço sistematizado e especializado de agrupamento de sujeitos para adquirir uma progressiva organização mental, que deveria conduzi-los para uma forma adequada de como se comportar e pensar, ou seja, para contemplar um processo de civilização no que dizia respeito à socialização, com uma relação complexa de normas para controlar atividades em diferentes espaços e momentos. O tempo era determinado, a dinâmica da aprendizagem exigia ritmo, regulação e controle, assim o sujeito precisava aprender a seguir uma disciplina que garantisse as determinações.

Para contemplar as organizações pensadas, o espaço precisava de normas e condutas que pudessem alterar, modificar ou até mesmo modelar qualquer conduta que não estivesse de acordo com o bom funcionamento do lugar. Um bom exemplo disso era a organização do mobiliário em um espaço chamado de sala de aula, que, além de normatizar as ações e os movimentos corporais dos sujeitos, individualizava a aprendizagem. De acordo com Noguera-Ramirez (2009, p. 141),

Os bancos escolares, controlavam a localização das crianças dentro da sala de aula, bem como os seus movimentos, posturas e deslocamentos; as formações envolviam o controle do corpo e a distância entre os indivíduos, a postura correta e a sua permanência por algum tempo, o lugar a ser ocupado no interior do grupo, como se vestir e a higiene pessoal.

Noguera-Ramirez (2009, p. 140), sob o ponto de vista da história, explicou-nos que “[...] a escola foi um lugar especializado na construção do sujeito [...] que funcionou a partir de um programa complexo de normas para a distribuição e controle de atividades em diferentes momentos e espaços”. Quando lemos as palavras “foi” e “funcionou”, parece que deixou de existir esse formato de construção do sujeito na escola. O que adiante vamos interpretar é como se faz isso. É a diferença entre a escola e o escolar. A escola como instituição que organiza o tempo, o espaço, os agrupamentos e a relação entre professor-aluno-turma. O que seria, então, o escolar?

Para contextualizar o questionamento, tanto Masschelein e Simons (2013) como Noguera-Ramirez (2009) buscaram na história resposta sobre o escolar que antecede o conceito de escola, pois para esses seria o escolar um tempo de suspensão da rotina cotidiana para se dedicar a um tempo não produtivo, mas reflexivo de tentativas e conexões para se estabelecer relações entre o assunto a ser abordado e a aprendizagem do sujeito.

A escola, por outro lado, surge como materialização e especialização concreta do tempo que, literalmente, separa ou retira os estudantes para fora da (desigual) ordem social e econômica (a ordem da família, mas também a ordem da sociedade como um todo) e para dentro do luxo de um tempo igualitário. Foi a escola grega que deu forma concreta a esse tipo de tempo. Isto significa que este – e não, por exemplo, a transferência de conhecimento ou o desenvolvimento de talentos – é a forma de tempo livre por meio do qual os estudantes poderiam ser retirados de sua posição social. É precisamente o modelo escolar que permite que os jovens se desconectem do tempo ocupado da família [...] da cidade/estado [...] que compõe o escolar [...] (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 29).

O escolar era diferente do que consideramos como a escola no tempo e espaço, na estrutura da instituição, com normas e condutas que controlem as ações, os movimentos e o tempo de aprendizagem (disciplina). Escolar era o tempo livre e não produtivo, contrário de produtivo de produção em quantidade sem reflexão, com resultados a serem alcançados em um tempo estabelecido. “Nesse sentido, o espaço escolar é aberto e não corrigido” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 37).

3.2.1 O aprender e o conhecer

Uma pesquisa-ação tem relação entre o aprender e o aprendizado dos sujeitos envolvidos. Nesse ínterim, todos contribuem para uma aprendizagem compartilhada, relatando seus saberes a partir do cotidiano, a partir de suas histórias, na tentativa de aquisição do conhecimento sistematizado. O que é aprender? Para responder esta questão, visamos apresentar o ato de aprender na obra de Dewey (1959, p. 85), segundo o qual “[...] aprender é aprender a pensar [...], quanto ao seu lado intelectual, está vitalmente relacionada com cultivo da atitude do pensar reflexivo, preservando onde já existe e substituindo os métodos de pensar mais livres por outros mais restritos, sempre que possível”.

De acordo com Dewey (1959), aprender é considerar o que já foi acumulado ao longo dos anos, considerando a historicidade do sujeito, considerando o que já foi aprendido e agregado a outras formas de interação entre o senso comum o que "acho" e as informações sistematizadas "fundamentadas com verdades relativas até que se prove outras possibilidades" (conhecimento sistematizado cientificamente), de modo a aprofundar as informações aprendidas contrapondo a ação de pensar para elaborar outras possibilidades e poder fundamentar com verdades já sistematizadas.

Canário (2005), ao escrever sobre a aprendizagem, considerou o pensamento de Dewey (1959) e de Masschelein e Simons (2013); contudo, acrescentou outros termos como: interação, articulação, experiência e experimentação. Para entender,

Em primeiro lugar, a aprendizagem corresponde a um trabalho de que cada sujeito realiza sobre si próprio. Ao interagir com o mundo que o rodeia, cada sujeito constrói teorias que permanentemente testa através de *ação*. A articulação entre a informação e a experiência assume papel central, o que se traduz em considerar cada sujeito como o principal recurso para a sua aprendizagem [...] que supõe uma *atividade* de experimentação, marcada pelo processo de tentativa-erro [...] e o ponto de partida é a pergunta [...].

Em segundo lugar, a aprendizagem coincide com o ciclo vital. O Homem é, quando nasce, um ser dependente cuja sobrevivência e construção como pessoa supõe uma aprendizagem [...].

Em terceiro lugar, a aprendizagem é, no essencial, um processo difuso, não formal que é coincidente com o processo multiforme de socialização. (CANÁRIO, 2005, p. 70).

De acordo com Canário (2005), era possível considerar que a aprendizagem era um processo de interação e transformação, que para ser eficaz precisava da pergunta e do erro aliado a tentativas para que fosse possível realizar a interação com o assunto, tema ou objeto a ser parte da sua aprendizagem. Era necessário ser ativo na aprendizagem, realizando questionamentos e experimentos que pudessem contribuir para a construção do conhecimento.

Conhecimento era o que Dewey (1959) considerava como compreensão do que foi aprendido. Para ele, “Constituem conhecimento somente quando o seu material é compreendido” (DEWEY, 1959, p. 86). Assim, de acordo com o autor, não se constituía o conhecimento sem o processo de aprendizagem que passava por etapas de entendimento que pudesse organizar o desenvolvimento para gerar o conhecimento com profunda reflexão.

Para Dewey (1959, p. 86), o conhecimento era resultado de

[...] entendimento, compreensão, significa que várias partes da informação adquirida são apreendidas em suas relações mútuas – resultado esse que é obtido apenas quando a aquisição se faz acompanhar de constante reflexão sobre o sentido do que é estudado. Existe uma importante distinção entre memorial verbal mecânica e a que os antigos escritores chamavam de “memória judiciosa”. Esta capta as bases do que é retido e evocado, sabendo, pois, usar o material em novas situações que desnorteariam a memória verbal.

Dessa maneira, podemos considerar a continuidade do processo em se adquirir o conhecimento que, para ser significativo e possivelmente consolidado, precisa de interação ativa do sujeito em realizar associações com o que foi aprendido (aprender) e passou pelo processo de aprendizagem para poder, por meio da interação, resultar em conhecimento. Estamos contextualizando o ato de aprender que gera a aprendizagem e o conhecimento que advém do ato de conhecer que é ensinado na escola como introdução ao processo que foi explicado anteriormente.

O que é ensinado na escola parte do ensino do professor, da professora ou do educador, palavras sinônimas que classificam o profissional da educação escolar, com atribuições que, a partir do ensino, podem conduzir o estudante ou educando (palavras sinônimas que são relativas ao sujeitos que estão na escola) no processo de aprender a ser atuante na sua aprendizagem, que resultará em conhecer e desenvolver reflexões que fundamentem o seu conhecimento.

Dewey (1959) considerava que, para o indivíduo aprender o ensino, era preciso ser levado à liberdade, liberdade para pensar, aprender por experiência, e que essa tinha que ser significativa e fazer parte do cotidiano. Era a soma de conhecimentos e aprendizagens adquiridas que seriam fundamentados com o conhecimento sistematizado e organizado na escola.

Em sua obra, o autor supracitado nos explicou sobre a liberdade, o ensino, a aprendizagem, disciplina e sobre o erro, quando afirmou:

Isso nos torna capaz de perceber o erro na concepção de liberdade, sustentada pela teoria educacional que a tem como divisa. A disciplina que se identifica com a capacidade exercida é também idêntica a liberdade. Pois liberdade é poder de agir e executar, independentemente de tutela exterior. Significa domínio, capaz de exercício independente, emancipado dos cordéis da direção alheia, não simples atividade exterior sem peias. (DEWEY, 1959, p. 93).

O responsável pela liberdade da aprendizagem não é só o que deve aprender (estudante), mas a ação compartilhada com o ato de ensinar (professor). Assim, podemos mencionar que os estudantes, na escola, devem interagir com a sua aprendizagem, mas o/a professor/a é que deve saber medir e direcionar as aprendizagens. O responsável pelo ensino na sala de aula deve saber sobre a qualidade e a quantidade do que será oferecido para os estudantes, de modo a estimular a sua relação na busca do conhecimento e da aprendizagem. Dewey (1959 [1933], p. 266) trouxe um problema com relação ao momento de se explicar algo para o aluno:

O problema prático do professor é encontrar um meio termo para a demonstração e explicação, nem tão escassa que deixe de estimular a reflexão, nem tão abundante que a sufoque. Contando que o estudante esteja realmente ocupado num assunto e que o professor esteja disposto a dar-lhe suficiente margem para o que se assimila e retém (não exigindo rigorosamente que tudo seja apreendido ou reproduzido), haverá, relativamente, pouco perigo de que aquele que se acha possuído de entusiasmo transmita coisas demais quanto a um dado ponto.

Como podemos verificar, o professor deverá se inteirar do assunto a ser apresentado para o estudante de tal forma que o leve a buscar o conhecimento para poder aprender a aprender conforme a sua interação, possibilitando a própria percepção de aprendizagem; ou seja, a mediação necessária do ensino é saber o quanto cada um pode receber de informação para poder iniciar suas relações e para isso é fundamental o diálogo entre professor e estudantes, além de perceber que o aproveitamento do espaço da escola também é importante para se dedicar a novas aprendizagens.

Na escola, essas aprendizagens precisam ser disciplinadas de modo positivo e construtivo, o que Dewey (1959, p. 93) afirmava ser “[...] um produto, um resultado, uma realização, não coisa imposta do exterior”. Entretanto, a escola, como a conhecemos, foi constituída para atender necessidades dos indivíduos de leitura, escrita, de fazer cálculos, para exercer a cidadania, além de preparar para o mercado de trabalho. Para tanto, a disciplina foi imposta como obrigação para se realizar tarefas e condutas, para se manter o bom andamento do que era proposto na escola e como condição para a boa relação entre o ensino-aprendizagem e a escola. Dessa maneira, Canário (2005, p. 72) nos dizia que: “Em síntese, o que está em causa, na organização do trabalho da escola, é substituir o critério de obrigação pelo da necessidade, o constrangimento pela espontaneidade, a incompatibilidade pelo entendimento, o enfado pelo prazer”.

Ao longo do tempo, a escola foi acusada de ser vulnerável em atender as necessidades apresentadas. Afinal, a escola era uma instituição que foi pensada pelo Estado que, de acordo com Masschelein e Simons (2013), precisava de regras para manter o seu funcionamento, priorizando a ação e intervenção no ato de ensino-aprendizagem.

Segundo Masschelein e Simons (2013, p. 64),

Essas regras escolares servem para tornar possível apresentar o mundo de uma maneira atraente: tentam focalizar a atenção, minimizar a distração e manter (ou, evitar, quando, necessário) o silêncio. Elas também são as pequenas regras pessoais que orientam os estudantes durante o estudo e a prática.

O fato é que as questões da disciplina e da indisciplina na sala de aula são pouco discutidas com os estudantes. No cotidiano da escola, muitas são as regras para ensinar e aprender, porém o que prevalece é a obediência e o silêncio. O desafio para a presente pesquisa foi este: Como apresentar a importância do silêncio necessário para determinados momentos e as conversas para deleite dos estudantes? Como criar e estabelecer o tempo livre para conversar? Precisávamos construir combinados que evidenciassem tais questões.

3.3 CONVERSAS SOBRE A ESCOLA

A primeira conversa sobre a escola aconteceu no dia 18 de março de 2019, momento em que foi explicado que as comunicações seriam gravadas e que esse procedimento fazia parte da pesquisa. As informações e os relatos seriam muito importantes para compreender como eles se percebiam e a escola em que estudavam. Antes de iniciar a gravação, foi combinado que quem não quisesse participar fizesse um gesto com a mão. A sala estava organizada em fileiras.

Como pesquisadora, não era diferente da professora; o medo de perder o “controle” estava revelado na organização do espaço. Precisava de certa disciplina.

Foi observado que, durante as perguntas, alguns estudantes se esquivavam, outros prestavam atenção e esperavam a sua vez para falar. Enquanto caminhava entre eles, foi possível perceber que alguns desenhavam, outros estavam calados, alguns tentavam chamar a atenção dos colegas para conversas paralelas. Ao terminar a gravação do áudio, e perguntar como haviam se sentido nesse momento, ocorreu um breve silêncio e a resposta foi que a maioria não estava acostumada a participar de momentos de escuta e conversas. A participação foi satisfatória. Mesmo com timidez, de trinta e dois estudantes, vinte participaram dando a sua opinião. As reuniões ocorreram quando todos os estudantes matriculados estavam presentes na sala de aula, para marcar o momento da pesquisa. Alguns estudantes não tinham frequência assídua às aulas, com faltas em excesso e dificilmente a sala de aula estava com todos presentes.

Queria saber a opinião deles sobre a escola, e a pergunta foi: O que a escola significava para eles?. Silêncio mortal... Perguntei, então, para A.A.¹⁴, que balançou a cabeça e disse: “A escola, pra mim, representa estudo, tirar as dúvidas, conversar, dialogar, entender o outro, respeitar”. E assim a conversa seguiu em um jogo de perguntas e respostas, que implicava em dizer o quanto gostavam ou não da escola; passavam pelas dificuldades que tinham em se expressar quando tinham dúvidas; identificaram o que a escola era: o lugar em que aprendiam a respeitar o próximo, um ambiente para aprender mais, lugar em que a professora explicava e tirava as dúvidas, “tira a nossa dificuldade” (G.C.), a escola era um lugar em que se aprende, perguntava as dúvidas, falava sobre as dúvidas para a professora responder. Enfim, afirmou Y.X.: “A escola pra mim é um lugar que tem que estudar, né, que tem que ter educação, e é só isso”.

Diante das respostas de alguns estudantes, pudemos verificar que a escola era compreendida de modo sincrético, ou seja, relatavam o que ouviam dizer sobre o que era, e o que se fazia na escola, mas não tiveram a oportunidade de refletir sobre além da aquisição do conhecimento sistematizado cientificamente, sobre a importância da socialização entre os sujeitos na objetivação do conhecimento.

Outro jogo de perguntas e respostas persistiu pois visava saber qual era o significado de estudar para eles.

Professora: [Pergunto a J.L.] O que é estudar para você?

¹⁴ Iniciais do nome e sobrenome do estudante. A organização dos nomes e dos sobrenomes dos estudantes que participaram da pesquisa (seja por fala ou escrita) consta do apêndice.

J.L.: Estudar pra mim é: aprender, obedecer a professora e ajudar os colegas.
 Professora: A escola ou o estudar? Você quer falar da escola ou do estudar?
 J.L.: Do estudar para aprender, respeitar.
 Professora: E a escola, para você, o que é?
 J.L.: Aprender.
 Professora: Aprender?
 J.L.: Sim.

As respostas à pergunta sobre o significado de estudar estiveram relacionadas a: lugar em que se vai para aprender muitas coisas; coisas que se leva para vida; você fica mais inteligente, faz novas amizades.

Verifiquei nas falas que a escola não era apenas para aprender coisas que sequer sabiam decifrar... coisas... mas sobretudo para fazer amigos, lugar para estar com.

E.S.: É o relacionamento também, não é só o estudar, né?
 Professora: É isso?
 E.S.: Sim, porque eu não conheço pessoas fora da escola, eu só tenho amigos na escola.
 Professora: Certo.
 E.S.: Porque, não onde eu moro, não é um lugar que tem muita gente na rua, tipo, na minha rua eu não conheço ninguém, lá no bairro eu também não conheço ninguém.
 Professora: Então, aqui é um momento de interação?
 E.S.: Aqui é aonde eu tenho amizade.

Mas é também um lugar para se passar um tempo:

Professora: O que é a escola para você?
 F.L.: Ah, é como a E.S. falou, a escola é um passatempo. Quando a minha mãe falou se eu queria faltar na escola, eu falo que não quero. Quando ela fala que eu tenho que faltar, eu choro.
 Professora: Então, você gosta de vir. Esse ambiente para você, é bom, é isso? A escola em todos os sentidos é bom, ou tem alguma coisa que você não gosta na escola?
 F.L.: Não, eu gosto da escola... (fez sinal que não queria falar mais).

No diálogo observei que muitos já assumiram os chavões sobre a escola. Quando perguntei à A.M. o que era a escola para ela, a resposta foi:

A.M.: É... o começo de uma nova vida ...
 Professora: É o começo de uma nova vida? Por que é um começo de uma nova vida?
 A.M.: Porque a gente vai aprender as coisas para ter um trabalho, fazer uma faculdade...
 Professora: Você quer fazer uma faculdade? Então você vai continuar com os seus estudos? É isso?
 A.M.: Sim.
 Professora: Você gosta de estudar?
 A.M.: Sim.

Professora: Gosta da escola?
 A.M.: Sim.
 Professora: Gosta de vir para cá?
 A.M.: Sim. (timidamente, respondeu positivamente).
 Professora: O que você quer falar mais sobre a escola?
 A.M.: Só isso.
 Professora: Ok.

Porém a escola pode ser simplesmente um lugar para se passar o tempo. Isso ficou claro quando perguntei para N.N. e essa respondeu:

N.N.: É o meu passatempo, porque quando eu chego em casa, não tenho mais nada para fazer, aí eu gosto de ficar lendo.
 Professora: A escola para você é o seu passatempo?
 N.N.: É.
 Professora: Em casa você fica sozinha?
 N.N.: É, mais ou menos.
 Professora: Você tem tarefas para fazer?
 N.N.: Não, porque eu fico na casa da mulher que cuida de mim, então, lá, não [...] não tem criança para brincar, e eu fico mais sozinha.

A escola se apresentava para muitos como lugar de aprendizagens e conhecimentos, lugar para fazer a lição; comportar-se e obedecer; era um lugar legal, lugar para aprender; tirar dúvidas; do silêncio, obedecer; mas também era o lugar para bagunçar; lugar que tinha estudo, divertimento, era tudo.

Professora: O que é a escola pra você, Y.X.?
 Y.X.: É um lugar para começar.
 Professora: Então a escola é o que para você?
 Y.X.: É um lugar onde eu posso recomeçar e aprender muito mais do que eu já sabia.
 Professora: Recomeçar? Recomeçar em que sentido?
 Y.X.: De aprender novas coisas, que é bom recomeçar.
 Professora: Esse recomeçar que você diz na escola, seria o quê?
 Y.X.: Aprender novas coisas que eu nunca tinha aprendido.

A conversa nos remeteu às discussões apresentadas pelos estudantes. De modo geral, o significado de escola raramente era discutido, constituindo-se em termo já naturalizado, pois quando nos dispúnhamos a perguntar sobre qual a razão da escola existir, a partir do senso comum, foi possível encontrar respostas como: o lugar para se ensinar e aprender, para disciplinar e produzir coisas úteis. “Aprender, nesse sentido, implica uma extensão do próprio mundo da vida do indivíduo, acrescentado algo” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 49).

Dessa maneira, os autores consideraram que:

[...] a aprendizagem na escola [...] envolve o fortalecimento ou ampliação do eu *já existente*, por exemplo, por meio da acumulação da base do

conhecimento do indivíduo. [...] O processo de aprendizagem continua a ser introvertido – um reforço ou uma extensão do ego, e, portanto, o desenvolvimento da identidade. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 49, grifo do autor).

O aprender é relativo à vida associada ao cotidiano; a aprendizagem é o acúmulo do que foi já aprendido em desenvolvimento na escola com fundamentações relacionadas que podem ser ampliadas (aprofundamentos no que é ensinado, seguindo “à risca”) ou refutadas (negação ou não interação com o ensino apresentado), considerando que o desenvolvimento da identidade do indivíduo é processo e transformação e interação com o que se aprendeu e com o que será ensinado, e, portanto, pode ser suscetível à disciplina e à indisciplina.

O autor nos diz que o espaço deve ser vivenciado com diferentes maneiras de socialização de saberes, aprendizagens e equívocos que devem ser orientados pelo/a professor/a com objetivo de possibilitar a interação das relações entre o ensino e a aprendizagem. É pensar a partir do que já conhecemos por instituição escola; e o escolar seria o saber distinguir o aprendido de forma reflexiva, ao invés da forma quantitativa (produção). Para entender sobre o que os termos dizem a respeito da escola, que se diferencia do escolar, tratado na sua obra, Masschelein e Simons (2013, p. 29) nos informaram que

A escola, por outro lado, surge como a materialização e espacialização concreta do tempo que literalmente, separa ou retira os estudantes para fora da (desigual) ordem social e econômica (a ordem da família, mas também a ordem da sociedade como um todo) e para dentro do luxo de um tempo igualitário. Foi a escola grega que deu forma concreta a esse tipo de tempo igualitário. [...] é a forma de tempo livre [...] da família e da cidade/estado [...] que transcendem a ordem social [...].

A nossa ambição, contudo, não é esboçar a escola ideal, mas uma tentativa de tornar explícito o que faz com que uma escola seja uma escola, e, conseqüentemente, diferente de outros ambientes de aprendizagem (ou de socialização, ou iniciações). E, mais uma vez, o objetivo não é o de salvaguardar uma velha instituição, mas de articular um marco para a escola do futuro.

A explicação do escolar de Masschelein e Simons (2013) foi uma defesa da instituição escola, *que foi inventada* (em seu primeiro momento). Apareceu na história para garantir a aprendizagem de forma igualitária para sujeitos que juntamente com a história, evoluíram, transformaram-se e, portanto, as suas necessidades se modificaram. O impasse atual está na garantia e qualidade de permanência na escola e no acesso ao escolar. Nem todos que fazem parte desse conjunto de sujeitos que estão na escola usufruem do escolar; a diferença está no tempo de interação com as propostas recebidas e com as devoluções de aprendizagens.

A questão sobre o “tempo livre” se contrapõe ao tempo determinado, que busca apresentar resultados do que foi ensinado em aprendizagens verificadas em provas seletivas, determinando um tempo onde o “tempo livre” precisa ser limitado. Tempo que deve suprir as necessidades do Estado em gerar capital.

Nesse ínterim, a tese de Noguera-Ramirez (2009) nos levou a refletir sobre o escolar, porém, com foco na aprendizagem de uma sociedade que recebia educação igualitária por direito de acordo com um currículo a ser contemplado, mas que não considerava a equidade, considerava a igualdade, como direito fundamental, incluía sujeitos, mas não garantia a permanência da inclusão em sua totalidade. De acordo com o autor, pudemos refletir que,

Na era da 'sociedade da aprendizagem', neste momento da história no qual a educação é considerada como um dos direitos fundamentais, parece óbvio que toda a população, sem exceção, passe pela escola. Mas esta ideia, a necessidade de que tal coisa aconteça, é um fato relativamente recente e até curioso na história da Humanidade. Como e por que apareceu, na história do Ocidente, a necessidade de ensinar 'tudo' a 'todos' através de um método único e num espaço fechado e isolado sob a direção de um mestre? Afastando-nos das perspectivas centradas no 'progresso' da Humanidade e na evolução linear e teleológica da história, seria preciso reconhecer que múltiplos fatores, entre o acaso e a necessidade, levaram a tal estado de coisas. (NOGUERA-RAMIREZ, 2009, p. 79).

De acordo com a obra de Noguera-Ramirez (2009) e Masschelein e Simons (2013), pudemos verificar que a escola e o escolar, no que diz respeito à educação sistematizada para a população, organiza suas ações seguindo um padrão que considera os sujeitos às vezes sem levar em conta a questão da equidade, mensurando apenas a igualdade de aprendizagens que precisa ser do mesmo jeito para todos e, se algo der errado, se os índices satisfatórios de resultados de verificações dessas aprendizagens não forem alcançados, o equívoco estará na aprendizagem que é de responsabilidade do estudante em se apropriar do que lhe foi ensinado.

3.4 DA INDISCIPLINA PARA A DISCIPLINA

Obedecer ou não obedecer? Cumprir algo combinado ou não cumprir? Pesquisar sobre a disciplina na sala de aula é uma ação interpretativa que evidencia reflexões bem peculiares, o que faz com que a amplitude de abordagens possa favorecer o foco a ser dado na pesquisa. Estrela (2002) abordou as ações da escola e do professor para manter a disciplina; entretanto, Vasconcellos (2009) elaborou sua obra pautado na ação coletiva na sala de aula em prol da organização e de como trabalhar com os conteúdos e conhecer o perfil do estudante para a

produção do sentido da relação entre sujeitos para relacionar com a disciplina. Já Aquino (1996) apresentou em sua obra reflexões que demonstram a relação entre o “papel da escola para com a sua clientela e seus agentes?” (AQUINO, 1996, p. 39). Aquino também discutiu a prática da professora quando dizia que a problemática da indisciplina exigia um recuo estratégico do pensamento para aprofundar nossos conhecimentos sobre o tema.

Dessa maneira, para analisar práticas discursivas sobre a disciplina e a indisciplina, além das obras e autores e autora citados anteriormente, outras contribuições possibilitaram a organização do conceito e contextualização sobre a disciplina e a indisciplina relacionadas à relação professora-estudante e a questões de ensino e aprendizagem. Embora esses dois últimos termos não tenham sido o foco da pesquisa, fazem parte da relação e das condutas que podem ocasionar conflitos de entendimento e encaminhamentos para se manter o convívio harmonioso.

Com a análise do estudo de Teixeira (2014) sobre os manuais didáticos utilizados entre os anos de 1950 a 1970, foi possível entender como as escolas de curso normal preparavam a formação de seus futuros professores, a partir de condutas que descreviam o que era considerado um aluno disciplinado ou indisciplinado, com prescrições de como deveria ser um bom professor e um bom aluno. A disciplina estava associada ao ensino que o professor deveria seguir para potencializar a ação de um sobre outros como forma de moldar e guiar condutas que mantenham a ordem no ambiente escolar. De acordo com Teixeira (2014), as normas de condutas visavam às ações dos estudantes, mas as estratégias apresentadas eram elaboradas, principalmente, para controlar a postura do professor.

As regras de conduta, por meio de autocontrole reflexivo, da educação ou da coeducação não se manifestam apenas para as atitudes e comportamentos esperados para o aluno, que está sob o olhar vigilante do professor, mas também e principalmente sob aquele que olha, disciplina e avalia. O professor estará sob um controle constante até que tais atitudes se tornem um hábito, se "*naturalize*" de modo que a profissão não se separe do indivíduo. Tal aspecto fica evidente quando no manual encontramos não apenas as condutas a serem ensinadas, mas sobretudo as serem adquiridas ou superadas pelos futuros professores. (TEIXEIRA, 2014, p. 2).

De acordo com a reflexão de Teixeira (2014), ficou evidente que disciplinando a conduta do professor garantir-se-ia, de modo pontual, a disciplina do aluno de tal maneira que sua atribuição ia além de ensinar conteúdos sistematizados, mas de ensinar estratégias para os mecanismos de autorregulação, de como controlar a fala com os seus respectivos pensamentos e o corpo com seus movimentos, atribuindo o certo e o errado sem considerar o estudante como sujeito real, a sua história social, e sem considerar que certos parâmetros e condutas precisavam

ser revistos ou adaptados conforme as necessidades a serem observadas e analisadas. O que não era cumprido era punido com castigos físicos ou psicológicos, a partir de um manual que prescrevia condutas de professores e estudantes elaboradas a partir de uma concepção de que a imposição das condutas gerava silêncio, atenção e ordem.

Disciplinar significaria educar tanto para o adestramento pessoal como no alargamento das possibilidades de assimilação dos bens culturais. As normas disciplinares são dadas como conquista da civilização e a disciplina escolar como aquele que se propõe a manter a ordem e garantir o aproveitamento dos estudantes. A indisciplina do aluno para esses manuais e autores se dá devido a: imaturidade, anomalias orgânicas ou fisiológicas, desajustamentos vários. A indisciplina se manifesta em estudantes inquietos, nervosos, agitados, agressivos, pessimistas, dissimulados, palhaços e petulantes. (TEIXEIRA, 2014, p. 10).

Nessa perspectiva, a disciplina escolar tinha como proposta manter a ordem e a concentração necessária para garantir o rendimento escolar que possibilitasse o aproveitamento dos estudantes. Embora não fosse mencionada a questão da aprendizagem significativa, o educando tinha que mostrar que aprendeu literalmente como lhe foi ensinado, para contemplar um rol de perguntas e respostas previamente apresentadas e decoradas a fim de cumprir um cronograma estabelecido, que tinha tempo estipulado e precisava ser dado conforme foi planejado. Na sala de aula, considerando os diferentes níveis de aprendizagem, seguir um cronograma sem antes conhecer o perfil dos estudantes podia gerar conflitos de aprendizagem, na qual a maioria não conseguia acompanhar o que lhe era proposto e assim podia ocasionar condutas que contrariavam a perspectiva apresentada.

Ao considerar o que era proposto nos manuais didáticos é possível analisar que a disciplina estava ligada ao ensino e esse descrevia como o estudante deveria se portar na sala de aula e na escola cumprindo as normas estabelecidas e exigidas que conduziam o modo de pensar e de agir de quem estava naquele lugar para aprender a ser disciplinado com os estudos e em suas atitudes. Entretanto, situações que contrariassem o que havia sido ensinado, causava desvio tanto na conduta da professora como na do estudante, por essa razão os recursos didáticos apresentados nos manuais didáticos aos futuros professores como formação elementar que determinava o modo de ser de um e do outro, deveria ser usado caso ocorressem divergências no que havia sido previsto, desse modo o aluno que era considerado indisciplinado recebia uma classificação e o professor precisaria se pautar no que lhe foi sistematizado em sua formação [...] “que consistiam em estratégias que visavam à conformação moral dos indivíduos – professores e estudantes – indicando um modo particular de relacionar-se consigo e com os outros” (TEIXEIRA, 2014, p. 3).

Com a formação proposta nos manuais didáticos, de acordo com a pesquisa de Teixeira (2014), foi possível analisar que a sistematização dos procedimentos e técnicas para ensinar e aprender eram prescrições que determinavam ações organizadas e esperadas que precisavam ser difundidas aos estudantes, de modo que, se alguma ação contrariasse o que havia sido estabelecido e proposto, logo era classificado como ato indisciplinado, ou seja, falta de controle, de controlar seus atos conforme havia sido ensinado e que esse modo de se controlar deveria conduzir as condutas dos estudantes.

Os anos se passaram e ainda hoje se verifica uma leitura e prática de disciplina pautada nas condutas dos estudantes. O que pretendemos nesta pesquisa é fazer prosseguir a compreensão do significado da disciplina, visto que o/a professor/a deverá ter consciência de que a disciplina em sala de aula favorece a organização do trabalho e envolve a colaboração da coletividade entre sujeitos que precisam se relacionar, de modo a compreender quais são as suas necessidades e quais os parâmetros necessários para a construção do conhecimento sistematizado e da relação entre professora-estudante e estudante-estudante.

A observação e pesquisa contínua e analítica deverá ser uma constante na rotina da sala de aula e nos espaços de convívio na escola. O/A professor/a precisa ter registros que possam lhe fornecer dados para direcionar os procedimentos necessários e as estratégias para melhorar a organização do ambiente da sala de aula. Não é somente ter conhecimento do conteúdo sistematizado, mas saber preparar o ambiente da sala de aula para contemplar as condutas necessárias que possibilitem a aprendizagem significativa para o estudante.

O professor precisa ter claro o que Vasconcellos (2000) sintetizou como três dimensões básicas para a prática da professora que é a ação-reflexão-ação. Para sabermos como podemos projetar o que é necessário a ser contemplado na questão de ensino-aprendizagem, precisamos ter consciência em qual situação estamos e para qual situação queremos ir, porém isso não pode ser feito sem ter clareza dos objetivos e procedimentos, pois causa divergências nas relações entre todos os sujeitos presentes na sala de aula, ocasionando condutas indisciplinadas, como por exemplo: não executar a tarefa que foi proposta, conversas e desatenção nas explicações, além de movimentações na sala de aula (sair do lugar para cutucar o colega, pôr a perna na corredor no exato momento que alguém for passar, para que essa pessoa tropece, pegar o material de alguém e sair correndo, etc.) que podem gerar conflitos.

Um dos dificultadores do enfrentamento da problemática disciplinar é que o educador não dispõe de uma concepção, de um método, de uma ferramenta eficiente. De modo geral, está marcado pela concepção idealista: tem uma série de ideias bonitas sobre a disciplina, mas não sabe porque não as consegue

colocar em prática. Para isto concorrem a falta de análise dos determinantes, a falta de clareza dos objetivos, a falta de mediações concretas, bem como a falta de interação entre três dimensões básicas. (VASCONCELLOS, 2000, p. 17).

Para organizar os conteúdos sistematizados que devem contemplar a grade curricular da turma em questão e de acordo com a vigência do ano pesquisado – que no caso se refere ao quinto dos Anos Iniciais do ensino fundamental da rede pública estadual –, o/a professor/a precisará contar com o que Vasconcelos (2000, p. 17) nomeou como “conscientização da comunidade educativa”, que em sua obra nos direciona a novamente observar e pesquisar para se construir a partir da relação professor/a e estudante combinados e poder conduzir as ações e o pensamento para a conscientização das atitudes em sala de aula e no ambiente escolar. Fazer com que o estudante perceba que a disciplina na aprendizagem e nos estudos facilita as relações entre o aprender e o apreender, além de melhorar significativamente as relações entre os sujeitos na sala de aula.

Buscamos a conscientização da comunidade educativa em torno de um novo sentido da disciplina. Como se dá a conscientização? Pela dialética: ação-reflexão-ação. Temos, pois, que partir da realidade, refletir sobre ela, de forma a despertar o desejo, a vontade política, o compromisso de se construir algo diferente, buscar junto o que seria isto e colocar em prática; voltar a sentar em conjunto, refletir sobre a prática, etc. (VASCONCELLOS, 2000, p. 17).

Quando Vasconcellos (2000) mencionou em sua obra a estratégia de solicitar ao aluno que voltasse para seu lugar e se sentasse em grupo ou em dupla, reforçou a ideia de se dar um novo sentido para a disciplina por meio da conscientização com a ação dialética, baseada nas três dimensões básicas ação-reflexão-ação. Nesse pensamento, o/a professor/a levou o estudante por meio da mediação a refletir não somente sobre a sua aprendizagem, mas também a relacionar a suas atitudes como condutas necessárias e parte importante que não podiam estar dissociadas, ambas se complementavam.

Demonstrar que o estudante faz parte da sala de aula não só no sentido de cumprir combinados, executar tarefas e de provar por meio de avaliações o que aprendeu, mas de lhe possibilitar a participação na construção dos combinados da sala de aula por meio de situações reais vividas, de acordo o perfil da turma, evidenciando suas potencialidades e suas dificuldades, torna possível iniciar a ação dialética a partir de uma tomada de consciência,

processo necessário ao lidar com os sujeitos desta pesquisa, pois se trata de diferentes faixas etárias (idade entre dez e treze anos), compreendendo as fases da infância e da adolescência¹⁵.

Considerando a escuta e as conversas que resultaram em momentos de diálogos e suas percepções com relação ao ambiente da sala de aula e às relações entre a professora e os estudantes, foi possível elaborar alguns combinados que ficavam expostos em local de fácil acesso e de visibilidade, que veremos a seguir:

Combinados da turma do 5º ano

- ✓ Falar um de cada vez;
- ✓ Escutar o que os colegas e a professora têm a dizer;
- ✓ Seja pontual e organizado com os horários estipulados;
- ✓ Seja cordial e respeitoso com as pessoas e o ambiente escolar;
- ✓ Fazer as tarefas no tempo previsto. Tenha compromisso com você!
- ✓ Escutar as explicações e fazer anotações e grifos necessários;
- ✓ Prestar atenção nas explicações e exemplificações, ficar desenhando e cutucando o colega atrapalha a sua aprendizagem e a dos demais;
- ✓ Não grite! Não fique batendo a régua ou outros objetos na mesa, isso atrapalha a concentração necessária para a aprendizagem;
- ✓ Procure ajuda sempre que se sentir confuso/a ou inseguro/a com algum acontecimento ou tarefa;
- ✓ Revise o que aprendeu, principalmente se ainda ficou com dúvidas;
- ✓ Não faça julgamentos sem saber sobre o fato ocorrido;
- ✓ Faça as tarefas que foram indicadas para suas dificuldades e registre as explicações e guarde o material escolar com zelo;
- ✓ Organize uma rotina de estudos. Estude todos os dias;
- ✓ Leia os combinados;
- ✓ Cumpra os combinados.

Refleta: Com disciplina na organização dos materiais didáticos, com os estudos, além do bom e respeitoso convívio entre as pessoas, vamos juntos, conseguir alcançar os nossos objetivos!

A elaboração dos combinados da sala de aula, a partir das escutas e das sugestões dos estudantes da turma, com algumas revisões e acréscimos do que julgavam importante e haviam se esquecido, as retomadas e reescritas contribuíram não só para a construção desse conjunto de combinados que serviriam para melhorar o que na opinião da maioria faltava na sala de aula. A construção da escrita dos combinados resultou na intervenção pedagógica, em demonstrar a importância de ler e reler o que já havia sido escrito, repensar e retomar ideias que não ficaram claras e repertoriar algumas construções de escrita e de vocabulário. A intenção era iniciar a reflexão e a conscientização de tudo o que foi vivenciado para a construção desse documento. Esse processo de conscientização foi o primeiro passo para que houvesse transformação nos

¹⁵ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, no artigo 2, "Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade" (BRASIL, 2009, p. 45).

sujeitos inseridos nesta pesquisa, pois, conforme defendeu Freire (2016), estas mudanças favorecerão um ambiente propício ao diálogo e, conseqüentemente, à compreensão de como podemos mediar as ações e promover uma ação dialética.

Num primeiro momento, a realidade não se apresenta como objeto que a consciência crítica deles pode conhecer. Em outros termos, na aproximação espontânea do homem em relação ao mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica, mas uma posição ingênua. Nesse âmbito da espontaneidade, o homem, ao aproximar-se da realidade, faz simplesmente a experiência da realidade na qual se encontra, e que ele investiga. Essa tomada de consciência ainda não é a conscientização – esta constitui o desenvolvimento crítico daquela. Logo, a conscientização implica que se passe da esfera espontânea de apreensão da realidade para uma esfera crítica, na qual a realidade se oferece como objeto cognoscível e na qual homem assume um posicionamento epistemológico. Assim, a conscientização é o teste da realidade. Quanto mais nos conscientizamos, mais "desvelamos" a realidade, e mais aprofundamos a essência fenomênica do objeto diante do qual nos encontramos, com o intuito de analisá-lo. Por essa razão, a conscientização não consiste nem "estar diante da realidade" assumindo uma posição falsamente intelectual. Ela não pode existir fora da práxis, ou seja, fora do ato "ação-reflexão". Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser, ou de transformar o mundo, e que é próprio dos homens. (FREIRE, 2016, p. 56 -57).

A tomada de consciência aparece sempre como fator crucial para qualquer processo de transformação da realidade em que estamos inseridos. De acordo com Freire (2016) e Vasconcellos (2000), a mediação das condutas do/a professor/a e estudantes devem estar pautada na realidade vivida em sala de aula, do momento da entrada até a saída com conversas sobre as ações e, quando necessário, mediação dos conflitos por meio do diálogo. O estudante precisa se sentir incluído nas decisões e na dinâmica cotidiana da sala de aula, para que em conjunto com o/a professor/a perceba que ações terão conseqüências positivas e negativas dependendo do ponto de vista e falar sobre essas questões é importante para promover o diálogo. Considerar, durante a explicação de um conteúdo, por exemplo, que o equívoco de uma resposta é algo negativo, pode gerar somente um alerta para fazer a correção devida e ali se encerra o assunto; porém ao considerar o equívoco de uma resposta como algo positivo – pois ao gerar dúvida gerará também a curiosidade em entender por que tem que ser de um jeito e não de outro – pode-se criar um momento de reflexão, levando a pessoa a sair de uma posição ingênua para iniciar uma investigação.

Dizer que o estudante errou, equivocou-se ou cometeu um ato indisciplinado não é a mesma coisa que o conduzir a refletir diante de sua conduta. Despertar o seu interesse para a

ação e reflexão, para em seguida ter uma conduta resultante de uma análise, não é e nem será uma resposta imediata, precisa de método.

A educação da resposta não ajuda em nada a curiosidade indispensável ao processo cognoscitivo. Ao contrário, a educação da resposta enfatiza a memorização mecânica dos conteúdos sobre os quais se fala. Só uma educação da pergunta aguça, a curiosidade a estimula e reforça. É preciso, porém, deixar claro que o erro da educação da resposta não está na resposta mas na ruptura entre ela e a pergunta. O erro está em que a resposta é discursada independente da pergunta que a provocaria. (FREIRE, 2013, p. 29-30).

Nessa perspectiva, provocar o estudante com perguntas que o levem à reflexão não é somente para escutar justificativas positivas ou negativas diante de uma ação ou conduta, é demonstrar que para mantermos diálogo sobre qualquer assunto ou circunstância, devemos ter conhecimento do que será tratado e a tarefa do/a professor/a é apresentar o elemento para discussão como algo que propicie a curiosidade levando o estudante ao desafio de refletir para encontrar uma possível resposta, não só para os conteúdos sistematizados cientificamente, mas para encontrar respostas para as condutas que são consideradas indisciplinadas.

Mediar a reflexão do estudante para que comece a pensar a partir de sua existência na sala de aula, no ambiente escolar e na vida cotidiana é estimular a curiosidade para a pergunta, sendo essa um meio para interação. Entretanto é necessário deixar esclarecido que existe uma distinção entre a pergunta para subsidiar o entendimento (disciplina/matéria) da pergunta para tirar o foco do diálogo, conversa ou explicação (indisciplina/resistência), caso contrário, se não for estimulada a pergunta como meio para provocar a curiosidade e agir diante de perguntas com uma resposta negativa do/a professor/a, demonstrando autoritarismo, a estratégia para estimular a curiosidade do estudante em perguntar, e assim dar possibilidade de esclarecer a curiosidade que estava “aguçada”, pode ser deixada de lado. As estratégias utilizadas pelo/a professor/a influenciam diretamente na dinâmica da sala de aula, podendo gerar um ambiente de silêncio e aceitação, sem questionamentos importantes para se manter o diálogo e a reflexão de sua existência na sala de aula e na escola.

Interessa-nos aqui a curiosidade ao nível da existência. Esta disposição permanente que tem o ser humano de espantar-se diante das pessoas, do que elas fazem, do que elas dizem, do que elas parecem; diante dos fatos, dos fenômenos, da boniteza, da feiura, esta incontida necessidade de compreender para explicar, de buscar a razão de ser dos fatos sem ou com rigor metódico. Esse desejo sempre vivo de sentir, de viver, de perceber o que se acha no campo de suas "visões de fundo". Sem a curiosidade que os faz ser o ser que estamos sendo, em permanente disponibilidade à indagação, um ser da pergunta, benfeita ou malfeita, bem-fundada ou mal fundada, não haveria a

atividade gnosiológica, expressão concreta de nossa possibilidade de conhecer. (FREIRE, 2013, p. 133).

Aquino (1996) apresentou alguns pontos que trazem implicações sobre as diferentes leituras que se fazem sobre a questão da disciplina e indisciplina, sendo ambas compreendidas do ponto de vista sócio-histórico e do ponto de vista psicológico.

Se, do ponto de vista sócio histórico, a escola é palco de confluências dos movimentos históricos (as formas cristalizadas *versus* as forças de resistência), do ponto de vista psicológico ela é profundamente afetada pelas alterações na estruturação familiar. De ambos os modos, a indisciplina apresenta-se como sintoma de relações descontínuas e conflitantes entre o espaço escolar e as outras instituições sociais. [...]

Ora, não é possível assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-la totalmente à estruturação escolar em circunstância sócio históricas. Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando-a um problema de cunho essencialmente de didático pedagógico. (AQUINO, 1996, p. 48).

A disciplina, para ser compreendida, necessita de encaminhamentos significativos que expliquem as relações entre condutas de professoras e estudante, ensino e aprendizagem, que precisam estar interligadas para possivelmente se consolidar. O/A professor/a, por meio da observação, registro e análise da coleta de dados, precisa notar não só a necessidade do estudante em ser percebido, mas fazer com que esse seja incluído a participar de decisões com mediação e sempre estar atento à percepção dos sujeitos, saber se precisam escutar mais ou ver mais, no sentido de escutar o que se diz e ver refletido em ações que justificam as suas falas. Demonstrar que na instituição escolar e na sala de aula pode haver conflitos, mas que a relação professora e estudante, baseada na conversa, diálogo e escuta, pode fazer com que a disciplina e a indisciplina sejam vistas como momentos para gerar organização a partir da necessidade dos sujeitos em convívio na sala de aula e na escola.

Nessa acepção, disciplina compõe a realidade escolar, o mundo a ser lido por e com os educandos. De outro modo ao questionarmos as experiências vividas pelos educandos em relação à disciplina escolar, encontramos a discussão que autores apresentam sobre a motivação e rigor contribuindo na formação crítica de seus educandos, de forma que esses possam questionar aspectos disciplinares ligados ao autoritarismo, às relações de poder e rigor necessário ao conhecimento. (SENA; TEIXEIRA, 2019, p. 154).

Nesse ínterim, a organização da coletividade, para se manter o convívio harmonioso entre os sujeitos da sala de aula, poderia estruturar a efetividade do ensino e da aprendizagem.

Poder-se-ia estabelecer, no início do ano letivo, uma série de “combinados” entre professora e estudantes que proporcionariam diariamente reflexões e verificações dos resultados positivos ou negativos.

Como analisar o ato de não prestar atenção ou não interagir, não cumprindo a disciplina estabelecida e acordada entre os sujeitos que convivem na sala de aula e classificá-lo como ato indisciplinar sem considerar o estudante como ser humano e como ser histórico? Estes meninos e meninas devem ser considerados em sua complexidade. São crianças que, muitas vezes, enfrentam dificuldades para além da sala de aula; sentem e vivenciam diferentes questões: problemas na família, fome, ansiosos, medos, empatia, baixa autoestima, ou mesmo saber tanto sobre o assunto apresentado que não lhe desperte a curiosidade e assim não querem interagir ou descobrir, aprender. Estes entraves podem resultar no silenciamento ou inquietação da criança ou adolescente; muitas vezes, ao invés de calar e permanecer estático, respondem com movimentações corporais e verbais em determinados momentos da aula, o que pode gerar conflitos. Deste modo, o diálogo não deve acontecer somente uma vez e em determinado momento, mas sim ser uma constante na rotina escolar.

Comumente a rotina prevista para a aula não segue devido a atos indisciplinados (quando se descumprir algo que já tinha sido acordado com os estudantes), o conteúdo previsto fica pela metade, a atividade não é finalizada, entre outros. Porém, ao parar e escutar o que o estudante tem a dizer, o/a professor/a passa a dar importância ao que ele ou ela tinha a dizer sobre a sua conduta, e isso pode ser feito no corredor, no intervalo, na entrada e/ou saída da aula, onde for importante para o estudante falar. Escutar o estudante não é se menosprezar ou demonstrar qualquer ato de incapacidade ou descontrole do ato de ensinar; antes, sim, deve ser visto como uma oportunidade para pensar que qualquer tipo de relação é sujeito a conflitos e impasses, mas o que pode fazer com que tal situação tenha outro norte é se importar e querer de fato levar o outro a refletir.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos estudantes, a suas inibições; um ser crítico e inquieto em face da tarefa que tenho. [...] Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto prático, da teoria. [...]. (FREIRE, 2017a, p. 47, grifo do autor).

De acordo com Freire (2017a), ensinar é considerar que o outro tem participação ativa em sua própria história e deixar isso de lado é pensar somente em ideias e não na existência.

Nós, professores, precisamos refletir sobre nossas práticas todos os dias e fazer com que nossos estudantes tenham consciência de sua aprendizagem e do que está em sua volta.

A escola, os profissionais envolvidos na gestão e na docência e suas respectivas políticas deveriam proporcionar aos estudantes momentos de reflexão sobre condutas, podendo agir de forma eficaz para resolver as situações de indisciplina. Dessa maneira, é evidente que se ainda existem apontamentos que aliam a não aprendizagem com a questão da indisciplina, algo está em desacordo, e as atribuições precisam ser revistas.

Para levar o estudante a ter consciência de suas condutas e de ter noção do que está acontecendo na sala de aula e nos espaços em comum da escola, precisamos, professora e gestão escolar, conduzir e mediar a construção por meio de conversas, diálogos e ações sobre o que é disciplina e indisciplina.

As investigações acadêmicas nas escolas portuguesas evidenciavam que o sistema educativo descrito nos relatórios de avaliações escolares, tendenciosamente, referia-se à questão da disciplina e da indisciplina, considerada ordem/desordem, apontando seus culpados: a escola e, posteriormente, os professores por não darem conta de manterem a autoridade para o bom andamento das atividades escolares. Entretanto, Estrela (2002, p. 11) ressaltou que “[...] o Estado a nível da nação, a polícia a nível das ruas e a família em casa nem sempre conseguem dar prova”, mostrando que a indisciplina não era uma questão que se restringe ao ambiente escolar. A autora descreveu algumas queixas, quando se pensa na dinâmica da disciplina *versus* indisciplina, como: escolas superlotadas, salas de aula com turmas numerosas, edifícios, equipamentos e materiais didáticos degradados, desigualdade econômica e exclusão social, baixa remuneração e formação da professora em defasagem, dentre outros aspectos que podiam influenciar a reflexão sobre a indisciplina se ela fosse pautada na organização das relações entre os sujeitos da sala de aula a partir de combinados e na organização do ensino e da aprendizagem por meio da ação dialógica.

A disciplina apontada na presente dissertação está pautada na organização das relações entre professora e estudantes e de assuntos relacionados ao cotidiano da sala de aula com a interação dos conteúdos e habilidades que precisam ser desenvolvidos para que o estudante possa ter competências nas áreas de ciências humanas, naturais e exatas. Vasconcellos (2009, p. 90) apontou em seus estudos a essência da disciplina, quando redigiu a seguinte contextualização:

[...] enfocamos disciplina mais no sentido da organização da coletividade da sala de aula e da escola, portanto, no sentido ético e moral, embora não se

possa fazer uma ruptura com o epistemológico/intelectual, visto que é conatural ao trabalho professoral e ambos estão mutuamente implicados. A disciplina escolar está associada à questão da produção de sentido, que naturalmente remete a saberes organizados, a certa episteme. Em outros termos precisamos da disciplina (enquanto ordem de saberes) para compreender e fazer disciplina (enquanto postura).

Todavia, a interpretação funcional da indisciplina diz respeito à violação da ordem estabelecida em função das necessidades, combinadas e organização coletiva das aprendizagens. A partir destas questões, faz-se necessária uma leitura pedagógica e reflexiva da atuação do professor, não para culpar ou absolver, mas para analisar as linhas de estudos e de evolução da investigação científica na sala de aula sobre a questão da disciplina e indisciplina e a relação pedagógica com os estudantes, partindo de um conjunto de informações que poderão de algum modo esmiuçar dados, possibilitando fazer um levantamento das situações para uma intervenção mais fundamentada.

Estrela (2002) abordou a disciplina e a indisciplina a partir do magistrocentrismo central, no qual o professor monopolizava o saber, que fundamentava a sua autoridade e o discurso que o garantia como figura principal no processo e na organização do ato pedagógico, sendo apenas transmissor do saber; “[...] limitando as possibilidades do aluno-receptor se tornar emissor, criam formas ilusórias de participação e minimizam os aspectos relacionais” (ESTRELA, 2002, p. 19).

Contrapondo esse pensamento, surgiu uma pedagogia existencial, pautada na liberdade, cooperação e afetividade na relação pedagógica, com apoio de material didático, na qual o estudante pudesse interagir oral e manualmente. Estrela (2002) fez referência ao trabalho de Maria Montessori, isto é, o professor devia organizar o ambiente de aprendizagem de modo que o estudante pudesse interagir com o conteúdo para desenvolver a sua autonomia. A disciplina nesse pensamento ocorreu por meio da liberdade e da interação ativa com os trabalhos e não por ordens e sermões provenientes do magistrocentrismo.

Fazer com que o estudante seja ativo na organização da sala de aula lhe proporciona responsabilidade não somente em cuidar do material físico, mas em entender a importância de cuidar. A diferença entre o cuidar e o entender por que é preciso cuidar poderá ser compreendida quando o material a ser requisitado, por exemplo, não estiver mais disponível, pois foi perdido, quebrado, rasgado ou está inadequado para o uso: o objeto lhe fará falta e essa falta pode proporcionar reflexão. Entretanto, a organização do material físico pode estar adequada, porém o acesso é feito de modo desordenado, não respeitando a ordem de consulta, manuseio ou distribuição, por exemplo: ao solicitar o auxílio de entrega de algo, todos querem participar e saem

correndo e gritando para ver quem chega primeiro. Nesse momento, a intervenção necessária deve se voltar para os combinados e verificar se existe referência a esse tipo de conduta. Se tiver, reler e cumprir, se não houver é um momento propício para discutir a inclusão e demonstrar que os combinados são construídos e podem sofrer alterações e inclusões de acordo com as necessidades dos sujeitos presentes na sala de aula, e que essas ações possam ser compartilhadas no ambiente escolar. A intenção é que os estudantes percebam que condutas consideradas inadequadas precisam ser vistas como um problema que precisa ser resolvido a partir de reflexão e ação.

3.5 O AMBIENTE ESCOLAR COMO ARTICULAÇÃO PARA DIALOGAR E MEDIAR A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA

Diante da ação e reflexão de um ato considerado indisciplina, a intenção de fazer com que o estudante analise os resultados e se isso interfere na sua aprendizagem e no convívio com os demais nos leva a perceber que “A disciplina deixa de assentar na coerção externa para se transformar em autocontrole e autogoverno” (ESTRELA, 2002, p. 21). Deste modo é possível esclarecer que, para se manter a disciplina, não é necessário que sejam excluídos os limites, mas agora o estudante pode participar da elaboração dos combinados e assim ter mais responsabilidade em cumpri-los. Todavia, será necessário vivenciar um momento de desordem que resulta de uma liberdade na qual o estudante fique sem saber, a princípio, como e quais caminhos se deve percorrer para alcançar os objetivos, ou seja, é com a desordem que se alcançará a ordem, por sentir necessidade de ordenar e organizar situações e aprendizagens com a participação ativa e isso deve ser construído nos primeiros momentos, ou seja, início do ano letivo e se manter com palavras e ações no decorrer do ano.

Ao nos referirmos aos primeiros momentos, não estamos falando só do planejamento da aula e do estabelecimento de regras de trabalho. É muito mais que isso. É sobretudo desejo e competência. Nos momentos iniciais, além de terem dimensão da proposta de trabalho trazida (visão geral, sentido, perspectivas, articulações), os estudantes devem perceber no professor o que ele tem de melhor, ou seja, o desejo profundo de que cresçam, aprendam, sejam gente, se tornem seres humanos cada vez melhores. Daí o empenho dos docentes na preparação inicial. (VASCONCELLOS, 2009, p. 166).

O que podemos considerar a respeito do conceito de disciplina e indisciplina é que, em ambas as obras de Estrela (2002) e Vasconcellos (2009), é comum referências à fala de professores/as que atribuem atos indisciplinados a questões psicológicas ou à estrutura familiar; já os estudantes justificam tais atos aos/às professores/as que não escutam suas falas e uma

maneira para chamar a sua atenção é a resistência aos combinados; a não participação nas tarefas propostas é um exemplo. Com a evolução da observação, foi possível verificar que é a partir da desordem, por exemplo, em não respeitar os combinados que leva o/a professor/a a repensar sua própria prática e, por meio dos registros referentes ao que não deu certo, é possível planejar a aula de um modo que possa minimizar atos indisciplinados.

Escutar o que os estudantes têm a dizer sobre a dinâmica das aulas, fazer levantamento e comparações mudando as estratégias e encaminhamentos, elaborar questionários para que todos possam se expressar por meio da escrita e compartilhar essas ações com intuito de despertar a participação ativa e significativa. Não considerar as inquietações dos estudantes e suas reais necessidades de aprendizagem e formas de relacionamento entre pares, resulta em dispersão, apatia, baixa autoestima, ou até atos indisciplinados, como tumultuar as aulas com questionamentos para fugir do assunto, cutucar os colegas com objetos ou arremessá-los, fazer provocações verbais, ou até partir para agressões físicas quando não se tem argumentos para provocar o outro. É fundamental conscientizá-los sobre questões como comunicação e relacionamentos de diferentes sujeitos na sala de aula. Luck (2018, p. 32-33) nos apresentou uma consideração a partir da escola e que podemos utilizar na sala de aula:

Enfim, deixam de levar em consideração os aspectos indeléveis e sutis relativos ao modo como as pessoas subjetivamente se associam, como interpretam e enfrentam seus desafios, seu trabalho e que atitudes expressam em relação a ele e a cada uma de suas atuações, como se relacionam e se comunicam entre si, o que valorizam, como expressam valores assumidos, como definem as relações de poder e de influência de uns sobre os outros, como definem o que é, e o que não é considerado aceitável, como influenciam o desempenho uns dos outros.

Todos esses aspectos internos à escola desempenham um papel significativo no estabelecimento da orientação mental e coletiva dos profissionais no interior da escola a respeito de quais são seus desafios e necessidades e como enfrentá-los, que, por sua vez, condicionam uma reação às proposições ou intervenções apresentadas pelo sistema de ensino. Estas comumente são assumidas, quando o são, fracamente, pró-forma, sem comprometimento, de modo que não resulta em promover mudanças na melhoria da qualidade do ensino, tal como pretendido. Daí por que todos os anos se pode em certos contextos afirmar que “quanto mais as coisas mudam, mas permanecem como estão”.

Na obra de Luck (2018), podemos perceber a importância de se valorizar as expressões dos sujeitos que estão em um ambiente (no caso, a sala de aula) em que precisam se expressar para organizar mentalmente valores e conhecimentos que são diferentes da maioria dos presentes. Precisam aprender a se relacionar a partir das diferenças, considerando-as como meios de promover o diálogo e a escuta. O/A professor/a precisa ter a sensibilidade e a destreza

em perceber as inquietudes e promover ações que possam amenizar e/ou iniciar um processo coletivo entre os sujeitos, de refletir sobre o que pode fazer para melhorar os relacionamentos na sala de aula e que esses possam ser estendidos à escola, à sua família e à sociedade. A partir da valorização das expressões dos sujeitos na participação da sala de aula, o/a professor/a pode pensar e repensar sobre a aquisição dos conteúdos sistematizados.

O processo de aquisição dos conteúdos sistematizados para o desenvolvimento das habilidades que o estudante precisa aprender, fomentando o trabalho educativo, não se restringe à sala de aula, mas é nela que o contato com o/a professor/a ocorre por mais tempo. Por essa razão, constituir a configuração desse ambiente de modo acolhedor poderá favorecer o trabalho pedagógico que nela é realizado. É importante considerar não só os cuidados com os aspectos de escrita, leitura e cálculos, mas os aspectos físicos (condutas) que proporcionem coesão de ideias e responsabilidades compartilhadas nos trabalhos que são realizados em sala de aula com vistas a uma aprendizagem significativa para o estudante.

A atuação do/a professor/a na sala de aula deve ser de mobilização coletiva do trabalho de ensino-aprendizagem, sendo ele ou ela articulador nesse processo. Essa articulação deverá ser realizada por meio de planejamento, considerando o perfil dos sujeitos, suas habilidades e dificuldades, criando, a partir do currículo escolar, atividades, encaminhamentos e estratégias que possam provocar e despertar interesse e vontade, além de conduzir a reflexão de como aspectos organizacionais, interpessoais e pedagógicos são aliados para se construir um ambiente que proporcione a qualidade da aprendizagem dos educandos na sala de aula. Para isso, o/a professor/a precisa ter clareza e ser ativo na organização e gestão do trabalho escolar, sendo consciente em sua formação continuada e compartilhada.

Pela participação na organização e gestão do trabalho escolar, os professores podem aprender várias coisas: tomar decisões coletivamente, formular o projeto pedagógico, dividir com os colegas as preocupações, desenvolver o espírito de solidariedade, assumir coletivamente a responsabilidade pela escola, investir no seu desenvolvimento profissional. Mas, principalmente aprendem a sua profissão. É claro que os professores desenvolvem sua profissionalidade primeiro no curso de formação inicial, na sua história pessoal como aluno, nos estágios etc. Mas é imprescindível ter-se clareza hoje de que os professores aprendem muito compartilhando sua profissão, seus problemas no contexto de trabalho. É no exercício do trabalho que, de fato, o professor produz a sua profissionalidade. Esta é hoje a ideia-chave do conceito formação continuada. (LIBÂNEO, 2018, p. 35).

De acordo com Libâneo (2018), o professor precisa tomar decisões e compartilhá-las coletivamente. No caso da presente pesquisa, a decisão foi compartilhar o processo com os estudantes, pontuando e apresentando considerações importantes como:

- a) planejar e apresentar a rotina diária por meio da agenda do dia registrada na lousa na qual contempla o número de aulas, matérias e conteúdos a serem desenvolvidos com seus respectivos objetivos e encaminhamentos e adequação do tempo estimado para cada tarefa;
- b) valorizar a pergunta, a dúvida e os questionamentos como indícios de aprendizagem, que geram a curiosidade de entender que foi dito e/ou apresentado, mas, ainda não foi compreendido;
- c) demonstrar boas maneiras em se mediar conflitos e condutas que desrespeitam os combinados e esclarecer que retomadas revisões dos acordos fazem parte do processo das relações entre sujeitos;
- d) estabelecer regras de condutas a partir dos combinados elaborados no início do ano letivo com a participação no regimento escolar para manter a harmonia na relação professora-estudante e estudante-estudante na constituição do clima escolar na sala de aula;
- e) organizar e dispor materiais físicos (pedagógicos e mobiliários) para facilitar a aprendizagem com a interação entre os sujeitos e os objetos, tornando o ambiente agradável e produtivo e que os sujeitos possam manter a organização compartilhando a responsabilidade;
- f) estimular e valorizar a importância dos momentos em se trabalhar em grupo, duplas e/ou individualmente para que as interações sociais favoreçam a construção do conhecimento;
- g) falar e escutar, possibilitando a construção de repertórios a partir dos conhecimentos prévios, atrelados aos termos usuais apresentado no conteúdo pedagógico a ser aprendido;
- h) manter o contato visual para proporcionar o ensino e aprendizagem empática e assim considerar dificuldades (de aprendizagem ou de conduta) como parâmetros que precisam ser identificados e podem ser facilitadores no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o bom relacionamento entre professora e estudantes.

De modo breve, a apresentação desses processos, para organizar e decidir como serão as condutas na sala de aula, envolve o estudante e professora mediando o diálogo e a consideração com o outro em se dizer e agir, mas antes precisa ajustar o que será dito e como será feito; dessa maneira, é necessário se comunicar por meio de ações previamente planejadas para promover o diálogo.

3.6 DIÁLOGOS SOBRE A (IN)DISCIPLINA

De acordo com Houaiss (2015), dialogar significa: trocar opiniões e comentários, alternando papéis de falante e ouvinte. Já o diálogo significa fala entre dois ou mais conjuntos. Dialogar é um verbo que indica ação e a palavra diálogo é classificada como substantivo que nomeia algo. A conversa sobre dialogar e diálogo com os estudantes que participaram da pesquisa começou em uma aula com o uso do dicionário para além de saber sobre os verbetes e as suas classificações gramaticais; a intenção seria falar sobre a importância de se ter disciplina nas relações entre os sujeitos presentes na sala de aula. Perguntei se eles sabiam o significado de cada uma delas e alguns responderam que significava conversar. Aproveitando a oportunidade, sugeri que procurássemos a resposta. Quando foi encontrada, verificamos que a resposta foi adequada; então, destaquei as palavras falante e ouvinte oralmente e disse qual seria a relação que poderíamos fazer com a disciplina na sala de aula. Houve um silêncio momentâneo. Em seguida, o estudante A.A.¹⁶ disse: “a relação seria um falar e o outro ouvir?”. Respondi que seria esse o princípio. Outros estudantes começaram a participar da conversa apresentando as suas contribuições e assim começamos a dialogar.

A intenção, a partir dessa ação, era escutar quais palavras poderiam ser ditas que os levassem a pensar na disciplina necessária para organizar os diálogos, além do que tinha sido dito que era um falar e o outro ouvir. Com o recurso de uma crônica de Luiz Fernando Verissimo, de título “Comunicação”, presente no livro didático, que fazia parte do material escolar do ano letivo de 2019, foi possível proporcionar momentos de interação e participação de alguns estudantes que estavam sem saber como responder às questões referentes ao texto. Dessa maneira, consegui identificar a dificuldade da maioria que se mantinha calado ou dispersava com conversas paralelas. Não conseguiam entender o texto, alguns sabiam decodificar, mas não conseguiam relacionar as ideias apresentadas de modo interpretativo.

¹⁶ A.A.: Iniciais do nome e sobrenome do estudante que participou da pesquisa.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais.

O diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. (FREIRE, 2017b, p. 108-109).

De acordo com Freire (2017b), a pesquisa não teria relevância se o diálogo não prevalecesse na relação entre a professora e os estudantes. Entretanto, para se dialogar é necessária organização, e é sob essa ótica que a disciplina foi apresentada aos estudantes, como meio de organização essencial para as condutas na sala de aula; e, para ser significativa, ela deveria ser compreendida como mediações elementares e não como imposição sem precedentes. Era necessário tornar significativas as atividades apresentadas e estimular a ação e a interação dos sujeitos para reflexão da palavra.

A intervenção realizada foi parar a aula e iniciar uma conversa sobre habilidades e dificuldades de aprendizagem. Timidamente começaram a falar que não conseguiam compreender certas questões; sabiam ler, mas não sabiam como responder. Geralmente não se realizava a discussão das atividades, ela era apresentada e respondida sem questionamentos, e situações que envolviam dúvidas, em sua maioria, não eram esclarecidas. Perante essa situação, percebeu-se que a maioria estava acostumado a não perguntar e muito menos questionar.

Infelizmente, de modo geral, o que se vem fazendo nas escolas é levar os alunos a apassivar-se ao texto. Os exercícios de interpretação da leitura tendem a ser quase sua cópia oral. A criança cedo percebe que sua imaginação não joga: é quase algo proibido, uma espécie de pecado. Por outro lado, sua capacidade cognitiva é desafiada de maneira distorcida. Ela não é convidada, de um lado, a reviver imaginativamente a estória contada no livro; de outro lado, a apropriar-se aos poucos, da significação do conteúdo do texto. (FREIRE, 1993, p. 45).

De acordo com Freire (1993), os estudantes geralmente aceitavam o que lhes era apresentado e não revelavam oralmente as suas dificuldades, esperando cópias e possivelmente respostas prontas; não tinham oportunidade de imaginar outras situações ou duvidar sobre o que estava sendo apresentado. Nessa situação, ocorria o silêncio da dúvida ou a dispersão com conversas paralelas e a movimentação de andar pela sala. O duvidar nessa situação descrita seria o momento de reflexão, o momento de tentar associar o assunto ou conteúdo que está sendo apresentado com situações já vividas ou não. Era o que Freire (1993) descrevia como

experiência da compreensão, pois para manter uma conversa ou diálogo os sujeitos precisavam saber ler, entender para compreender e continuar com a reflexão necessária para resolver ou continuar com o que era proposto. Ler não somente a palavra escrita, mas saber ler o que acontecia ao seu redor e na sua rotina cotidiana. Essa leitura precisava ser significativa para quem lia (estudante) e não apenas para quem propunha; era necessário que a proposta de leitura tivesse contexto e não apenas pretexto.

Para promover o diálogo era preciso ter um tema e uma proposta a seguir, entendimento para possivelmente resultar em compreensão; caso o estudante não compreendesse esse processo, certamente poderia dizer que não fez o que foi solicitado ou combinado porque não entendeu, não sabia, não queria fazer, resultando em condutas consideradas indisciplinadas. Dessa maneira, seria primordial ensiná-los que o estudo e a leitura são imprescindíveis para desenvolver habilidades de compreensão textual e, assim, poderia melhorar as reflexões e questionamentos que os faziam desacreditar que a transformação dos seus não saberes poderia ser indício de aprendizagem.

Nesse contexto, Freire (1993) escreveu sobre a significação do ato de ler e compreender e a importância do ato de estudar:

[...] o ato de *estudar* implica sempre o de ler, mesmo que neste não se esgote. De *ler o mundo*, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. Mas ler não é puro entendimento nem tão pouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto.

Se, na verdade, estou estudando e estou lendo seriamente, não posso ultrapassar uma página se não consegui com relativa clareza, ganhar sua significação. Minha saída não está em memorizar porções de períodos lendo mecanicamente duas, três, quatro vezes o pedaço do texto fechando os olhos e tentando repeti-las como se a fixação puramente maquinal me desse o conhecimento do que preciso.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar compreensão do lido; daí entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. (FREIRE, 1993, p. 29, grifo do autor).

A citação acima descreve a situação vivida pelos estudantes que participaram da pesquisa. A maioria pensava que estudar era só memorização, e a minoria nem opinava, apenas obedecia, cumpria a tarefa, ou não. Freire (1993) destacava a importância de se compreender as coisas e, nessa citação, palavras como significação, conhecimento, preciso, difícil,

gratificante, curiosidade e ensino, proporcionaram-nos um percurso a seguir; tinha que fazer com que os estudantes percebessem a relevância e o sentido de cada palavra.

Cada palavra apresentada e retirada da citação de Freire (1993) viabilizou momentos de preparação de aulas que chamassem a atenção deles para refletir sobre como elas poderiam proporcionar e se relacionar com a disciplina e a indisciplina na sala de aula. Esse foi um dos desafios da professora-pesquisadora: teria que agir com intencionalidade pedagógica significativa, além de observar e registrar criticamente o sujeito na relação entre pares e com a professora. Segundo Paro (2010, p. 91), “A educação é um trabalho que tem como fim produzir um ser humano-histórico. A atividade orientada a esse fim é o processo pedagógico”. De acordo com Paro, o processo para desenvolver a educação precisava ser produzido e orientado de acordo o perfil da turma e para isso era fundamental conhecer quem eram os indivíduos pertencentes a essa turma para o desenvolvimento dessa educação orientada; era fundamental analisar o “objeto de trabalho”. Segundo Paro (2010, p. 91-92),

Esse processo como todo trabalho, supõe a existência de um "objeto de trabalho". O conceito de objeto de trabalho não se confunde com o de mero objeto. Objeto de trabalho é tudo aquilo que, no processo de trabalho, se transforma no produto. Por exemplo, se vou produzir uma mesa de madeira, uso tábuas, transformo as tábuas em mesa. As tábuas são o objeto de trabalho. Na educação, o objeto de trabalho é o educando, porque é ele quem se transforma durante o processo. Não se trata simplesmente de sua transformação física, pois não nos interessa o conceito de homem como um ser simplesmente físico. O educando se transforma em sua personalidade viva, se faz humano-histórico na medida em que se apropria da cultura. Ele se diferencia de um simples animal na medida em que se apropria da cultura, em que se educa. Educar-se é transformar-se, assimilando conhecimentos, crenças, valores, condutas, informações, habilidades. É assim que nós transformamos o educando, no processo pedagógico.

Esse processo, como todo trabalho, de acordo com Paro (2010), precisou de um plano de aula específico, que além de cumprir o que era proposto no Currículo Escolar do Governo do Estado de São Paulo, urgentemente, carecia de retomada de habilidades de leitura, escrita e de cálculos, e um outro fator muito importante: os estudantes precisavam acreditar que o não saber era situação que poderia ser transformada. A maioria não se percebia como capaz de mudar suas condições de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem foram identificadas por meio de sondagens escritas e de cálculos, por meio de diagnóstico de aprendizagem. Eles não se percebiam como sujeitos que poderiam serem ativos em suas aprendizagens; estavam conformados em não saber.

Na leitura da obra de Freire (2017b, p. 93), foi possível analisar um trecho que explicava a exposição do fato ocorrido durante a aula:

É que, envolvidos pelo clima gerador da concepção "bancária" e sofrendo sua influência, não chegam a perceber o seu significado ou a sua força desumanizadora. Paradoxalmente, então, usam o mesmo instrumento alienador, num esforço que pretendem libertador. E há até os que usando o mesmo instrumento alienador, chamam aos que divergem desta prática de ingênuos ou sonhadores, quando não de reacionários.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Os estudantes estavam acostumados a aceitar sem questionar, além de suprimir suas dificuldades por acreditar que não fossem capazes de atingir os objetivos propostos. De acordo com Freire (2017b), estavam alienados. O desafio era apresentar elementos que fossem capazes de possibilitar a reflexão transformadora e libertadora que a aquisição dialógica do conhecimento poderia proporcionar aos estudantes, considerando as expectativas e perspectivas de aprendizagem em ritmos variados e sem o conhecimento da disciplina necessária aos estudos, pois a disciplina que a maioria conhecia era relacionada à obediência. A prática da professora, diante da situação, teve que ser repensada. Não seria possível continuar com o planejamento pedagógico sem retroceder e/ou apresentar encaminhamentos e objetivos que pudessem desenvolver as habilidades necessárias para garantir a aprendizagem significativa e eficiente.

Para resolver essa situação e tornar a aprendizagem significativa e eficiente como metas a serem alcançadas, e que isso pudesse demonstrar para os estudantes que a disciplina era necessária para alcançar essas metas, precisamos dialogar e escutar uns aos outros. Gomes e Francisco (2019, p. 109) nos clarificaram que

O diálogo [...] traz consigo o caráter problematizador, busca embasamento no conhecimento científico, diante de suas diferentes manifestações: filosófica, histórica e artística. Entende-se por diálogo, também, conversas agregadoras, que valorizam os sujeitos envolvidos, diferentemente daquilo que se apregoa, por exemplo, como discurso competente.

De acordo com Gomes e Francisco (2019), Freire (2017b, 1993) e Paro (2010), dialogar, aprender, ler, educar e transformar, são ações relevantes e significativas, se derem sentido ao entendimento dos estudantes. Para que seja possível tornar essas ações em prática, é necessário conhecer os estudantes não somente em suas habilidades ou defasagens de aprendizagem, mas

percebê-los como sujeitos históricos e humanos e que precisam de acolhimento individual e coletivo no processo pedagógico. Na obra de Vasconcellos (2000, p. 44), foi possível fundamentar essa reflexão:

Ao professor cabe, pois, dirigir o processo de construção da coletividade em sala de aula. E esta direção não pode ser guiada pelos parâmetros da liberdade/repressão, mas sim pelos da consciência/alienação. O professor como coordenador do processo não pode ser omissor, mas profundamente interativo. Atento às diferenças entre os alunos na sala de aula, deve buscar combiná-las (combinação construtiva das diferenças), trazendo de cada elemento o que ele pode contribuir. Isto porque coletividade não significa padronização de comportamentos e sim combinação de comportamentos. A situação em sala de aula é intrincada, pois ali se encontram vários seres imersos em processos de alienação. Cabe ao educador, como ser mais experiente e maduro, tomar a iniciativa de buscar romper o círculo de alienação. No processo de construção da disciplina consciente e interativa, há que se enfrentar a alienação, a brutalização tanto do próprio, quanto do aluno (bem como dos pais, etc.).

Considerando as citações apresentadas nesta seção, Vasconcellos (2000, p. 43) nos ajudou a refletir novamente sobre a responsabilidade do professor em ter embasamento científico e pedagógico para desenvolver na sala de aula a disciplina interativa, ou seja, “numa coletividade organizada”. Apresentamos na próxima seção, como sugestão, a partir da observação em sala de aula, como é possível organizá-la de modo a favorecer a disciplina nesse ambiente e provavelmente possa contribuir para a melhoria nas relações entre professor/a e estudantes, repensando as condutas consideradas indisciplinadas.

3.7 ORGANIZAR A SALA DE AULA E A DISCIPLINA PARA APRENDIZAGEM

A configuração acolhedora e pensada para estimular a participação e manutenção do ambiente da sala de aula deve levar em consideração inclusive a disposição dos materiais (pedagógicos e mobiliários) que precisam ser organizados com a proposta de combinados a partir de normas e condutas apresentadas no Regimento Escolar, com adaptação, se for necessário, para a realidade dos sujeitos da sala de aula.

Falar sobre o Regimento Escolar é importante para que os estudantes percebam que a disciplina exigida na sala de aula não serve para punir, mas sim para normatizar condutas que são necessárias para o convívio entre os sujeitos e lhes demonstrar que, para se aprender e produzir conhecimento, a disciplina é o caminho para organizar não só o ambiente, mas também

o tempo, o espaço e as relações entre os sujeitos, como meio para garantir a qualidade do ensino e da aprendizagem de modo significativo.

É importante esclarecer aos estudantes que existe um documento orientador¹⁷ que sistematiza as regras de condutas e que a escola tem em seu regimento bases para que, a partir do perfil da comunidade escolar, sejam realizadas adaptações necessárias ao atendimento de seus sujeitos, como modo de organizar e facilitar as relações e o alcance dos objetivos previstos. Assim, podemos demonstrar importância não só de falar, conversar e/ou dialogar, mas também de estruturar registros que possam ser compartilhados, evidenciando a importância da escrita (quando esquecer de algo dito e apresentado, a leitura das escritas nos faz lembrar).

As ações tumultuadas, a agitação em demasia, atingem a produtividade na sala de aula, resultando em indisciplina, ou seja, no não cumprimento do que foi combinado pelo grupo e do que foi estabelecido para a rotina do dia. Por essa razão, a antecipação dos objetivos é importante, mas é com a indisciplina nos combinados que se poderá levar os estudantes a perceber que não adianta estar escrito nos combinados como devem agir se não houver atitudes, e é nesse momento que deve ocorrer uma parada para dialogar porque não atingimos o que foi estabelecido com relação ao tempo, espaço, condutas e tarefas que foram acordadas, e que com a indisciplina não conseguimos efetivar nossos objetivos.

É importante a reflexão sobre a (in)disciplina ocorrida, demonstrando que professor/a e estudantes, estando juntos, podem refletir como a autonomia nas decisões pode proporcionar e manter a disciplina necessária não somente à aprendizagem de conteúdos sistematizados cientificamente, mas que a disciplina do tempo, espaço e das relações geram a empatia. O que pode contrariar essa reflexão é uma proposta não adequada de trabalho, como descreve Vasconcellos (2000, p. 77-78) a seguir:

É comum o professor se preocupar em demasia com as exigências relativas ao aluno – a disciplina –, mas esquece-se da contrapartida necessária: um ensino significativo, participativo. Com o tipo de curso que propõe/impõe – desvinculado da realidade, passivo – o professor pode acabar sendo, do ponto de vista interno à escola, um dos mais sérios fatores indisciplinadores. Muitas vezes, as crianças não conseguem verbalizar o que estão sentindo, a inadequação da proposta, mas sinalizam com seu corpo, com seu comportamento. O fato de quererem ir toda hora ao banheiro, deve significar algo para o professor.

¹⁷ O Regimento Escolar do ano de 2018 é um documento existente na Unidade Escolar pesquisada, mas não foi apresentado aos estudantes. Como se trata de um documento, foi sugerido que os elementos principais, que pudessem orientar as regras de convivência e condutas escolares, fossem apresentados e explicados de modo breve, não somente aos estudantes, mas para os pais e/ou responsáveis de modo a facilitar comunicação entre a escola e as famílias.

De acordo com Vasconcellos (2000), a administração do tempo e do conteúdo a ser ensinado, a partir do/a professor/a, compartilhada com os estudantes por meio do diálogo (realizar uma prévia do que será apresentado e realizado na aula), pode promover a disponibilidade e aproveitamento do trabalho pedagógico para auxiliar os estudantes que precisam de orientação individual e estratégias diferenciadas de ensino. Ao formar grupos, duplas, por exemplo, a inquietação com a disposição dos objetos da sala de aula, a recusa em querer se manter nessa configuração e os conflitos em se manter a ordem e a disciplina, podem nos proporcionar a reflexão. Ao compartilharmos facilidades e dificuldades nas aprendizagens, nas relações e na organização do espaço e do tempo, estamos aprendendo a lidar com situações tanto positivas ou negativas, que é comum acontecer quando se altera a rotina e a forma de se fazer as coisas na sala de aula. É escutando o barulho que eles começam a perceber a importância do silêncio, nos momentos desafiadores da leitura, que exigem concentração e estratégias. É com o ato de ser rejeitado perante um grupo que posso refletir como é difícil não ser aceito, quando a conduta indisciplinada é fator preponderante no momento da constituição dos grupos. É com o conteúdo só copiado e não explicado, que sinto falta da explicação e exemplificação que foi interrompida com tumultos e ações desrespeitosas dos colegas. É importante perceber que a ação dialógica pode ser uma constante e precisamos desenvolver a autonomia para negociar pontos de vistas e desenvolver a disciplina a partir da indisciplinada. E isso leva a agir em um tempo indeterminado, mas tempo que precisa de intervenções diárias com o compartilhamento de responsabilidades.

A participação consciente e interativa em sala de aula é uma exigência para um ensino transformador. O educando pode boicotar o trabalho falando demais, obviamente compromete a participação coletiva, o fluxo da comunicação. Falando de menos, não dá ao professor (ou a colegas) a oportunidade de interação, de confronto de ideias. O conhecimento começa externamente ao aluno. (VASCONCELLOS, 2000, p. 97).

As ações em conjunto para ajustar o que foi proposto confirma o que Vasconcellos (2000) defendeu com relação à consciência interativa na sala de aula, que só pode ocorrer com a participação de todos os sujeitos. Saber lidar com intercorrências que burlam os combinados é um bom momento para se refletir sobre os direitos e os deveres que regulam o cotidiano e o convívio entre os estudantes e o/a professor/a. Dessa maneira, rever a prática da professora e até mesmo os combinados pode transmitir a ideia de que paradas, retomadas ou trocas de estratégias, não são retrocessos, mas uma revisão necessária para se alcançar os objetivos propostos.

Negociar e repensar são termos que precisam fazer parte da comunicação na sala de aula com o intuito de promover a discussão sobre o que está dando certo e o que não está, a ponto de mediar diálogos que respeitem a opinião e sejam significativos para a convivência, além de garantir o acolhimento nas relações no cotidiano da sala de aula e na escola.

Em qualquer profissão, você pode pensar numa relação que ignore a condição de sujeito do outro. Por exemplo, um médico pode dizer "Eu curo fulano" e ponto. Em educação, dizer "eu educo fulano" só pode ser entendido como uma força de expressão, como uma licença poética, pretendendo significar: "Eu propicio condições para que o aluno *se* eduque". O verbo educar é reflexivo. Só existe educação se o educando concorre como sujeito da educação. [...] A ciência demonstrou isso: não há condições de aprender se alguém não quer. Por isso, para que o outro aprenda, eu preciso correr o risco de ele não aprender. Não depende só de mim. Depende de eu buscar condições para cativá-lo, seduzi-lo democraticamente. (PARO, 2010, p. 93).

De acordo com Paro (2010), a educação é uma ação reflexiva, e precisa não somente contar com o agir e interagir do outro que recebe a educação sistematizada cientificamente, mas a educação precisa ser querida, ser aceita, ser significativa em algum momento e isso dependerá da ação do/a professor/a em ter a consciência de conhecer os seus estudantes não só em relação às suas aprendizagens. Deverá saber realizar adequações no currículo e nos combinados, que possam contribuir para um relacionamento reflexivo, dialógico e expressivo. O/A professor/a precisa saber que "A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo" (FREIRE, 1993, p. 55).

A partir da humildade em reconhecer que somos humanos e passivos de acertos e de equívocos, possamos perceber o que Freire (1993) afirmou em sua obra: "A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo" (FREIRE, 1993, p. 55). De acordo com Freire (1993), tanto os saberes como as nossas ignorâncias fazem parte do processo entre o ensinar e o aprender, caminhando juntos o tempo todo, mas não percebido com a mesma relevância, com a mesma intensidade; por essa razão, a importância de se conhecer não somente o perfil da turma a ser ministrada as aulas, mas considerar os aspectos individuais dos sujeitos, clarificando algumas considerações com relação à disciplina e à indisciplina em sala de aula.

3.8 DIÁLOGOS SOBRE A DISCIPLINA

Nesse item nos interessa dar a conhecer os diálogos realizados com os estudantes sobre disciplina e indisciplina na escola. Cabe informar que os estudantes iniciaram as aulas no dia

04/02/2019, que foi o segundo dia letivo do ano de 2019. No primeiro dia, aconteceu a Reunião de Pais e Mestres, na qual foi apresentada a pesquisa que seria desenvolvida, durante o ano, com a participação dos estudantes. Nessa reunião estavam presentes metade dos responsáveis. Foi apresentada a pesquisa, os objetivos e deixado aberto para questionamentos ou dúvidas. Não houve manifestação, mas todos os presentes concordaram com a participação de seus filhos na pesquisa, autorizando também o registro das imagens. Foi explicado para os estudantes o que havia sido conversado com seus pais e/ou responsáveis, e no dia mencionado acima foi possível iniciar a gravação.

Para realização das conversas combinamos que, quando a turma estivesse completa, nós nos reuniríamos para conversar sobre o tema.

Nesse dia, o tema foi disciplina. A sala de aula foi organizada em círculo para que todos pudessem se olhar e escutar o que os colegas tinham a dizer. Antes foi explicado que a disciplina tinha a ver com compromisso a partir de combinados, organização nas relações entre as pessoas e com o espaço, além da utilização dos materiais. Depois da conversa, tínhamos um momento para construir os nossos combinados, mas durante as aulas, no pátio, na entrada, saída e em outras aulas, todos estariam sendo observados para que com os registros pudéssemos ter dados de condutas que poderiam nos ajudar a refletir sobre como elas poderiam melhorar ou atrapalhar o relacionamento entre professora-estudantes e estudantes-estudantes.

Para iniciarmos a conversa, foi solicitado a eles que falassem sobre o que pensavam e o que identificavam sobre disciplina? O que é disciplina? No primeiro momento, fez-se necessário apontar alguns estudantes que abriram as discussões, encaminhando assim as discussões que acabaram calorosas. Como respostas às minhas provocações, como relação à disciplina, disseram:

[...] respeito é educação, matéria por exemplo: hoje eu vou estudar disciplina de Português, hoje eu estudei disciplina de Matemática e é isso. Disciplina para mim é isso. (A.A.).

[...] se comportar na sala de aula, estudar, obedecer ao que a professora está falando, entender as coisas, senão vai fazer errado. (D.C.).

[...] é você chegar no lugar e se comportar e é a mesma coisa que o A.A. falou, você tem que chegar na escola, fazer as lições direitinho e entregar tudo na hora certa.

[...] é quando o professor manda, ou até as tias do pátio manda fazer alguma coisa, é você obedecer o que eles mandam, fazer a lição na hora certa, enfim, tudo isso. (N.N.).

[...] é quando você aprende coisas e escreve as respostas. (P.D.).

[...] disciplina é respeitar a professora e fazer as lições de casa. (J.A.).

[...] Disciplina é fazer a lição, tudo o que a professora manda e os professores manda a gente fazer. (D.F.).

Ao final, percebendo que a conversa já havia se esgotado foi solicitado se alguém mais gostaria de falar sobre o significado de disciplina. Ao observar que o tema disciplina já havia se esgotado foi dito que estaríamos tratando do verso ou inverso da indisciplina:

Professora: Vocês falaram o que é disciplina. E na maioria das respostas, a palavra que mais apareceu foi se comportar, obedecer. Agora vamos conversar sobre outra palavrinha. Vocês vão me disser, a partir da experiência de vocês o que que é indisciplina? O que você entende por indisciplina?

R.R.: Não respeitar os professores, bater nos colegas, não terminar os deveres e ficar conversando no meio da aula.

Nesse outro movimento percebeu-se que já estavam um tanto à vontade e não só se expressavam verbalmente, mas o faziam com o corpo, sorriam, apontavam uns para os outros, quase que numa cumplicidade eles dizem:

Indisciplina é faltar com respeito aos colegas, professores e aos demais. (A.A.).

Indisciplina é ficar bagunçando na sala de aula enquanto os professores saem. (D.C.).

[...] É, esse negócio aí. É desrespeito aos professores, apronta no recreio, não obedece. (R.H.).

Na continuidade, então, sem o posicionamento da pesquisadora, foi apontado um dos estudantes que parecia fora da conversa.

Professora: E para você (J.A.), o que é indisciplina?

J.A.: Indisciplina é não fazer as lições de casa e não obedecer aos pais, é isso.

Professora: Certo. E para você? (indicando um estudante que tinha levantado a mão).

E a discussão se deu nesse movimento em que se solicitava a fala dos alunos que pareciam distantes. E nesse movimento, em que indisciplina é o contrário da disciplina, o estudante A.V. disse que esqueceu e eu respondi: “Esqueceu? Tá”. Alguns estudantes deram risadas, indicando que queriam falar ao fazer gestos, solicitando a participação. Seguiu-se um ritual em que se disse e se repetiu o aprendido sobre a disciplina e indisciplina na escola, em que indisciplina é o avesso da disciplina.

Indisciplina é uma pessoa que não faz a lição, só bagunça e só fica brincando na sala, não respeita ninguém. (D.F.).

Indisciplina é um aluno que não faz a lição, não respeita os seus pais, não respeita a professora e só fica brincando na sala de aula. (M.R.).

Indisciplina é quando eu não respeito os pais, os professores, seus superiores, não faz os deveres, não arruma o quarto, enfim, essas coisas.

Ao perceber que já estavam cansados do jogo de perguntas e respostas, foi solicitado se alguém mais gostaria de falar. Agradecendo a todos, foi encerrada a gravação, informando-se que a conversa continuaria em outro dia.

As tentativas de diálogo ora em grupo, ora individual, continuaram ao longo do ano letivo de 2019. Tantas foram as descobertas e frustrações que serviram para repensar a prática docente e a questão da disciplina e da indisciplina na sala de aula, ambiente no qual estavam reunidos sujeitos com intenções, percepções e angústias que resultavam em algo em comum; queriam se sentir pertencentes àquele lugar, queriam chamar a atenção, queriam ser queridos e aceitos. Mas como dizer isso dizendo? Não diziam, não pediam, não escutavam. Até que no silêncio ou na impulsividade dos atos dos estudantes e da professora, na ansiedade de se querer cumprir regras não por cumprir, mas para se livrar, foi possível despertar a curiosidade em querer saber da disciplina que pode organizar as coisas e da indisciplina que pode ser um indicio de algo que precisa ser revisto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes puderam distinguir os momentos descontraídos daqueles que exigem maior concentração, pois não tinham compreensão de como os barulhos e as distrações interferiam em suas aprendizagens, prejudicando os momentos de entendimento e as possibilidades de se ter/tirar dúvidas. O que se julgava que poderia ser uma dificuldade de aprendizagem, na verdade, foi constatado que era falta de concentração e de compartilhar as suas dúvidas. Quando passaram a escutar as explicações, realizar as tarefas propostas, passaram a perceber que as suas aprendizagens fluíam, dando-lhes sentido ao conhecer e aprender. Por essa razão, o/a professor/a deve fazer um período de observação e pesquisa perante as condutas dos estudantes para depois pensar na construção de combinados que esclareçam o que é considerado um ato disciplinado ou indisciplinado. Os conceitos de disciplina e indisciplina devem ser amplamente discutidos e contextualizados com os estudantes; deste modo, poderão analisar as próprias atitudes.

Para estabelecer relações, foi necessário expor, por meio da escuta dos áudios, o que os estudantes não tinham compreendido, que era sobre a importância de não só dialogar sobre o convívio entre pares e no espaço escolar, mas sobre a importância de se refletir sobre o que havia sido tratado, dialogado e escutado. Quando era iniciada uma conversa para promover diálogos, as respostas dos que aceitavam participar, de um modo geral, era de que estar presente na escola significava ficar na sala de aula, copiar lições, fazer trabalhos e avaliações, ir para a aula de Educação Física e para o intervalo. Quando mencionava a palavra disciplina, a resposta dada pelos estudantes se baseava em obedecer, respeitar, ficar quieto, não correr, não perguntar demais, fazer e terminar as tarefas, além de não questionar; ou seja, não poderia duvidar do que havia sido explicado. Ao escutar os áudios gravados e ler o que eles pensavam e como se sentiam na sala de aula e na escola, foi possível entender que a disciplina exigida na escola era entendida como falta de liberdade, algo que limitava suas condutas, pois, ao falarem, suas expressões faciais revelavam o tédio em ter que se manter disciplinado de acordo com o que achavam ser uma conduta disciplinada. Ao perguntar sobre como eram feitos os combinados na sala de aula, responderam que não eram realizados por meio de conversas, mas sim apresentados em imagens e escritas e colocados no mural, mas não se dialogava sobre a necessidade de se fazer de um jeito e não de outro.

Não havia a construção de combinados a partir do perfil dos sujeitos da sala de aula, de modo a mediar o entendimento do estudante para que a discussão sobre a disciplina e a

indisciplina pudesse contribuir para a elaboração dos combinados que poderiam orientar nossas ações. A relação professora e estudante precisava ser significativa para ambos. A questão desafiadora seria como despertar a curiosidade desses sujeitos para poder transformar a indisciplina resistente em uma disciplina percebida e necessária para o rigor da aprendizagem e para se manter o respeito e a compreensão nas condutas entre pares, sem gerar medo, descaso ou até mesmo raiva. Ambas as reações causam condutas que negam a ordem apresentada com repúdios verbais (xingar, gritar, responder de forma inadequada, negar-se a fazer algo) ou corporais (fazer caretas, balançar os ombros para cima e para baixo, bufar – expelir o ar pela boca com força –, fazer sinais de insatisfação com os braços ou as mãos). O/A professor/a precisa entender a conduta do estudante e o estudante precisa entender a conduta do/a professor/a com diferentes leituras e percepções.

Ao receber os estudantes e realizar as primeiras sondagens escritas e orais, foi possível verificar que entre trinta e dois somente dezoito sabiam decodificar frases e realizar cálculos de adição e subtração; ou seja, mais da metade da quantidade de estudantes tinha fragilidades e defasagem em suas aprendizagens. Por essa razão, a dispersão nos momentos das atividades eram constantes e pior, mesmo sem ter os conhecimentos sistematizados adquiridos, não se percebiam inclusos na sala de aula como sujeitos que podiam opinar, questionar, duvidar, compartilhar e contribuir com a melhoria das relações, condutas e também na formulação dos combinados que foram anunciados na primeira semana de aula, com argumentos e lembrete de que precisávamos juntos formular a escrita dos nossos combinados e com as nossas ações refletir sobre a questão da disciplina e indisciplina na sala de aula. Isso ocorria sempre na aula inicial e com retomadas na aula final.

O objetivo foi fazer com que os estudantes participassem de todo o processo de percepção do que seria a disciplina na sala de aula e o que não era, a partir de análise, construção e reflexão que poderiam ser positiva ou negativa, pois a faixa etária entre dez e catorze anos de idade e as condições sociais adversas (alguns com família, moradia e condições dignas de vida e outros sem moradia com saneamento básico e os responsáveis em situação prisional, viviam com parentes ou conhecidos que tentavam de alguma forma manter a subsistência de vida) compunham o grupo diversificado e desafiador, entre a vontade de querer aprender e a vontade de fazer algo para poder se livrar do que lhe era apresentado e não tinha significância alguma com a sua realidade vivida e a aprendizagem a ser adquirida.

Ao começar a conhecer as situações vividas, foi necessário manter o foco para a prática da professora porque, além de iniciar a ação-reflexão com foco na construção de um convívio

harmonioso na relação professora e estudante, era primordial, porém, não fazer essa reflexão sem ação ativa dos estudantes, o que não faria sentido para lhes garantir a eficiência e qualidade de uma aprendizagem significativa. Era necessário fazer despertar o potencial que cada um tinha, fazer com que todos se percebessem pertencentes a uma turma, pois, apesar de suas diferenças, é a partir das diferenças que começamos a perceber outras possibilidades de transformar a realidade daqueles sujeitos quanto à sua percepção de sala de aula, relação professora e estudante, para assim se sentir parte do espaço escolar.

O nosso trabalho de professor, de professora deve ter a sutileza de compreender não só o potencial do estudante de imediato, mas ter o respeito ao desenvolvimento desse sujeito que está em processo permanente de transformações físicas, biológicas, sociais e intelectuais, e, portanto, passa por orientações e reorientações. Cabe a nós, professoras e professores, fundamentados em nossas práticas, termos consciência de que não conseguiríamos transformar o que é considerado um ato indisciplinado em disciplina sem a participação das pessoas mais importantes e desafiadoras da presente pesquisa, que são os estudantes, atentos ou não.

Chegamos ao final da pesquisa retomando os objetivos propostos e podemos considerar que os estudantes não identificavam a relação existente nos processos disciplinares estabelecidos em sala de aula porque não existia a interação com o diálogo e a escuta entre estudantes e os/as professores/as que faziam parte da história escolar deles. Foi novidade uma professora querer conversar e escutar seus questionamentos com relação à disciplina e indisciplina na sala de aula.

Assim se deu a tentativa de aproximação, ora por conversas verbais, ora por questionário, mas com intenção de se demonstrar a vontade de querer compreender junto com eles e elas a possibilidade de analisar a relação entre a disciplina e a indisciplina existentes na sala de aula, a partir de reflexão em conjunto, considerando as vivências escolares, familiares e sociais.

Foi muito desafiador vivenciar as atribuições da professora com medos e conflitos perante uma turma cuja diversidade de suas histórias proporcionou analisar dados reais. Os participantes da pesquisa puderam relatar os conflitos “gerados pela indisciplina” e que, ao final de cada conversa, com o passar de algum tempo, tiveram a consciência de que tais atos poderiam ser resolvidos de outra forma; mas, no auge da discussão, condutas impulsivas foram classificadas como indisciplina.

Ao saber de suas perspectivas com relação à sala de aula e sobre a aprendizagem, pode-se perceber que a escola ainda é, para muitos dos estudantes, lugar de refúgio e possibilidade

de sucesso na vida adulta. Alguns revelaram as suas metas para o futuro, mas a maioria só queria estar junto dos colegas para conversar, sentir-se pertencente a um grupo, ter o respeito da professora, ser ajudado, ser notado, ser amado.

A escola Transformação, assim como o nome fictício, tem coisas para ajustar; uma delas e a principal (não desconsiderando outros elementos que fazem a escola funcionar) é a comunicação com os estudantes e as famílias, no que diz respeito aos direitos e deveres de ambos, de modo sucinto, afixado em local de fácil visualização, e explicações pertinentes a questões de disciplina e indisciplina e relatar a importância de se falar sobre elas.

A presente pesquisa projetou uma relativa importância ao diálogo, mas a surpresa foi que os estudantes queriam escutar palavras e comprovar ações de respeito para com eles. As questões de faltas em excesso foram amenizadas com a presença constante da professora que, mesmo sem forças ou com alguma indisposição, ia trabalhar, não deixava a turma. Não foi fácil, pois dificilmente o/a professor/a que assumia a turma na ausência da professora queria voltar, com a alegação de que os estudantes eram impossíveis.

Qualquer um que entrasse na sala de aula para garantir as aprendizagens dos estudantes passava por uma espécie de verificação de paciência, como eles afirmavam; queriam tumultuar para garantir um tempo livre para as suas conversas e troca de ideias.

Aprenderam que quando quisessem algo ou alguma coisa, bastava iniciar o pedido de uma forma respeitosa, considerando que cada sujeito percebe situações sob outra ótica. Aprenderam que não se deve fazer julgamentos a partir de opiniões, mas, sim, considerar fatos. Ao conversar com eles sobre suas fragilidades e defasagens na aprendizagem, fomos construindo, a partir de suas dúvidas, meios que os levassem a refletir sobre a disciplina necessária ao processo de aprendizagem e de relacionamento.

Os estudantes não consideravam os combinados como algo que poderia ser construído com a participação no diálogo e na escuta. Começaram a perceber o significado de escola, sala de aula, disciplina e indisciplina a partir das reflexões ao longo do ano letivo e perceberam que os combinados foram construídos com a participação de todos; assim, conseguiram perceber que alguns itens que estavam organizados daquela maneira eram pertinentes ao bom relacionamento na sala de aula. A diferença é que não haviam sido apresentados como possibilidade de ser daquele jeito e não de outro, porque antes não havia uma construção em conjunto, a partir das necessidades da turma. Ao final da pesquisa, puderam perceber que suas falas (dos estudantes) tinham e têm grande valia.

Com o final do ano letivo de 2019, os trinta e dois estudantes matriculados regularmente no quinto ano dos Anos Iniciais, foram aprovados, sendo que seis (uma menina e cinco meninos) foram aprovados pelo Conselho de Classe, por conta de suas defasagens escolares que tiveram um avanço considerável no quarto bimestre, mas precisariam de acompanhamento pedagógico em outra Unidade Escolar, pois com a aprovação passariam a frequentar o sexto ano dos Anos Finais e a rotina de estudos e de interação com o/a professor/a ocorreria de modo distinto do que estavam habituados.

As notas e a evolução das aprendizagens de cada um deles foram apresentadas por meio de relatório individual e posteriormente para as mães, pais e/ou responsáveis, na última reunião do ano letivo de 2019. Falar e mostrar as notas e os trabalhos entregues e realizar a revisão desses materiais despertou nos estudantes a importância de participar das aulas, com registro, questionamento e tirar dúvidas, levando em consideração que não há pergunta “boba”, como eles alegavam o motivo pelo qual não faziam perguntas, por terem medo e/ou vergonha de serem julgados pelo/a professor/a ou pelos colegas da sala de aula.

Aprenderam que é preciso dizer a verdade sobre a sua aprendizagem ou não, dizer que não entendeu é um modo de poder contribuir para a prática pedagógica em ter que rever ou refazer algo que foi planejado para que possa atingir as diversidades de entendimento e de apropriação do conhecimento que é único do indivíduo; pode ser até parecido, mas cada um tem que aprender a desenvolver a sua estratégia de se aprender algo e isso é conseguido por meio do diálogo, da escuta, do olhar, do equívoco, da pesquisa e dos resultados alcançados ou não.

As famílias se surpreenderam com as ações pedagógicas desenvolvidas no ano de 2019, pois os estudantes foram ativos na busca de superação de suas defasagens escolares e puderam mostrar para as suas famílias e para si mesmo que eram capazes de fazer coisas que eram julgados incapazes de fazer, por preguiça, vadiagem ou por não terem responsabilidades.

A última reunião de pais e mestres foi marcada pela apresentação dos relatórios individuais, notas e agradecimento pela parceria e atenção às solicitações durante o ano. Dentre as variadas falas de agradecimento, uma se destacou pela narrativa entre lágrimas e olhar nos olhos: “Professora, queria lhe agradecer por acreditar na minha filha e não ter desistido dela. A senhora foi mais do que uma professora, foi amiga, protetora, posso dizer que foi mais que uma mãe”. Seguido de um forte abraço, a mãe não acreditou no avanço da filha que foi aprovada com mérito nos seus estudos e a mudança ocorreu pois ela passou a tirar as suas dúvidas durante as aulas.

Uma surpresa inesquecível ocorreu nesse dia. Para fazer o encerramento, organizei uma mesa modesta com bolos, sucos e refrigerante, para que pudéssemos conversar um pouco para além das notas e documentos, mas os presentes, por alegarem falta de tempo, despediram-se e foram embora. Fiquei na sala com dois responsáveis que haviam chegado naquele momento da saída da maioria. Dos trinta e dois alunos, vinte e sete responsáveis compareceram naquela reunião, o que me deixou muito feliz, embora tenha ficado triste em seguida, pois a maioria foi embora.

Continuei a entregar os relatórios e, para a minha surpresa, a maioria que havia ido embora, voltou com um bolo de aniversário (descobriram a data na secretaria da escola, pois não comentava sobre o assunto, porque a maioria não tinha condições de fazer uma "festa" e isso incomodava os estudantes), presentes e uma linda orquídea. Junto com os responsáveis, compareceram à festa “surpresa” as professoras e os professores da escola junto com a diretora e a coordenadora pedagógica, para agradecerem pelo trabalho que foi desenvolvido naquele ano, pois, além de ajudar os estudantes, também ajudei de certa forma os colegas e a gestão escolar com aquela turma que era considerada a mais indisciplinada da escola.

Depois de tantas emoções, dois estudantes descobriram o local da minha residência e um deles foi se despedir e agradecer por ter aprendido tantas coisas com a professora que não desistiu dele, apesar de ser um garoto difícil (como ele se denominava). Ele ia morar com os avós em outro Estado, por considerar que precisava ter disciplina e que sua mãe não tinha tempo de acompanhar seus estudos. Novamente, entre lágrimas e abraços, nós nos despedimos.

No ano de 2020, ao assumir uma nova turma, veio o convite e o processo seletivo para ocupar o cargo de professora coordenadora da Unidade Escolar, local de trabalho onde foi desenvolvida a pesquisa. Colegas de trabalho incentivaram a minha participação no processo por acreditarem no meu desempenho e compromisso com as questões pedagógicas e pelo cuidado com o outro. Passado pelas etapas do processo, fui aprovada e sigo com um novo desafio, agora trabalhando na Coordenação Pedagógica da escola Transformação.

Foi uma experiência intensa e com muitos desafios; o principal foi ter paciência, pois os resultados começaram a aparecer em outubro de 2019. As tentativas de diálogo, escuta e olhar nos olhos criaram a possibilidade de conexão entre a professora e os estudantes, que passaram a se olhar também e a se respeitar, além de entenderem as diversidades nas aprendizagens de cada um.

Pesquisar e estudar sobre a disciplina e indisciplinada na sala de aula foi um aprendizado que pensei não ser capaz de dar conta pela carga emocional; afinal, lidava com crianças e

adolescentes que (a maioria) sofriam com a condenação de serem preguiçosos e ter que aceitar o que lhes era apresentado sem ter ao menos o direito de ser escutados. E, por não saberem lidar com certas situações, apresentavam atos considerados indisciplinados, mas não tinham noção do que seria a disciplina e para que ela poderia servir para a sua vida escolar e para sua vida cotidiana.

Espero que futuras pesquisas possam considerar não só a importância dos autores e das teorias voltadas para esses assuntos, mas considerem a participação efetiva dos sujeitos que fazem parte dos nossos estudos e das tentativas que fazemos de compreendê-los a partir das suas realidades vividas.

Todo meu respeito e agradecimentos aos autores que me deram fundamentações teóricas para escrever esta dissertação, as orientações e direcionamentos da minha orientadora Profa. Dra. Rosiley Teixeira e aos membros da banca, Profa. Dra. Adriana Aparecida de Lima Terçariol e Prof. Dr. Marcos Vinicius Francisco.

E presto uma singela homenagem apresentando os nomes e as iniciais do sobrenome dos participantes da pesquisa:

Alfredo Ferreira: A.F.

Amanda Martins: A.M.

Ana Clara: A.C.

Arthur Alves: A.A.

Arthur Vinicius: A.V.

Beatriz Mauricio: B.M.

Cauã Nickson: C.N.

David Ferreira: D.F.

Denner Cerqueira: D.C.

Eduarda Santos: E.S.

Eduardo Guedes: E.G.

Emily Ruiz: E.M.

Fernanda Lima: F.L.

Gabriel Conceição: G.C.

Guilherme Joaquim: G.J.

Hemilly Vitória: H.V.

Hiago Diniz: H.D.

Jeferson Alves: J.A.

João Guilherme: J.G.
Kauã Henrique: K.H.
Nicolly Nunes: N.N.
Pablo Henrique: P.H.
Pamela Oliveira: P.O.
Paulo Alcântara: P.A.
Pedro Dinardi: P.D.
Pedro Henriky: P.Y.
Rayssa Raquely: R.R.
Ricardo Nonato: R.N.
Richard Hideki: R.H. (transferido no 2º semestre).
Yasmim Xavier: Y.X.
Yasmin Lima: Y.L.
Yasmin Raquele: YR.

Obrigada pela leitura e que esse texto possa contribuir com as futuras pesquisas daqueles que acreditam no diálogo, na escuta e no olhar, olhar nos olhos...

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio G. **A indisciplina na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, Secretaria de Participação e Parceria, 2009.
- BULGACOV, Yara L. M.; VIZEU, Fábio. A relação pesquisador – pesquisados: uma contribuição da área de comportamento para a utilização do método de observação participante nos estudos organizacionais. In: ENANPAD, 30., 2006, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2006. Disponível em: <https://anpad.org.br/enanpada/2006/dwn/enanpad2006-eorb-1499.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2019.
- CANÁRIO, Rui. **O que é a Escola?** Um "olhar" sociológico. Porto: Editora Porto, 2005.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Disponível em: [kupdf.net_chizzotti-antonio-pesquisa-qualitativa-em-ciencias-humanas-e-sociais.pdf](http://kupdf.net/chizzotti-antonio-pesquisa-qualitativa-em-ciencias-humanas-e-sociais.pdf). Acesso em: 23 fev. 2020.
- DEWEY, John. [1933]. **Como pensamos**. Como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. 3. ed. Tradução de Haydée de Camargo Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula**. 4. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2002. (Coleção Ciências da Educação).
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.
- FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.
- GOMES, Alessandro; FRANCISCO, Marcos Vinicius. Análise da proposta do Ministério Público para a mediação de conflitos nas escolas: concepções de gestão democrática e diálogo. **Dialogia**, São Paulo, n. 32, p. 108-119, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n.32.13757>. Acesso em: 9 dez. 2019.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

LA TAILLE, Yves de; JUSTO, José Sterza; PEDRO-SILVA, Nelson. Indisciplina disciplina: ética, moral e ação do professor. *In*: LA TAILLE, Yves de (org.). **A escola e os valores: a ação do professor**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 5-28.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Heccus, 2018.

LIMA, Maria do Socorro Martins. **Comportamentos indisciplinados na sala de aula: um estudo na perspectiva da subjetividade**. 2018. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34196>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LUCK, Heloísa. **Gestão da cultura e do clima organizacional da escola**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. [Reimp., 2018]. (Série Cadernos de Gestão).

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. **O governo pedagógico: da sociedade do ensino para a sociedade da aprendizagem**. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões na nossa época; v. 4).

PEDRO-SILVA, Nelson. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SÃO PAULO. **Decreto nº 48.781, de 7 de julho de 2004**: institui o programa Escola da Família. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/Legislacao.html>. Acesso: 10 maio 2018. 2004.

SENA, Mary Anne de O.; TEIXEIRA, Rosiley A. Diálogos sobre a (in) disciplina na escola: o que nos interessa. *In*: MAFRA, Jason F.; TEIXEIRA, Rosiley A. (org.). **Educação: A importância do ato de ler**. Curitiba: CRV, 2019. p. 153-166.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

TEIXEIRA, Rosiley Ap. Os manuais didáticos e as concepções de disciplina e indisciplina na sala de aula: Uma problemática de governo da infância. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DA HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 22., 2014, Santos. **Anais eletrônicos** [...]. Santos: ANPUH-SP, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406769694_ARQUIVO_TEXTO_anpuh2014-30-07.pdf. Acesso em: 5 fev. 2019.

TEIXEIRA, Rosiley Aparecida; VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões (org.). Memórias de Escolarização e Práticas da Subjetivação dos sujeitos. *In*: TEIXEIRA, Rosiley Aparecida (org.). **Memórias de escolarização e as razões improváveis de sucesso escolar**. São Paulo:

BT Acadêmica, 2014a. p. 18-36.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, dezembro de 2005. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 fev. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos pedagógicos do Libertad; v. 4).

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar**: Fundamentos para o trabalho professoral. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em formação. Série Problemáticas Transversais).

VILASSANTI, Eliane Castro. **Escolas públicas e a configuração do clima social escolar**. 2011. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

APÊNDICE A – Autorização para realização de pesquisa

Eu, _____
portador/a da cédula de identidade, RG.: _____,
Diretora da E.E. "XXXXXXXXXXXX" autorizo a professora/pesquisadora: Mary Anne de Oliveira Sena, realizar a pesquisa no horário de aula sem ônus para os/as estudantes/as participantes por intermédio fotografias, anotações, questionários e entrevistas, para posteriormente divulgar em sua pesquisa de mestrado sobre a temática.

A pesquisa da dissertação de mestrado, cujo título: "DISCIPLINA E INDISCIPLINA NA SALA DE AULA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO", visa compreender como estudantes narram as questões de indisciplina na sala de aula e em consequência na escola. Aluna do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho – PROGEPE/ UNINOVE – Linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE), fará a pesquisa como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre.

A metodologia utilizada será a metodologia ação-intervenção, cujas características principais são: a dialogicidade, a prática transformadora e a pretensão de fazer ciência; de acordo com as questões levantadas pelos estudantes buscar-se-á meios para possibilitar a mediação da mesma. O intuito da pesquisa é ouvir, observar e dialogar com os pares, para a resolução dos conflitos identificados na escola. A coleta de dados será no primeiro semestre de 2019.

São Paulo, _____ de fevereiro de 2019.

Assinatura

APÊNDICE B – Autorização para participação do estudante em pesquisa

Eu, _____
_____ portador/a da cédula de identidade,
RG.: _____, autorizo meu/minha filho/a,
estudante _____ do 5º ano da E.E.
"XXXXXXXXXX" a participar da pesquisa, cujo título: " DISCIPLINA E INDISCIPLINA
NA SALA DE AULA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO", para
compreender como estudantes narram as questões de indisciplina na sala de aula e em
consequência na escola.

O intuito da pesquisa é ouvir, observar e dialogar com os estudantes, para resolução dos
conflitos identificados na escola. A coleta de dados será realizada no primeiro semestre de 2019.

Autorizo a professora/pesquisadora: Mary Anne de Oliveira Sena a registrar os
encontros por meio de fotografias, anotações, questionários e entrevistas, para posteriormente
divulgar em sua pesquisa de mestrado sobre a temática.

São Paulo, _____ de fevereiro de 2019.

Assinatura

APÊNDICE C – Nome, segundo nome e iniciais adotadas para identificar os estudantes

Objetivo: Organizar e localizar as falas dos estudantes que participaram da pesquisa ativamente, bem como conhecer a breve história social de cada um deles, considerando a percepção individual e na escola.

Alfredo Ferreira: A.F.

Amanda Martins: A.M.

Ana Clara: A.C.

Arthur Alves: A.A.

Arthur Vinicius: A.V.

Beatriz Mauricio: B.M.

Cauã Nickson: C.N.

David Ferreira: D.F.

Denner Cerqueira: D.C.

Eduarda Santos: E.S.

Eduardo Guedes: E.G.

Emily Ruiz: E.M.

Fernanda Lima: F.L.

Gabriel Conceição: G.C.

Guilherme Joaquim: G.J.

Hemilly Vitória: H.V.

Hiago Diniz: H.D.

Jeferson Alves: J.A.

João Guilherme: J.G.

Kauã Henrique: K.H.

Nicolly Nunes: N.N.

Pablo Henrique: P.H.

Pamela Oliveira: P.O.

Paulo Alcântara: P.A.

Pedro Dinardi: P.D.

Pedro Henriky: P.Y.

Rayssa Raquely: R.R.

Ricardo Nonato: R.N.

Richard Hideki: R.H. (transferido no 2º semestre).

Yasmim Xavier: Y.X.

Yasmin Lima: Y.L.

Yasmin Raquele: YR.

APÊNDICE D – Questionário de pesquisa: estudantes

Objetivo: Verificar por meio da escrita a opinião dos estudantes a respeito das questões apresentadas e tentar uma aproximação para promover o diálogo.

Nome: _____ Data: ____/____/____

Data de nascimento: _____ Local: _____ Idade: _____

Mora com quem?

O que é importante saber sobre você? Explique

O que é importante saber sobre o seu comportamento na sala de aula? Explique.

Você gosta de estar na sua sala de aula? Explique.

O que você não gosta e que acontece na sala de aula? Explique.

Qual a sua opinião sobre a escola? Explique.

Você sabe o que é ter disciplina na sala de aula? Explique.

Você sabe o que é ter um comportamento indisciplinado na sala de aula?

Como seria a sua sala de aula ideal? Explique.

Como seria o comportamento da professora ou do professor ideal para garantir a disciplina na sala de aula? Explique

Qual o tipo de comportamento da professora ou do professor que você não gosta? Explique.

Você se considera motivado para estudar e frequentar às aulas? Explique

Agradeço a sua participação na pesquisa.

APÊNDICE E – Transcrição dos áudios das conversas com os estudantes sobre a disciplina e a indisciplina

Transcrição do áudio 4:46' realizada no dia 11/02/2019 período da manhã. Os estudantes iniciaram o ano letivo no dia 04/02/2019, que foi o segundo dia letivo do ano de 2019. No primeiro ocorreu a Reunião de Pais e Mestres, na qual falei sobre a pesquisa que seria desenvolvida com os estudantes durante o ano. Havia metade dos responsáveis presentes. Apresentei a pesquisa, os objetivos e deixei aberto para questionamentos ou dúvidas. Não se manifestaram, mas todos os presentes aceitaram que seus filhos e filhas participassem da pesquisa e também assinaram autorização para o registro das imagens. Expliquei para os estudantes o que havia conversado com seus pais e/ou responsáveis durante uma semana e no dia mencionado acima consegui iniciar a gravação. Fizemos um combinado, de que quando a turma estivesse completa, seria um bom dia para nos reunirmos para conversar sobre o tema. Nesse dia, o tema foi disciplina. A sala de aula foi organizada em círculo para que todos pudessem se olhar e escutar o que os colegas tinham a dizer. Antes expliquei que a disciplina pesquisada tinha a ver com compromisso a partir de combinados, organização nas relações entre as pessoas e com o espaço, além da utilização dos materiais. Depois da conversa, tínhamos um momento para construir os nossos combinados, mas durante as aulas, no pátio, na entrada, saída e em outras aulas, todos estariam sendo observados para que com os registros, possamos ter dados de condutas que poderiam nos ajudar a refletir sobre como elas poderiam melhorar ou atrapalhar o relacionamento entre professora-estudantes e estudantes-estudantes.

Professora Mary:

– Começando a pesquisa hoje, eu vou ouvir os estudantes sobre o que eles pensam, o que eles identificam e o que é o conceito que ele tem quando ouvem a palavra disciplina?

– O que é disciplina?

Estudante A.A:

– Disciplina é respeito é educação, matéria por exemplo: hoje eu vou estudar disciplina de Português, hoje eu estudei disciplina de Matemática e é isso. Disciplina para mim é isso.

Professora Mary:

– Ok. E para você (indicando um estudante que tinha levantado a mão) o que é disciplina?

Estudante D.C.:

– Disciplina é se comportar na sala de aula, estudar, obedecer o que a professora está falando, entender as coisas, senão vai fazer errado.

Professora Mary: E para você (indicando um estudante que tinha levantado a mão) o que é disciplina, quando você ouve a palavra disciplina, o que você pensa?

Estudante M.R.:

– Disciplina é você chegar no lugar e se comportar e é a mesma coisa que o A. A falou, você tem que chegar na escola, fazer as lições direitinho e entregar tudo na hora certa.

Professora Mary:

– Ok. E para você (indicando um estudante que tinha levantado a mão), o que é disciplina?

Aluna Ed.:

– Disciplina é quando o professor manda, ou até as tias do pátio manda fazer alguma coisa e você obedece o que eles mandam, fazer a lição na hora certa, enfim, tudo isso.

Professora Mary:

– E para você (indicando um estudante que tinha levantado a mão) o que é disciplina?

Estudante P.D.:

– Disciplina é quando você aprende coisas e escreve as respostas.

Professora Mary:

– Ok, isso é disciplina? Ok.

Professora Mary:

– Ok. E para você, o que é disciplina?

Estudante J.A.:

– Disciplina é respeitar a professora e fazer as lições de casa

Professora Mary:

– Disciplina é fazer a lição de casa. Ok.

Professora Mary:

– E para você, o que é disciplina?

Estudante D.F.:

– Disciplina é fazer a lição, tudo o que a professora manda e os professores manda a gente fazer.

Professora Mary:

– Certo. Alguém mais quer falar o que é disciplina? (aguardo e ninguém se manifesta).

Professora Mary:

– Então, agora eu vou para outro termo. Vocês falaram o que é disciplina. E na maioria das respostas, a palavra que mais aparece é se comportar, obedecer. Agora eu vou falar outra

palavrinha, e vocês vão me dizer, a partir do conhecimento de vocês, quando ouvem essa palavra que vou dizer o que significa isso: a palavra é indisciplina. O que que é indisciplina?

O que você entende por indisciplina?

Estudante R.R.:

– Não respeitar os professores, bater nos colegas, não terminar os deveres e ficar conversando no meio da aula.

Professora Mary:

– Certo. E para você, o que é indisciplina?

Estudante A.A.:

– Indisciplina é faltar com respeito aos colegas, professores e aos demais.

Professora Mary:

– Certo. E para você, o que é indisciplina?

Estudante D.C.:

– Indisciplina é ficar bagunçando na sala de aula enquanto os professores saem.

Professora Mary:

– Certo. E para você.

Estudante R.H.:

– Disciplina é...

Professora Mary:

– Indisciplina.

Estudante R.H.:

– É, esse negócio aí.

– É desrespeito aos professores, apronta no recreio, não obedece.

Professora Mary:

– Certo. E para você, o que é indisciplina?

Estudante J.A.:

– Indisciplina é não fazer as lições de casa e não obedecer aos pais, é isso.

Professora Mary:

– Indisciplina é não obedecer aos pais. Agora entrou os pais.

Professora Mary:

– Certo. E para você.

Estudante A.V.:

– Disciplina é respeitar o professor.

Professora Mary:

– Indisciplina

Estudante A.V.:

– Indisciplina?

Professora Mary:

– É. Que é ao contrário da disciplina.

Estudante A.V.:

– É ... esqueci!

Professora Mary:

– Esqueceu? Tá.

Alguns estudantes dão risadas, indicando que não querem falar. Ao fazer gestos, solicitando a participação, um estudante levanta a mão e o colega C.N. diz:

– Ali, ó...

Estudante D.F.:

– Indisciplina é uma pessoa que não faz a lição, só bagunça e só fica brincando na sala, não respeita ninguém.

Estudante M.R.:

– Indisciplina é um estudante que não faz a lição, não respeita os seus pais, não respeita a professora e só fica brincando na sala de aula.

Professora Mary:

– Alguém mais quer falar?

Aluna Ed.:

– Indisciplina é quando eu não respeito os pais, os professores, seus superiores, não faz os deveres, não arruma o quarto, enfim, essas coisas.

Professora Mary:

– Muito bem. Alguém mais quer falar? Não?

Conversas ao fundo do áudio.

Encerrei a gravação.

APÊNDICE F – Conversa com os estudantes sobre a opinião deles referente à escola e à indisciplina

Na Transcrição do áudio 10:32' em 18/04/2019, expliquei que a gravação do áudio fazia parte da pesquisa e que as informações e os relatos seriam muito importantes para compreender qual a opinião deles sobre a escola. Antes de iniciar a gravação, houve combinados de quem não quisesse participar, fizesse um gesto com a mão. A sala estava organizada em fileiras.

Alguns educandos, durante as perguntas, se esquivavam, outros prestavam atenção e esperavam a sua vez para falar. Enquanto caminhava entre eles, foi possível perceber que alguns desenhavam, outros estavam calados, alguns tentavam chamar a atenção dos colegas para conversas paralelas. Ao terminar a gravação do áudio, e perguntar como haviam se sentido nesse momento, ocorreu um breve silêncio, pois a maioria não estava acostumada em participar de momentos de escuta e conversas. A participação foi satisfatória, mesmo com timidez de trinta e dois estudantes, vinte participaram dando a sua opinião. As reuniões ocorrem quando todos os educandos matriculados estão presentes na sala de aula, para marcar o momento da pesquisa. Existem alguns estudantes com faltas em excesso e dificilmente a sala está com todos presentes.

Professora Mary

– A pergunta que vou fazer agora para vocês é sobre a opinião que vocês têm sobre a escola. Então a pergunta é assim: a escola para você é o que? O que representa a escola pra você? Vamos começar?

– Sim

Você pode falar A.A.?

Balança a cabeça dizendo que sim.

– A escola pra mim, representa estudo, tirar as dúvidas, conversar, dialogar, entender o outro, respeitar.

– A escola pra você é isso?

Balança a cabeça e responde que sim.

– O que é a escola para você, A.V.?

– Você gosta de vir à escola?

– Sim.

– Você gosta de estudar?

- Sim.
- Quando você tem dificuldade com alguma coisa, você consegue expressar ou não?
- Não.
- Você não consegue expressar suas dificuldades?
- Não.
- D.F., o que é a escola para você?
- A escola pra mim é aonde eu aprendo a respeitar o próximo e a fazer as coisas que eu mais gosto que é estudar.
- Isso é a escola pra você?
- Sim.
- G.H., o que é a escola para você?
- A escola pra mim é um ambiente para gente aprender mais, e quando a gente tiver uma dificuldade, a professora, né, tira a nossa dificuldade.
- O que é a escola para você, B.M.?
- A escola pra mim é um lugar que você aprende, pergunta as dúvidas, fala as dúvidas para professora responder.
- O que é a escola para você, E.M.?
- A escola pra mim é um lugar que tem que estudar, né, que tem que ter educação, e é só isso.
- O que é a escola pra você, Y.X.?
- É um lugar para começar. Porque quando eu era pequena, eu não tive oportunidade de estudar, e eu sempre perguntava: pai, eu quero estudar, eu queria aprender.
- E por que você não teve oportunidade de estudar?
- Porque antes o meu pai não tinha muito dinheiro pra pagar uma escola boa.
- Na escola pública não poderia ser?
- Não, porque eu morava muito longe das escolas públicas e não tinha o transporte para mim vim.
- Entendi. Então a sua atitude de criança, sempre foi querer estudar?
- Sim.
- E você entrou na idade certa na escola, por exemplo, no primeiro ano, você estava com sete anos, ou não?
- Eu acho que quase fazendo oito anos...
- Foi na escola particular?
- Foi nessa escola aqui.

- Nessa escola aqui?
- Uhum.
- E você não morava aqui perto?
- É
- Então a escola é o que para você?
- É um lugar onde eu posso recomeçar e aprender muito mais do que eu já sabia.
- Recomeçar? Recomeçar em que sentido?
- De aprender novas coisas, que é bom recomeçar.
- Esse recomeçar que você diz na escola, seria o quê?
- Aprender novas coisas que eu nunca tinha aprendido.
- Recomeçar é aprender novas coisas, então, você gosta da novidade, do estudar, do conhecimento...
- É.
- Tá bom, obrigada.
- J.A., o que é estudar para você?
- Estudar pra mim é: aprender, obedecer a professora e ajudar os colegas.
- Ok.
- A escola ou o estudar? Você quer falar da escola ou do estudar?
- Do estudar para aprender, respeitar.
- E a escola para você, o que é?
- Aprender.
- Aprender?
- Sim.
- Obrigada.
- A escola para você, P.O., o que é?
- A escola pra mim é onde eu vou aprender muitas coisas que eu vou levar pra minha vida inteira.
- Ok, P.O.
- E para você, N.N.
- É o meu passatempo, porque quando eu chego em casa, não tenho mais nada para fazer, aí eu gosto de ficar lendo.
- É? A escola para você é o seu passatempo?
- É.

- Em casa você fica sozinha?
- É, mais ou menos.
- É, você tem tarefas para fazer?
- Não, porque eu fico na casa da mulher que cuida de mim, então, lá, não...
- Você gosta da situação, ou não gosta?
- Não... é porque lá, também não tem criança para brincar, e eu fico mais sozinha.
- Entendi. É só pelo cuidado mesmo, né?
- Sim.
- E.S., o que é a escola para você?
- A escola pra mim é o lugar que você vem para aprender novas coisas, você fica mais inteligente, faz novas amizades, é isso.
- É o relacionamento também, não é só o estudar, né? É isso?
- Sim, porque eu não conheço pessoas fora da escola, eu só tenho amigos na escola.
- Certo.
- Porque, não onde eu moro, não é um lugar que tem muita gente na rua, tipo, na minha rua eu não conheço ninguém, lá no bairro eu também não conheço ninguém.
- Então, aqui é um momento de interação?
- Aqui é aonde eu tenho amizade.
- Entendi.
- Fala F.L., tá com vergonha do que? O que é a escola para você...?
- Fala F.L.?
- Ah, é como a E.S. falou, a escola é um passatempo. Quando a minha mãe falou, se eu queria faltar na escola, eu falo que não quero. Quando ela fala que eu tenho que faltar, eu choro...
- Então, você gosta de vir. Esse ambiente para você, é bom, é isso? A escola em todos os sentidos é bom, ou tem alguma coisa que você não gosta na escola?
- Não, eu gosto da escola... (fez sinal que não queria falar mais)
- Ok. Obrigada.
- A.M., o que é a escola para você?
- É... o começo de uma nova vida ...
- É o começo de uma nova vida? Por que é um começo de uma nova vida?
- Porque a gente vai aprender as coisas para ter um trabalho, fazer uma faculdade...
- Você quer fazer uma faculdade? Então você vai continuar com os seus estudos? É isso?
- Sim.

- Você gosta de estudar?
- Sim.
- Gosta da escola?
- Sim.
- Gosta de vir para cá?
- Sim. (timidamente, respondeu positivamente).
- O que você quer falar mais sobre a escola?
- Só isso.
- Ok.
- R.R., o que é a escola para você?
- Você gosta de estudar, de vir para a escola? Pode falar! Não tem problema. Você não quer falar?
- R.R balançou a cabeça negativamente.
- Ok.
- D.C., o que é a escola para você?
- A escola pra mim é ter aprendizagens e conhecimentos para as crianças e também quando as crianças estão querendo aprender, outras crianças não querem mais, querem ficar bagunçando...
- E isso atrapalha?
- Sim.
- A questão da bagunça atrapalha o estudar?
- Sim.
- Você acha que era possível viver sem bagunça?
- Sim, talvez...
- Como seria?
- Seria, na sala de aula, todos quietos, aprendendo, fazendo a lição corretamente...
- A bagunça pra você, te atrapalha?
- Sim.
- Atrapalha como?
- Quando as pessoas ficam conversando, brincando, jogando papel...
- Isso te atrapalha?
- Sim.
- Você quer falar mais alguma coisa sobre a escola?
- Não.

- Ok.
 - P.D., O que é a escola pra você?
 - Humm, estudar.
 - Ahã, que mais?
 - Aprender.
 - Ahã, que mais?
 - E... só.
 - Só? Tá bom, P.D. Obrigada.
 - J.G, e o que é a escola para você?
 - Nada!
 - A escola pra você, não é nada?
 - Aham, eu gosto da escola, para mim se divertir, de fazer a lição...
 - Mas você faz a lição?
 - Faço.
 - Você obedece?
 - Sim.
 - O que você está fazendo nesse momento, agora? (Estava desenhando no caderno).
 - Hummm...
 - Durante a nossa conversa?
 - Hummm...
 - E aí, como é que é isso? (continuou desenhando).
 - Você quer falar mais alguma coisa sobre a escola?
 - Não
 - O que é a escola para você, K.H.?
 - Que aprende!
 - Que aprende? E o que mais?
 - Que tira as dificuldades...
 - E você acha que ela consegue tirar as dificuldades?
- Balança a cabeça positivamente.
- E uma escola, você acha que uma escola tem que ser, tranquila, ela tem que ter muita conversa, como é que tem que ser essa escola para você? Como é uma escola boa para você?
 - Tem que ter conversa e lição.
 - Tem que ter conversa, claro, lição e o que mais?

- Tem que ter comportamento.
 - Comportamento é importante? Por quê?
 - Que comportamento é importante para você?
 - Obedecer.
 - Obedecer? Mas só obedecer, ou tem mais alguma coisa?
 - Só.
 - Só obedecer assim: Fala e eu obedeço. Eu preciso perguntar, por que eu tenho que obedecer?
 - Não.
 - Preciso conversar sobre comportamento, ou não precisa?
 - Não.
 - P.A., o que é a escola para você?
 - Pra mim é para tirar dúvidas, a escola é legal porque me ajuda na aprendizagem, me ajuda muito.
 - Você gosta de estudar, você gosta da escola?
 - Gosto! Gosto muito.
 - P.A., o que é a escola para você?
 - Nada.
 - Nada? Não é nada para você?
 - É... é alguma coisa, né.
 - O que, que é alguma coisa? Vamos ver se eu consigo "tirar", o que que é essa alguma coisa pra você.
- Fica em silêncio e esconde o rosto.
- Você não quer falar?
- Balança a cabeça negativamente.
- Tá bom.
 - M.R., o que é a escola para você?
 - A escola é tudo!
 - A escola é tudo para você?
 - Sim, ela faz a gente aprender, pra quando a gente crescer, trabalhar e ter uma faculdade.
 - E essas ações que você fala de trabalhar e ter uma faculdade, a partir da escola, o que significa isso pra você?

- É ... primeiramente, porque eu tenho que estudar muito, respeitar os professores e as professoras... e da questão da faculdade e do trabalho, pra sustentar a minha família e fazer umas boas ações para as pessoas que não têm casas... (ficou emocionado).
- E a escola, é o que para você?
- É tudo, igual ao que A.A. falou, é legal, nós tem estudo, divertimento, é tudo.
- Ahã, é tudo?
- Sim, é tudo.
- Ok.

Após terminar a conversa, expliquei que continuaríamos com uma outra questão e a pergunta foi: "Alguém já falou para você... ou você já teve um ato considerado indisciplinado na escola? Em seguida, algumas mãos foram levantadas e assim iniciou o áudio com 13:55' de duração.

J.A. – Sim. Uma vez eu tava brincando e o menino me empurrou e eu também empurrei ele, aí a gente ficou lá no cantinho.

Professora – Esse foi o ato indisciplinado? E depois ficou tudo resolvido?

J.A. – Sim.

P.O. – Eu não lembro muito, mas eu acho que... ahã...eu tava na sala e eu e outra menina, então a gente começou a tipo bate boca e a gente continuava e não terminava, mas depois a gente parou e percebeu que não tinha nada a ver a discussão.

Professora – Quem estava na sala, a professora, brigou com vocês?

P.O. – Ela só mandou parar. Hoje eu percebo que discuti por coisa boba.

Professora – Você já teve algum ato considerado indisciplinado que deu problema na sala de aula, com professor ou com estudante?

E.S. – Sim.

Professora – Qual que foi?

E.S. – Eu já tive vários. No ano passado e quando eu tava no segundo ano.

Professora – Você poderia contar pra gente? Não precisa citar nomes.

E.S. – Foi meio que eu baguncei e também foi as outras pessoas. Eu tava no recreio e tava tendo meio que uma briga e quando eu fui passar pelo banco, colocaram o pé para mim cair. Eu comecei a reclamar e aí as inspetoras vieram e me chamaram para sentar no banco e chamaram as outras pessoas que estavam brigando e tudo mais. Aí acabou que eu levei uma advertência.

Professora – E depois, tudo ficou resolvido?

E.S. – Sim.

Professora – Você já teve problemas com professor ou algum colega sobre a questão de indisciplina, de não obedecer ou algo semelhante?

E.S. – Já tive com professora.

Professora – Você pode comentar?

E.S. – Sim. Uma professora, eu confesso que hoje me arrependi de ter feito aquilo, mas tipo, eu me arrependo muito de ter feito aquilo, porque eu não obedecia muito, eu não gostava da professora e acabava não ligando e desviava da aprendizagem.

Professora – E por que você não gostava dela?

E.S. – Eu não gostava do jeito que ela falava...

Professora – Então, não gostava do jeito que ela te tratava?

E.S. – Sim, foi com duas professoras...

Professora – Certo, as duas tinha uma forma de te tratar que para você não era correto? Pode dizer que forma era essa?

E.S. – A do segundo ano era muito grossa, e eu não conseguia entender o que ela tava explicando e assim eu ficava chateada, e a outra professora que eu também não me dava muito bem era muito grossa com a gente.

Professora – O que te incomoda é como te tratam, o jeito de falar, de te responder as coisas... e isso atrapalhava a sua aprendizagem?

E.S. – Sim, eu preciso gostar e acreditar na professora para e interessar pela lição.

A estudante ficou em silêncio após a conversa.

Professora – Alguém mais gostaria de falar?

Ninguém se manifestou.

APÊNDICE G – Combinados elaborados com a turma de 5º ano

Objetivo: Elaborar combinados a partir das reflexões dos estudantes em conjunto com a professora. Repertoriar as frases que eram ditas. Os itens com marcadores ficavam exposto na sala de aula em local de fácil acesso e visualização. Após as discussões e sugestões, o resultado foi este:

- ✓ Falar um de cada vez;
- ✓ Escutar o que os colegas e a professora têm a dizer;
- ✓ Seja pontual e organizado com os horários estipulados;
- ✓ Seja cordial e respeitoso com as pessoas e o ambiente escolar;
- ✓ Fazer as tarefas no tempo previsto. Tenha compromisso com você!
- ✓ Escutar as explicações e fazer anotações e grifos necessários;
- ✓ Prestar atenção nas explicações e exemplificações, ficar desenhando e cutucando o colega atrapalha a sua aprendizagem e a dos demais;
- ✓ Não grite! Não fique batendo a régua ou outros objetos na mesa, isso atrapalha a concentração necessária para a aprendizagem;
- ✓ Procure ajuda sempre que se sentir confuso/a ou inseguro/a com algum acontecimento ou tarefa;
- ✓ Revise o que aprendeu, principalmente se ainda ficou com dúvidas;
- ✓ Não faça julgamentos sem saber sobre o fato ocorrido;
- ✓ Faça as tarefas que foram indicadas para suas dificuldades e registre as explicações e guarde o material escolar com zelo;
- ✓ Organize uma rotina de estudos. Estude todos os dias;
- ✓ Leia os combinados;
- ✓ Cumpra os combinados.

Refleta: Com disciplina na organização dos materiais didáticos, com os estudos, além do bom e respeitoso convívio entre as pessoas, vamos juntos, conseguir alcançar os nossos objetivos!